



ABBI GLINES

AUTORA DE PAIXÃO SEM LIMITES

Estranha
PERFEIÇÃO

Você abriria mão do seu futuro pela pessoa certa?





Estranha
PERFEIÇÃO



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra como propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

ABBI GLINES

Estranha
PERFEIÇÃO



Título original: *Twisted Perfection*

Copyright © 2013 por Abbi Glines

Copyright da tradução © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Victor Almeida

revisão: Renata Dib e Rebeca Bolite

diagramação: Adriana Moreno

capa: Rodrigo Rodrigues

imagem de capa: Jon Feingersh/Latinstock

adaptação para ebook: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Glines, Abbi

Estranha perfeição [recurso eletrônico] / Abbi Glines [tradução de Cássia Zanon]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

G476c

Tradução de: Twisted Perfection

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-282-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia. II. Título.

14-11178

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia – 04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

*Para Autumn Hull. Não é fácil me ouvir enquanto estou perdida
no meu processo criativo. Isso pode ser muito irritante.
Ter alguém para quem ligar e reclamar não tem preço.
Obrigada, Autumn.*

DELLA

*You are my sunshine, my only sunshine. You make me happy when skies are gray.**

Não pare de cantar agora, mamãe. Por favor. Desculpe por ter ido embora. Eu só queria viver um pouco. Mas eu não tenho mais medo. Preciso que você cante. Por favor, cante para mim. Não faça isso. Não vá para ele. Ele não era real. Não percebe? Ele nunca foi real. Ele morreu dezesseis anos atrás.

Eu devia ter contado sobre você. A culpa é toda minha. Você precisava de ajuda e eu não fiz nada. Eu estava com medo, talvez... medo de que eles a levassem embora.



– Della, querida, as suas mãos... Preciso limpá-las. Olhe para mim, Della. Ela se foi, mas você vai ficar bem. Levaram o corpo dela e está na hora de deixar esta casa para sempre. Por favor, Della, olhe para mim. Diga alguma coisa.

Pisquei para afastar as lembranças e me virei para Braden, minha melhor amiga. Ela estava limpando o sangue das minhas mãos com uma toalha molhada. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Eu devia ter me levantado e limpado aquilo tudo eu mesma, mas não consegui. Precisei que ela fizesse isso por mim.



Eu sempre soube que aquilo era inevitável. Talvez não exatamente como estivesse acontecendo. Eu nunca desejei que a minha mãe morresse. Na maioria das vezes, quando sonhava acordada com esse momento, eu me sentia culpada. Mas isso não me detinha. A culpa não era suficiente para me impedir de imaginar a minha liberdade.



Sempre achei que alguém perceberia que a minha mãe não estava bem e que eu não era uma garota esquisita que preferia ficar em casa o dia todo. Eu queria que as pessoas se dessem conta disso... Por outro lado, conquistar a minha liberdade significaria perder a minha mãe. Por mais louca que fosse, ela precisava de mim. Eu não podia deixar que a levassem embora. Ela só tinha muito medo... de tudo.



____ Trecho da música “ You Are My Sunshine”: Você é meu raio de sol, meu único raio de sol. Você me faz feliz quando o céu está cinzento. (N. da T.)

Quando Braden me deu o seu carro velho e disse para eu sair e conhecer o mundo, nenhuma de nós se lembrou do fato de que eu não sabia abastecê-lo. Eu tinha tirado minha carteira de motorista havia apenas três meses e só dirigira mesmo durante cinco horas. Abastecer nunca foi uma necessidade... até aquele momento.

Peguei o celular na bolsa. Ligaria para Braden e veria se ela conseguiria me explicar pelo telefone. Mas ela estava em lua de mel e eu detestava interrompê-la. Quando ela enfiou as chaves na minha mão mais cedo e disse “Vá explorar o mundo. Conheça a si mesma, Della”, eu havia ficado tão perplexa com o seu gesto que não pensei em perguntar nada. Simplesmente dei um abraço nela e a vi sair correndo com o seu novo marido, Kent Fredrick, para entrar na limusine.

O fato de que eu não sabia abastecer nunca passou pela minha cabeça. Meu tanque estava tão vazio que precisei parar em um pequeno posto de uma cidadezinha praiana no meio do nada. Rindo de mim mesma, ouvi a voz de Braden dizendo: “Não estou disponível. Se quiser falar comigo, sugiro que desligue e me mande uma mensagem de texto.” Caixa postal. Ela provavelmente ainda estava no avião. Eu teria que descobrir sozinha.

Saí do pequeno e velho Honda Civic vermelho. Por sorte, parei do lado certo da bomba de gasolina. Havia a portinha em que eu sabia que deveria enfiar a mangueira, já que vira Braden fazer isso antes. Eu ia conseguir. Bem, talvez.

Meu primeiro problema era que eu não conseguia entender como abrir aquela portinha mágica. Ela estava ali, mas onde estava a maçaneta? Fiquei olhando fixamente para ela por alguns segundos, então olhei ao redor para ver se havia alguém por perto que não parecesse assustador. Eu precisava de ajuda. Demorei dois longos anos de terapia para conseguir falar com estranhos. E, para ser bem sincera, mais do que o psicólogo que eu fora obrigada a visitar semanalmente, Braden tinha sido a grande responsável por me empurrar para o mundo, ensinando-me a viver.

Eu tinha a citação “A única coisa que devemos temer é o próprio medo”, de Franklin D. Roosevelt, colada no espelho do meu banheiro. Eu a lia todos os dias, ou pelo menos vinha lendo ao longo dos últimos três anos. Repeti a frase mentalmente e relaxei um pouco. Eu não estava com medo. Eu não era a minha mãe. Eu era Della Sloane e estava fazendo uma viagem de carro em busca de autoconhecimento.

– Você está bem? Precisa de ajuda? – Uma voz arrastada, profunda e suave me

assustou.

Virei-me e deparei com um cara sorrindo para mim do outro lado da bomba de gasolina. Seus olhos castanhos pareciam brilhar de divertimento. Eu não tinha muita experiência com rapazes, mas sabia que, mesmo quando são maravilhosos, não necessariamente são boas pessoas. Havia perdido a virgindade com um garoto sulista de fala mansa e um sorriso que fazia com que as meninas perdessem o juízo. Foi a pior experiência da minha vida.

Mas esse cara poderia ser útil. Ele não estava oferecendo sexo, mas ajuda. Pelo menos era o que eu achava.

– Eu não sei... eu, hum... Sabe, eu nunca...

Meu Deus, eu não conseguia nem terminar a frase. Como uma garota de 19 anos poderia explicar que não sabia abastecer um carro? Tive vontade de rir, mas cobri a boca. Ele ia achar que eu era louca. Engoli o riso o máximo que pude e sorri para ele.

– Eu não sei abastecer o carro.

As sobrancelhas escuras e elegantes do cara se ergueram de repente e ele me observou por um instante. Acho que estava tentando decidir se minha história era verdadeira ou não. Se ele soubesse... Havia tanta coisa de que eu não fazia ideia. Braden vinha tentando me ensinar algumas coisas do mundo, mas ela estava casada agora e era hora de eu me virar sozinha.

– Quantos anos você tem? – perguntou ele e percebi os seus olhos percorrendo o meu corpo lentamente.

Eu não parecia uma adolescente. Já estava completamente desenvolvida desde os 16 anos. Ele tentava descobrir a minha idade. Juventude seria a única explicação para o fato de eu não saber abastecer um carro.

– Tenho 19, mas faz pouco tempo que aprendi a dirigir. Esta é a primeira vez que preciso abastecer. – Suspirei e dei uma risadinha. A explicação parecia ridícula, até mesmo para mim. – Sei que é difícil de acreditar, mas, sinceramente, preciso de ajuda. Se você me disser por onde começar, eu posso fazer o resto.

Olhei para a enorme e sofisticada caminhonete dele. Era preta e reluzente. Combinava com o seu corpo alto e musculoso, a pele bronzeada e os cabelos escuros. Ele era daquele tipo sexy, bonito e perigoso. Percebi isso pelo sorriso em seu rosto.

Quando ele deu a volta ao redor da bomba de gasolina, percebi que era muito mais alto do que eu imaginara. Mas, também, eu tenho apenas 1,60 metro. O corte ajustado dos seus jeans e as botas de cano curto de couro marrom-escuro ressaltavam as suas belas pernas. Eu me dei conta um pouco tarde demais de que estava encarando e desviei o olhar para encontrar uma expressão divertida em seus olhos. Ele tinha um sorriso muito bonito. Dentes perfeitos emoldurados por um rosto

que parecia não ver uma lâmina de barbear havia alguns dias. A aparência desarrumada não combinava com a caminhonete cara.

– Você precisa abrir esta portinha primeiro – disse ele, dando um tapinha na porta.

A forma como os seus lábios se curvaram sedutoramente ao redor das palavras me fascinou de tal maneira que precisei me esforçar para não perder as instruções seguintes. Eu estava prestes a fazer uma pergunta quando ele deu a volta ao meu redor e abriu a porta do motorista. Ele se abaixou, deixando-me com uma visão livre dos jeans ficando mais justos em seu delicioso traseiro firme. Eu gostei muito do que vi.

A portinha que tanto me intrigava se abriu e me assustou.

– Ah! – exclamei, empolgada. – Como você fez isso?

O corpo grande e quente dele se aproximou de mim por trás e eu senti cheiro de grama e de algo mais forte... talvez couro. Aqueles aromas sedutores tomaram conta de mim. Como eu não era de perder oportunidades (já perdera muitas na vida), fui um pouco para trás, apenas o suficiente para tocar as minhas costas no peito dele.

Ele não se afastou quando invadi o seu espaço pessoal. Em vez disso, abaixou a cabeça para falar no meu ouvido. Uma voz baixa e deliciosamente grave.

– Apertei o botão da porta da gasolina. Está no seu carro, logo abaixo do painel.

– Ah... – Foi tudo o que pude dizer como resposta.

Um riso baixo fez o peito dele vibrar em contato com os meus ombros.

– Agora quer que eu mostre como pôr a gasolina?

Sim, isso seria maravilhoso, embora eu estivesse gostando muito de ficar parada naquela posição. Consegui assentir com a cabeça, agradecida pelo corpo dele não sair do lugar. Talvez ele estivesse gostando tanto do contato físico quanto eu. Era uma péssima ideia. Eu devia me mexer. Caras como ele não tratam bem as mulheres. Por que eles precisam cheirar tão bem e ser tão bonitos?

– Você vai ter que me dar um espacinho para eu passar, querida.

O hálito quente dele aqueceu os pelinhos da minha orelha sensível. Tentei não estremecer ao concordar e me afastar apressadamente para me encostar no carro.

Nossos peitos roçaram de leve enquanto ele passava por mim e eu continuei encarando o seu olhar penetrante. O castanho-achocolatado com reflexos dourados não parecia mais tão divertido.

Engoli em seco e olhei para baixo. Como se afastou de mim, decidi que estava na hora de observar como ele abastecia o tanque. Não podia me esquecer de que aquilo era uma aula. Uma aula de que eu precisava desesperadamente.

– Você precisa pagar primeiro. Tem um cartão ou vai pagar em dinheiro? – A voz dele havia voltado ao normal. Acabaram-se os sussurros sexys no meu ouvido.

Dinheiro. Eu tinha me esquecido do dinheiro. Assenti, me curvei para dentro do carro para pegar a bolsa e tirei a carteira. Peguei o cartão de débito e me levantei

para entregar a ele. Desta vez, foi ele que olhou para o meu traseiro. Aquilo me fez sorrir. Um pouco demais, devo admitir.

– Aqui – disse, entregando o cartão a ele, que percorria o meu corpo com o olhar.

Ele o pegou e piscou para mim. Sabia que eu o havia flagrado me olhando e estava gostando daquilo. Era um jogador. Do tipo de que uma garota inteligente devia fugir. Mas eu não era tão inteligente assim. Perdi a virgindade com um cara exatamente como ele. No apartamento do melhor amigo do cara. Mal sabia eu que o apartamento era, na verdade, de uma “melhor amiga” que era loucamente apaixonada por ele. A história não acabou bem.

Ele estava examinando o meu cartão de débito.

– Della. Belo nome. Combina com você. É sexy e misterioso.

Naquele instante, percebi que ele não tinha se apresentado.

– Obrigada, mas agora você está em vantagem. Eu não sei o seu nome.

Ele sorriu.

– Woods.

Woods. Que diferente. Era a primeira vez que conhecia alguém com aquele nome.

– Gostei. Combina com você – respondi.

Pareceu que ele ia dizer outra coisa, mas então seu sorriso ficou sério e ele levantou o cartão.

– A lição número um é sobre como pagar.

Fiquei vendo e ouvindo com atenção enquanto Woods explicava cada passo do processo de abastecer o carro. Foi difícil não me distrair por seu porte imponente. Fui tomada por uma tristeza quando ele, por fim, devolveu a mangueira à bomba de gasolina e arrancou o recibo da máquina. Não queria que aquele momento terminasse, mas precisava voltar para a minha viagem. Depois de todo esse tempo, eu precisava me reencontrar. Não podia parar agora só porque um cara havia chamado a minha atenção em um posto de gasolina. Seria uma tolice.

– Muito obrigada. A próxima parada não vai ser tão difícil – disse, pegando o cartão e o recibo e tentando desajeitadamente enfiá-los no bolso do meu short.

– Às ordens. Está passando as férias aqui? – perguntou ele.

– Não. Só estou de passagem. Estou fazendo uma viagem de carro para nenhum lugar específico.

Woods estreitou as sobrancelhas enquanto me observava por um instante.

– É mesmo? Que interessante. Já sabe para onde vai no fim dessa jornada?

Eu não fazia a menor ideia. Encolhi os ombros.

– Não. Acho que vou descobrir quando chegar.

Ficamos ali parados em silêncio por alguns segundos. Comecei a me mexer, quando Woods estendeu a mão e tocou o meu braço.

– Quer jantar comigo antes de voltar para a estrada? Vai escurecer em uma hora.

Além disso, você precisa descansar em algum momento, não é mesmo?

Ele tinha razão. Era uma cidadezinha agradável, costeira e sofisticada. Parecia uma opção segura. Mas eu não estava me preocupando muito com segurança, na verdade. Finalmente estava vivendo. Deixando a cautela de lado. Encarei o estranho diante de mim. Ele não era confiável. Nem um pouco.

– Jantar parece uma boa. Talvez depois você possa me mostrar um lugar decente para passar a noite.

WOODS

Mantive o carrinho vermelho no retrovisor. Estava fazendo Della me seguir para fora da cidade até um restaurante mexicano que servia uma comida muito boa.

Não queria encontrar ninguém conhecido.

Naquela noite iria ter uma folga do estresse que a minha vida havia se tornado, já que o meu pai não parava de me forçar a ser cada vez melhor. Não sabia o que mais ele queria de mim. Não, isso não era verdade. Eu sabia quais eram os seus planos. Ele esperava que eu me casasse. Mas não com alguém que eu escolhesse. Ele já tinha escolhido a noiva: Angelina Greystone. Durante toda a minha vida, meu pai planejara ligar os nomes Kerrington e Greystone. Sempre estive de olho no prêmio. Todos os anos, passávamos uma semana no Havaí com os Greystone e ele sempre me incentivava a conhecer Angelina melhor, a passar tempo com ela. Caramba, nos empurraram tanto um para o outro que acabamos fazendo sexo aos 15 anos. Eu achava que tinha sido o primeiro cara dela até transar com uma menina virgem e me dar conta de que Angelina havia mentido. Eu era inexperiente naquele ano, mas ela certamente não.

Isso prejudicou a impressão que eu tinha daquela loira bonita. Quanto mais os anos se passavam, mais eu corria feito louco para me afastar dela. Ela era glamorosa, mas tinha garras. Eu sabia que chegaria o dia em que eu me renderia só para deixar o meu pai feliz, mas estava adiando isso o máximo possível. Ou, pelo menos, até Angelina se mudar para o sul. No momento, ela estava na casa de praia dos pais e o meu pai aproveitava a chance para empurrá-la para mim.

Eu precisava dar um tempo de toda a merda que aparecia quando se é um Kerrington e, com sorte, aproveitar aquela coisinha linda que tinha o corpo de uma deusa e o rosto de um anjo.

Ela pareceu arisca no começo, mas, em seguida, mostrou-se uma garota ousada e despreocupada. Eu não era de evitar convites sexy. Aquele corpo e aqueles imensos olhos azuis foram os sinais de que eu precisava. Eu teria uma distração ardente e que não traria futuras preocupações.

A lembrança daquela bunda empinada dentro daquele short minúsculo que mal a cobria fez com que eu me remexesse no assento para acomodar a minha excitação. Della Sloane era exatamente o que eu precisava naquela noite.

Entrei no estacionamento de cascalho do El Mexicano e parei nos fundos do prédio, para que quem passasse por lá não visse minha caminhonete. Não queria interrupções esta noite. Eu ia transar. Uma transa quente sem compromisso.

Desci da caminhonete e observei Della saindo do carro. Estava sem sutiã por

baixo da regata preta. Seus peitos mantinham o tecido em pé de forma provocante. Caramba, a noite seria boa. Eu estava mais do que certo de que Della queria a mesma coisa. Ela só faltou apertar a bunda contra o meu pau depois que eu abri o tanque de gasolina do carro. Era uma garota que sabia o que estava fazendo... e fazia muito bem.

– Boa escolha. Adoro comida mexicana – disse ela, sorrindo para mim.

Observei os seus quadris balançando conforme ela vinha na minha direção. Estava prestes a cancelar a refeição e seguir direto para o quarto do hotel. Seus cabelos escuros caíam logo abaixo dos ombros em cachos suaves e naturais. Reparando bem, tive certeza de que seus cílios longos eram cortesia da genética e não de um pacotinho de farmácia. Já deparei com muitos cílios postiços e posso afirmar que aqueles eram reais.

– Que bom – respondi, dando um passo para a frente e repousando a mão em sua cintura para guiá-la para o restaurante.



Feitos os pedidos, Della tomou um gole de margarita e sorriu para mim.

– E então, Woods, o que você faz da vida?

Eu não ia ser sincero sobre isso. Não gostava de dar informação demais sobre a minha vida a uma mulher a menos que planejasse mantê-la por perto.

– Eu trabalho com administração.

Della não franziu a testa nem pareceu incomodada por eu ter me desviado da pergunta. Continuou sorrindo e bebendo o seu drinque.

– Você claramente não está pronto para as perguntas difíceis. Mas eu sou boa nisso. Que tal me dizer o que gosta de fazer?

– Eu gosto de jogar golfe, quando tenho tempo, e de levar mulheres lindas a restaurantes mexicanos – respondi com um sorriso.

Della atirou a cabeça para trás e deu uma risada. Era livre de qualquer inibição. Não estava tentando me impressionar. Isso era reconfortante. Seus olhos brilharam quando ela olhou de novo para mim.

– Qual é o seu maior medo?

Opa. Que mudança estranha de assunto.

– Acho que não tenho nenhum medo.

– Claro que tem. Todo mundo tem – disse ela antes de lamber o sal na borda da taça.

Ela tinha medos? Não parecia.

– De ficar igual ao meu pai – respondi, antes que pudesse me conter.

Era muito para ela saber. Era mais do que eu já havia admitido a alguém.

Uma expressão distante dominou o seu rosto enquanto ela olhava fixamente por

cima do meu ombro.

– Que estranho. Meu medo é me transformar na minha mãe.

Seus grandes olhos azuis piscaram rapidamente e um sorriso voltou ao seu rosto. Para onde quer que ela tenha ido, estava de volta. Pensar na mãe não era algo que ela quisesse fazer e eu compreendia isso.

– O que você gosta de fazer? – perguntei, tentando deixar o assunto leve de novo.

– Dançar na chuva, conhecer gente nova, rir, ver filmes da década de 1980 e cantar – respondeu ela, então sorriu para mim antes de tomar mais um gole.

Nessa velocidade, ela ficaria bêbada se não tomasse cuidado.



Duas margaritas depois, ela estava pressionando os seus seios em mim e rindo de tudo o que eu falava. Era hora de suspender a bebida. Della estava alta no ponto certo. Não a queria completamente bêbada.

– Está pronta para encontrar aquele quarto de hotel e me deixar esquentar a cama para você? – perguntei, sorrindo e deslizando a mão por entre as suas pernas.

Ela paralisou inicialmente, então as abriu para que eu pudesse subir a mão o suficiente para encontrar a umidade na sua calcinha. Ela me desejava tanto quanto eu a desejava. Essa era a confirmação de que eu precisava. Passei a ponta do dedo pela beirada molhada da calcinha e Della estremeceu.

Ela foi ao encontro da minha mão e fechou os olhos, entreabrindo levemente os lábios, com uma expressão deliciosa no olhar.

– É isso que você quer? – sussurrei no ouvido dela enquanto deslizava um dedo para dentro da calcinha, sentindo a tentação quente e úmida, sem barreiras.

– Sim... – ela respondeu, também sussurrando. – Mas só se você prometer que vai me fazer gozar.

Porra. Arranquei a mão do meio das suas pernas e peguei a carteira. Larguei uma nota de cem dólares em cima da mesa. Não tínhamos tempo para esperar pela conta.

Eu queria exatamente o que ela estava prometendo. Quanto a fazê-la gozar, eu ia garantir que desmaiasse com a quantidade de orgasmos que eu iria proporcionar. Nunca lance um desafio como esse a um Kerrington. Iremos sempre além.

No entanto, ela não conseguiria dirigir no estado em que estava. Eu veria uma forma de trazê-la de volta ao carro depois. Não tinha tempo para pensar nisso agora. Abri a porta da caminhonete e a pus para dentro com mais força do que pretendia. Seus grandes olhos azuis se arregalaram de surpresa e eu parei para recuperar o fôlego e pensar melhor. Talvez eu não devesse fazer isso. Aquela expressão nervosa nos seus olhos era mesmo inocência? Seu corpo estava me dizendo uma coisa, mas aqueles olhos... diziam outra.

Ela mordeu o lábio inferior. E eu quis sentir o gosto daquela boca.

Não dei a volta até o meu lado. Eu me aproximei dela e fechei a porta atrás de mim. Minha boca cobriu a dela e deixei o seu sabor tomar conta de mim lentamente. Cada pequeno gemido que saía dos seus lábios pulsava nas minhas veias. Todo o lábio inferior dela vinha ao encontro da minha boca com um apetite inexperiente que estava me deixando louco.

Eu me obriguei a recuar e olhar para os seus olhos semicerrados.

– Tem certeza de que é isso que você quer? Porque, se não tiver, precisamos parar agora.

Nós nunca mais nos veríamos. Eu precisava saber que ela não era a inocente que eu ficava sentindo no seu toque. Eu não tinha nada contra transas de uma noite, se a garota sabia o que estava fazendo. Eu precisava ser claro a respeito disso.

– Eu... – disse ela, então fez uma pausa e engoliu em seco. Não era a resposta que eu estava procurando. Comecei a me afastar, mas ela estendeu o braço e agarrou a minha camisa. – Não, espera. Eu quero isso. Eu preciso disso. Por favor, não pare.

Eu ainda não tinha certeza. Ela não pareceu muito segura.

– É a sua primeira transa sem compromisso? – perguntei, achando que podia ser este o motivo do comportamento dela.

Ela balançou a cabeça negativamente e um sorrisinho triste surgiu nos seus lábios.

– Não. A última que eu tive foi ruim. Muito ruim. Quero que você me ajude a esquecê-la. Quero saber qual é a sensação de fazer isso só por prazer. Nada mais. Só faça com que eu me sinta bem.

Ela não era virgem. Isso era bom. Uma única noite ruim podia deixar qualquer um inseguro quanto a transar de novo. Eu poderia fazê-la esquecer.

– Vai ser muito bom, querida – garanti.

Então segurei a barra de sua minúscula camiseta e a tirei pela cabeça. Ela estava sem sutiã. Eu sabia disso, mas vê-la nua diante de mim foi de tirar o fôlego.

– Ah... – gemeu ela, caindo apoiada nos cotovelos, o que apenas serviu para ressaltar os seus seios.

Como eu era vidrado em peitos, sentia que tinha morrido e estava no céu.

– Que seios incríveis... – falei antes de baixar a cabeça e abocanhar um dos mamilos rosados e redondos.

– Ah, sim! – gritou ela.

Sorri. Normalmente, não gostava das que falavam, mas ela não estava fingindo. Cada grito que saía da sua boca parecia verdadeiro. Enchi as mãos com os seus peitos e passei um tempo acariciando e chupando os dois. Estava certo de que seria capaz de fazer aquilo a noite toda sem me entediar.

– Ah! Por favor, eu preciso de você dentro de mim. Quero gozar... – implorou Della.

Eu queria que Della gozasse também, mas se ela não parasse de fazer esses

pedidos safados, eu que acabaria gozando na minha calça jeans. Segurei seu short e o abaixei junto com a calcinha. Atirei-os no chão antes de abrir as pernas dela com as mãos. Ela era depilada. Puta que pariu. O aroma sexy da excitação dela chegou ao meu nariz e eu gemi com gosto. Precisava sentir aquele sabor. Queria que o orgasmo pelo qual ela estava implorando acontecesse na minha boca.

Toquei a pele macia e passei um dedo no centro. Della rebolou loucamente no assento de couro.

– Vou beijá-la bem aqui – avisei antes de pressionar os lábios no clitóris inchado que se projetava, precisando de atenção.

– Ah, Deus! – gemeu ela, agarrando a minha nuca com as mãos.

Não consegui deixar de sorrir.

Lambi suavemente no começo, então comecei a chupá-la com mais vontade. Ela era muito deliciosa. Eu já havia provado muitas mulheres, mas Della era doce. Pressionei a ponta do nariz no clitóris e deslizei a língua para dentro dela. Ela agarrou os meus cabelos enquanto gritava o meu nome. Eu adorava aquilo. Provavelmente mais do que deveria para uma transa de uma noite.

A lembrança de que eu não voltaria a vê-la me deixou um pouco louco. Eu precisava de mais. Comecei a lambê-la com mais intensidade. Até aquele primeiro orgasmo irromper na minha língua e ela gritar o meu nome sem parar. Foi a primeira vez que cheguei perto de gozar nas calças desde os tempos de escola.

Dei mais um beijo em sua pele macia antes de me sentar e desabotoar o jeans. Eu deveria esperar até chegar ao quarto de hotel, mas precisava dar uma aliviada primeiro. Se era para ter apenas uma noite com essa garota, eu ia aproveitá-la tantas vezes quanto fosse possível. Essa primeira trepada me estabilizaria o suficiente para eu conseguir dirigir até o hotel mais próximo.

Abri o porta-luvas e peguei uma das camisinhas que guardava lá dentro. Rasguei a embalagem e a coloquei no pau antes de levantar o olhar. Ela estava me observando com atenção, enquanto molhava os lábios. Gemi e puxei uma das pernas dela por cima do meu ombro para poder me movimentar confortavelmente.

– E se alguém nos vir? – perguntou ela, ainda arfando por conta do orgasmo.

Dei uma risada. Só agora ela havia pensado nisso.

– Esses vidros são escurecidos, está anoitecendo, e não há postes de luz por aqui. Não se preocupe. Ninguém vai nos ver aqui dentro.

Ela me lançou um sorriso sexy e atirou as mãos para trás da cabeça, fazendo os peitos balançarem. Era difícil me segurar.

Pressionei a cabeça do meu pau na sua abertura e comecei a empurrá-lo lentamente. Ela era apertada. Apertada pra cacete. Deus, por favor, que ela não seja virgem. Garotas com a aparência dela não eram virgens nessa idade. Ela foi feita para ser comida.

– Você é apertada...

Ela assentiu com a cabeça e gemeu, abrindo mais as pernas.

– Eu não sou virgem. – Ela fez questão de me lembrar.

Certo. Então por que eu ficava querendo ir com calma? Ela era gostosa e queria transar. A preocupação de que Della podia ser inocente estava ferrando com a minha cabeça. Entrei nela com tudo e nós dois gritamos. Della era muito apertada, mas não estava mentindo: não encontrei nenhuma barreira. Ela não era virgem. Só tinha uma boceta divina. Caramba, ela era incrível.

Deslizei para fora dela, que levantou os braços e se agarrou no banco do carro, preparando-se para a próxima investida.

– Com força... por favor... de novo.

Ela não precisou pedir duas vezes.

Consegui meter com mais força desta vez e os seus peitos pularam lindamente. Tive certeza de que eu jamais iria esquecê-los. Ia gozar. Era demais.

Deslizei a minha mão entre nós dois e passei o dedo pelo clitóris várias vezes até ela começar a arfar e implorar.

– Está gostando disso? Que menina safada. Pedindo para foder com mais força...

– sussurrei no ouvido dela enquanto usava a umidade do meio das suas pernas para lubrificar o clitóris inchado.

– Woods... eu vou gozar de novo! – gritou ela e eu abocanhei um mamilo e fiquei sugando enquanto continuava brincando com o clitóris.

Ela explodiu ao meu toque e eu agarrei a parte de trás do banco do carro e o painel para me apoiar ao meter apenas duas vezes mais antes de gozar junto com ela.

DELLA

Abri os olhos devagar e olhei fixamente para o teto. O quarto do hotel estava em silêncio e eu estava sozinha. Sozinha, mas aliviada. Não sabia como poderia encarar Woods depois da noite anterior. Eu era muitas coisas, mas puta não era uma delas. Relembrando os acontecimentos, entretanto, eu me sentia assim. Não sei ao certo o que deu em mim. Eu poderia culpar a tequila pela minha ousadia, mas não tinha chegado a ficar bêbada. Eu sabia exatamente o que estava fazendo.

Woods era gostoso, carismático e... eu já disse gostoso? E nem mesmo sabia seu sobrenome.

Cobri o rosto com as mãos e comecei a rir. Tive uma noite de sexo selvagem com um homem desconhecido. Não foi uma loucura? Pelo menos ele usou camisinha em todas as vezes: na caminhonete, no chuveiro, em cima da mesa e, por fim, na cama. A última quase me fez desmaiar. Eu queria saber como era o sexo bom. Agora eu sabia como era o sexo fora de série. Missão cumprida. Uma coisa era certa: eu jamais me esqueceria de Woods. Esta era uma viagem para experimentar a vida e, com Woods, eu tinha experimentado uma das melhores coisas dela.

Depois de me espreguiçar, levantei da cama e procurei pelas minhas roupas. Ah, não... meu carro. Eu precisava dele. Minha mala estava no... Hã, minha mala estava no pé da cama. O quê? Eu a havia deixado no carro. Puxei o lençol da cama e me enrolei nele. Então fui até a janela e abri a cortina. Levei menos de um minuto para encontrar o carro vermelho de Braden estacionado ali na frente. Woods o buscou e trouxe a minha mala para o quarto.

Fiquei tocada pela gentileza dele. Se era para fazer sexo com um estranho qualquer, pelo menos eu havia escolhido um que não deixava uma garota completamente desamparada.

Estava sentada na sala de Jeffery Odom, meu chefe, esperando por ele. Jeffery tinha me mandado uma mensagem naquela manhã, pedindo para eu chegar ao trabalho mais cedo e encontrá-lo. Não sabia o que havia de errado. Duas semanas antes, ele começou a dar em cima de mim e então virou algo mais. Fiquei preocupada que isso pudesse ser um problema. Eu trabalhava fazia pouco tempo como garçoneiro no bar dele.

Em minha viagem de redescoberta, precisava parar às vezes e conseguir empregos até ter dinheiro suficiente para mais algumas semanas na estrada. Gostei de Dallas. Era uma cidade divertida. Jeffery era sexy e mais velho. Fazia com que eu me sentisse especial. Pelo menos enquanto estivesse na cidade.

No começo, ele aparecia no bar apenas uma vez por semana, mas, depois de alguns momentos de paquera, começou a ir mais. Principalmente na hora de fechar. Ficava esperando no carro e me mandava uma mensagem para que me encontrasse com ele do lado de fora. Mas aquele romance secreto estava começando a ficar chato. Não que eu estivesse levando aquilo a sério. Só precisava de mais quinhentos dólares de gorjetas para voltar para a estrada. Próxima parada: Las Vegas.

A porta da sala dele finalmente se abriu e a expressão azeda em seu rosto me alertou de que aquela não seria uma conversa boa. Talvez eu fosse para Vegas antes do planejado.

– Desculpe chamar você aqui tão cedo, Della – disse ele, sentando do outro lado da mesa.

Ele soava formal e frio demais, considerando que, três noites atrás, estávamos tomando banho juntos.

Não disse nada. Não sabia o que dizer.

Jeffery passou uma das mãos pelos cabelos.

– Acho que seria melhor que você pegasse a estrada logo. Essa história entre a gente ficou séria demais e nós dois sabemos que não vai durar.

Tudo bem. Então ele havia conseguido o que queria e agora não ia sequer me deixar ganhar os meus últimos quinhentos dólares antes de ir embora. Ele sabia que faltava pouco. Filho da puta.

– Tudo bem – respondi, levantando da cadeira.

Eu não precisava disso. Poderia parar um pouco antes de chegar a Las Vegas e conseguir outro emprego.

– Della – disse ele, enquanto também se levantava. – Eu sinto muito.

Apenas ri. Ele sentia muito. Não tanto quanto eu. Achei que havíamos nos

tornado amigos.

Segui na direção da porta e me dei conta de que aquela era apenas mais uma das experiências pelas quais eu estava na estrada. Eu fora usada. Estava vivendo a vida. Não seria um golpe tão grande no meu ego se eu pensasse assim.

Antes de chegar à porta, uma ruiva alta e elegante entrou com um olhar de desprezo... dirigido a mim.

– É esta aqui? Ela é a sua puta? Dá para ver, ela parece mesmo uma vagabunda. Você a encontrou em uma daquelas casas nojentas de striptease que frequenta? Ela é stripper? Meu Deus, Jeff, como você conseguiu descer tanto?

Ouvi as palavras, mas não sabia ao certo se havia entendido o que ela estava dizendo. Fiquei confusa. A única coisa de que tinha certeza era que aquela mulher me odiava. Era algo muito forte. Não sabia por quê, mas ela me odiava.

– Já chega, Frances. Eu a demiti como você pediu. Deixe que ela vá embora. Isso é entre mim e você – disse Jeffery à ruiva furiosa.

Olhou para mim e pude ver o pedido de desculpas nos seus olhos.

Eu me virei de novo para ela, que estava quase perdendo o controle, fitando-o com ódio.

– Você a demitiu e pronto, fica tudo bem? – Ela voltou o seu olhar cheio de ódio para mim. – Você ao menos se importa por ter trepado com o pai do meu filho que ainda não nasceu? Você não se incomoda nem um pouco que ele não apenas seja casado, como vá ser pai em breve?

Espere aí... *o quê?* Ela disse “casado”?

Eu a encarei e me dei conta de que não era apenas uma brincadeira de mau gosto. A verdade estava no rosto de Jeffery. Ele era casado. E eu agora era uma amante. Ah, merda...

– Você é casado? – Aquilo soou mais como um rugido do que como uma pergunta.

Ele assentiu e deixou os ombros caírem, como se tivesse sido derrotado. Dei um passo na direção dele e parei. Se chegasse mais perto, iria matá-lo.

– Seu filho da puta desgraçado! Por que você... Como você pôde...? Você tem uma mulher e ela está *grávida*! Não acredito que fez isso. Eu sou tão *burra*. Tão incrivelmente burra! Todo aquele segredo não era porque você não queria que os outros funcionários soubessem. Era por causa dela. – Apontei para a ruiva. – Espero que você queime no inferno! – Xinguei, dei meia-volta e segui em direção à porta.

Antes de cair fora, parei. Havia outra pessoa para quem precisava dizer alguma coisa. Olhei para a ruiva. Sua raiva diminuía. Ela estava com o rosto molhado de lágrimas.

– Eu sinto muito. Se soubesse que ele era casado, não teria chegado perto dele. Juro. – Então saí correndo pela porta e a bati atrás de mim.

Quando voltei para o bar, meu olhar cruzou com o de Tripp. Ele balançou a cabeça e suspirou.

– Eu estava com receio que você tivesse se envolvido com ele, mas não tinha certeza. Não quis dizer nada para não ofendê-la caso eu estivesse errado. Imagino que não soubesse que ele era casado.

Estava me sentindo suja e errada. Eu me aproximei e sentei no banco alto na frente dele.

– Eu não fazia ideia. E agora estou me sentindo péssima. Queria fazer essa viagem, mas agora só quero voltar para casa.

Tripp era o barman de quinta a sábado. Era alto e magro e usava os cabelos castanhos curtos. Tinha também uma aparência meio privilegiada. Era difícil de explicar, mas alguma coisa em Tripp não combinava com o bar. Ele parecia tão deslocado quanto eu. Passamos muitas noites conversando enquanto fechávamos o bar. Eu não sabia muito sobre Tripp, mas ele havia se tornado meu amigo ali.

– Você disse que queria ver o mundo. Queria viver – disse ele, lembrando o que eu dissera.

Dei de ombros.

– Não quero mais fazer isso tanto assim.

Tripp olhou de novo para a porta, então enfiou a mão no bolso e pegou o celular.

– Olha só, não vá para casa ainda. Dê a si mesma um tempo para se curar disso e depois pegue a estrada de novo. Passe um tempo em uma cidade pequena e vá com calma.

A forma como ele falou fez a situação parecer legal, mas eu não sabia se estava a fim disso também.

– Vou ligar para o meu primo. Ele tem alguma influência na cidade de praia onde eu cresci. É uma cidade pequena e muito legal. Não tem nada a ver com Dallas. Ele pode conseguir um emprego para você, e daí você decide quando estiver pronta para pegar a estrada de novo. Meu primo tem amigos influentes, sabe? – Tripp deu uma piscadinha.

Antes que eu pudesse protestar ou inventar um motivo para Tripp não fazer isso, ele estava digitando o número do primo.

– Oi, Jace... É, eu sei que faz um tempo. A vida está uma loucura... Não, você precisa vir para Dallas para se desligar da garota que a sua mãe disse que não está deixando você enxergar direito.

Tripp riu e pude ver a felicidade nos seus olhos. Ele amava o primo com quem estava conversando e parecia que estava com saudade.

– Olha só, preciso de um favor. Tenho uma amiga que está com algumas dificuldades aqui e precisa de um lugar para se esconder... Não, eu sei que você já tem uma garota. Eu não estou pedindo para você ficar com ela, seu idiota. Ela pode

ficar na minha casa. É bom que alguém faça uso do apartamento. Só fala com o Kerrington. Peça um emprego para ela. Ela só precisa de um tempo para pensar... É. Ela é, sim. Tenho certeza de que ele vai gostar... Ótimo. Valeu, cara. Ligo para você outro dia. Vou passar as informações e mandá-la para você.

Tripp sorriu ao guardar o celular no bolso de novo.

– Está tudo acertado. Você vai ter um emprego com um bom salário e pode ficar no meu apartamento sem pagar nada. Faz tempo que penso em mandar alguém dar uma olhada naquilo lá. Você pode cuidar das coisas para mim. Vai ser uma boa ajuda. E vem com uma ótima vantagem: você vai morar perto de uma das praias mais bonitas do sul. Vá encontrar a si mesma e aproveite para se bronzear um pouco, Della.

WOODS

Fiquei andando de um lado para outro no meu escritório. De vez em quando, olhava para o anel de diamante no centro da mesa. Sabia o que ele significava. Também sabia que queria atirá-lo o mais longe possível no maldito oceano. Era a dica nem um pouco sutil do meu pai.

Eu o havia procurado no dia anterior para perguntar se eu poderia assumir o posto de vice-presidente do country club Kerrington. Esta foi a resposta dele. Eu precisava me casar com Angelina antes.

Porra! Porra! Porra!

Eu não queria me casar com ela. Angelina me faria completamente infeliz. Eu já havia cometido o erro de ter transado com ela de novo. Ela aparecera na minha casa usando nada além de uma minúscula camisola vermelha, ajoelhou e chupou o meu pau. Entre o boquete e a dose de uísque que tomei, eu a comi várias vezes naquela noite. O problema era que o único jeito que eu conseguia gozar era imaginando os lindos olhos azuis de Della Sloane. Os gritos de prazer de Angelina me brochavam. Ela era craque em fingir. Ela não gostava de sexo. Ela usava o sexo.

Eu conhecia o tipinho dela muito bem. E não estava interessado.

Eu não era o meu pai. Não conseguiria me casar por dinheiro e conexões e depois ter uma amante. Sempre me irritou o fato de que o casamento ruim dos meus pais não parecia afetá-los. Isso ferrou completamente com a minha cabeça.

Eu teria que me amarrar a uma única mulher e ser fiel a ela pelo resto da minha vida em nome do lugar a que me era de direito no negócio da família? Era muito injusto. Foda-se essa merda toda. Meu pai estava sempre me controlando.

Uma batida à minha porta interrompeu minha conversa silenciosa comigo mesmo. Peguei o anel e o enfiei no bolso. A última coisa de que precisava eram fofocas. E Deus me perdoe se fosse Angelina.

– Pode entrar – disse, sentando na minha cadeira de trabalho.

Jace, meu melhor amigo desde os tempos de internato, abriu a porta e entrou na sala.

– Oi, pensei que fosse jogar conosco hoje de manhã, mas você não apareceu.

Eu precisava conversar com alguém, mas não sabia se estava pronto. Jace me diria para fugir da cidade e deixar que eles resolvessem tudo aquilo sozinhos. Vinha se rebelando contra os desejos do pai havia anos.

– Eu estava ocupado.

– Pois é, imaginei. – Ele se aproximou e sentou-se na minha frente. – Preciso de um favor.

Isso chamou a minha atenção. Jace não costumava pedir favores. Eu me recostei na cadeira e esperei. Era melhor que não fosse para a namorada dele, Bethy, uma das meninas que cuidava dos carrinhos das bebidas, sair do trabalho mais cedo. Estávamos com muito movimento à noite e eu precisava dela.

– Recebi uma ligação do Tripp.

Tripp era o primo mais velho dele. Havia se formado uns dois anos antes de nós, mas tivemos um ótimo período juntos no internato antes de ele ir embora. Eu não o via desde que fizera as malas e deixara a cidade, cinco anos antes.

– É mesmo? Como ele está? – perguntei, curioso.

Sempre gostei de Tripp. Ele também não quisera se dobrar às exigências dos pais e simplesmente foi embora. Nunca voltou atrás em sua decisão.

Jace encolheu os ombros.

– Acho que está bem. Pareceu feliz. Está em Dallas agora. Preciso ir até lá para vê-lo. Este ano não passou o Natal em Boston com a família. Não acredito que vá aparecer tão cedo. O tio Robert não está nada feliz com ele.

Não havia motivo para Robert Newark estar feliz com o filho único. Ele deveria herdar o prestigiado escritório de advocacia Newark & Newark, localizado em Destin, na Flórida. O avô dele havia construído tudo do zero, mas Tripp não queria ser advogado. Ele queria viajar pelo mundo.

– Enfim, ele tem uma amiga que se envolveu com o chefe deles no bar e só descobriu depois que o cara era casado. Agora precisa sair da cidade para superar tudo. Ela vai ficar no apartamento dele, que está sempre vazio, mas precisa de um emprego. Perguntou se poderia mandá-la para cá. Comentou que é uma ótima garçonete, que trabalha muito e nunca se atrasa. Também disse que é linda e que os homens darão boas gorjetas.

Eu sempre precisava de uma boa garçonete.

– Claro. Basta ela falar comigo quando chegar à cidade. Nós lhe daremos um uniforme e a botaremos para trabalhar.

Jace pareceu aliviado.

– Obrigado. Eu detesto pedir favores, mas ele pareceu especialmente preocupado com essa garota. Já me ligou duas vezes hoje para se certificar de que tudo estará arranjado quando ela chegar. Não queria deixá-lo na mão.

– Eu entendo. Não me importo. E diga ao Tripp para me ligar da próxima vez que precisar de um favor. Adoraria falar com ele.



Pouco tempo depois de Jace sair, a porta da minha sala se abriu de novo e Angelina entrou. Ela jogou os longos cabelos loiros por cima do ombro e sorriu para mim. Aquele sorriso sedutor ensaiado. Aquilo me entediava. Pôs a língua para fora e

lambeu os lábios enquanto se aproximava da minha mesa.

– Senti a sua falta. Não soube mais de você desde a semana passada. Achei que tínhamos nos divertido no buraco dezesseis.

Eu havia concordado em fazer a última rodada do dia na semana passada com Angelina. Sabia que tiraria o meu pai do meu pé e a deixaria satisfeita. O que eu não esperava era que ela iria ficar se esfregando em mim e agarrando o meu pau o tempo todo. Quando ela deslizou as mãos na frente do meu short e disse que queria ser comida, não aguentei: eu a abaixei, firmei suas duas mãos em uma árvore e a fodi por trás. Assim eu não precisava ver as suas expressões falsas de prazer. Ela estava fazendo isso para me obrigar a casar com ela. O paizinho dela queria isso e Angelina fazia tudo que ele pedia. Nada além disso.

Depois de gozar, terminei o jogo e fiquei fugindo dela desde então.

– Andei ocupado – respondi friamente.

Ela não pegou a deixa. Em vez disso, se colocou no meio das minhas pernas e se abaixou por cima de mim, me proporcionando uma visão direta da camisa dela. Ela não tinha muito peito. Não sabia ao certo o que estava me mostrando. Se nos casássemos, ia pagar para ela botar silicone.

– Muito trabalho sem diversão... – ela arrulhou, caindo de joelhos e esfregando indiferente a mão sobre o meu pau. – Eu posso dar um jeito nisso.

Ela prometeu e começou a abrir a minha calça. Eu havia me sentido mal da última vez que a deixara ir tão longe. Afinal de contas, eu a estava usando. Claro que ela também me usava, mas isso não queria dizer que eu precisava baixar tanto o nível. Era errado. Não queria ficar com ela. Se me casasse com ela, seria por obrigação. Não havia motivo para manter essa piada. Eu precisava de algum tempo para pensar.

– Para, Angelina. Eu preciso trabalhar. Agora não. – Resisti ao impulso de empurrá-la. Isso seria frio demais.

– Você pode trabalhar e eu posso fazer com que seja bom. Mostrar o que você pode ter pelo resto da vida.

Nós dois sabíamos que no instante em que eu dissesse “sim”, o sexo entre nós se tornaria uma obrigação. Ela inventaria motivos para não transar e boquetes no escritório seriam apenas uma lembrança do passado.

– Não me trate como se eu fosse um idiota, Angelina. Eu sei o que você está fazendo e por quê. No instante em que nos casarmos, essa sua máscara vai cair.

Os olhos dela se encheram de ressentimento. Eu só estava sendo sincero. Era a vez de ela ser também.

– Só porque o meu pai quer que eu me case com você não quer dizer que seja o único motivo pelo qual eu queira fazer isso. Sinto atração por você. Que mulher não sente? A diferença entre mim e as outras mulheres é que eu sou boa o bastante para você. Nós nos completamos. Você pode lutar contra isso e fazer um esforço

tremendo para continuar tendo a sua vidinha de playboy, mas eu não vou a lugar nenhum. Eu quero no meu dedo o anel que sei que o seu pai comprou. Quero o seu sobrenome. O sexo pode ser incrível para nós dois, se você deixar. Eu não vou ser sempre a puta com quem você fantasia. Você poderia aproveitar essa parte enquanto pode.

Ela se levantou e ajeitou a camisa.

– Você sabe onde me encontrar quando estiver pronto para admitir que você e eu somos perfeitos juntos.

DELLA

Parei no posto onde conheci Woods apenas quatro meses atrás. Aquele tinha sido o início da minha viagem. Era irônico que a orientação de Tripp tivesse me levado justamente para lá. Eu nem sabia se Woods morava por perto. Ele me levava para uma cidade próxima para jantarmos. Talvez só estivesse de passagem naquele dia. Mas e se eu pudesse vê-lo de novo?

E se ele for casado?

Não, eu não ia pensar nisso. Não iria julgar todos os homens pelo Jeffery. Seria injusto. O Tripp, por exemplo, não tinha nada a ver com o Jeffery. Ele não só me dera a chave de seu apartamento, como me conseguira um emprego.

Olhei para o papel na minha mão. Tripp tinha me dado o número de Jace e me orientado a ligar para ele assim que estivesse instalada. Ele marcaria uma reunião com o Sr. Kerrington.

Voltei para a estrada e segui as duas últimas indicações antes de parar diante de um condomínio de frente para o mar. Conferi o endereço. Aquele certamente não era o lugar onde ele morava. Aqueles apartamentos deviam custar uma fortuna. Como Tripp podia ser dono de um deles?

Fui tomada por uma forte suspeita de que Tripp não combinava com o trabalho de barman e com a Harley-Davidson que pilotava. Ele era algo mais do que transparecia às pessoas em Dallas.

Tirei o celular da bolsa e liguei para Tripp. Nada. Liguei então para Jace. Depois de tocar três vezes, uma garota atendeu.

– Alô? – perguntou uma voz arrastada do outro lado da linha.

– Desculpe, aqui é a Della. Della Sloane. Sou amiga do...

– Do Tripp! – gritou a garota ao telefone. – Estamos esperando por você. Que bom que chegou bem. Já está instalada no apartamento?

Eu jurava que Tripp tinha dito que Jace era um cara.

– Bem, não exatamente. Acabei de chegar a um lugar legal demais... Acho que estou no condomínio errado.

A garota riu.

– Não, você está no lugar certo. Imagino que não saiba muita coisa sobre o Tripp. Pode acreditar, querida, ele pode pagar por esse apartamento e muito mais. Ah, aliás, eu sou a Bethy, namorada do Jace. Ele acabou de sair.

Gostei dela. Era superamigável.

– Se você tem certeza de que estou no lugar certo, vou entrar e desfazer as malas. Preciso que o Jace entre em contato com o Sr. Kerrington para falar sobre mim.

– Ah, nem precisa ligar. É só falar com ele assim que estiver pronta. Precisamos de bons funcionários. Tem um papel e uma caneta à mão para anotar o endereço?



Era o lugar mais incrível em que eu já estivera na vida. Tripp deu a entender que era um apartamento velho, como se precisasse de mim lá para arrumar as coisas. Era evidente que alguém limpava o apartamento regularmente. Estava impecável. Desfiz as malas e fui até a varanda que dava para o Golfo do México. Era lindo lá fora. Tripp tinha razão. Eu precisava dessa experiência. Podia trabalhar e aproveitar a estada no apartamento dele. Seriam as férias na praia que eu nunca tive na infância. Sempre que via na televisão ficava me perguntando se a areia era tão branca e a água tão azul daquele jeito.

E era mesmo.

Sorrindo, me atirei na espreguiçadeira e alonguei as pernas. Aquilo era bom. Tirei o celular do bolso e liguei para Braden.

– Já era hora! Onde você está? Ainda em Dallas?

A voz alegre de Braden me fez sentir um pouco de saudade de casa. Talvez eu apenas sentisse saudade dela. Eu não havia deixado muita coisa para trás. A não ser as pessoas que sempre cochichavam pelas minhas costas, imaginando coisas.

– Não. Não estou mais em Dallas. Descobri que o Jeffery é casado.

Ouvi um suspiro enquanto ela processava a informação.

– Ah, não... Della, que horror. Sinto muito. Onde você está agora? Quer que eu vá buscar você? Está bem, não está? Não está tendo pensamentos estranhos...

A voz dela desapareceu. Eu sabia que ela odiava me perguntar isso, mas, sinceramente, se a Braden não pudesse me fazer esse tipo de pergunta, quem poderia? Ela sabia de tudo... ou de quase tudo. Ninguém sabia de tudo. Eu simplesmente não conseguia dividir aquilo com o mundo. Algumas coisas deviam continuar em segredo.

– Estou ótima. Na verdade, voltei para a Flórida. Estou no apartamento do Tripp, o barman dos fins de semana de quem falei para você. Enfim, ele me conseguiu um emprego na cidade dele e me ofereceu um lugar para ficar. É de frente para o golfo. Agora mesmo estou sentada na varanda olhando para uma maravilhosa praia de areia branca.

– Aaaaaaaaah! Parece perfeito. Sorte sua! Eu adoraria voltar ao golfo. E esse tal de Tripp parece um cara bem legal. Quem sabe, depois que for picada de novo pelo bichinho viajante, você volte a Dallas para agradecê-lo...

– O Tripp é só um amigo. Isso não vai acontecer. Quero dizer, vou agradecer a ele, mas vai ser mandando um cartão e algum dinheiro ou coisa parecida.

– Você tem razão. Eu a forcei a começar a namorar e olha o que aconteceu. Esta é

a sua chance de viver a vida. Não tem por que se prender a um cara. Você tem o mundo para explorar.

– É verdade. E pretendo fazer isso logo depois de aproveitar um pouco o pôr do sol e a areia.

– Como é o novo trabalho?

– Não sei ainda. Preciso conhecer o meu chefe primeiro. Ele está me esperando. É em um country club. Acho que vai ser uma experiência divertida. Muito diferente do bar.

– Muito. Vá ver como é esse emprego e depois me ligue para contar. Mal posso esperar.

Nós nos despedimos e desligamos. Braden era a minha forma de entrar em contato com as origens. De me lembrar do que era realmente importante e de tudo o que eu havia passado e superado.

A noite em que a conheci mudou a minha vida. A única pessoa que eu havia conhecido antes dela era a minha mãe. Ela nunca me deixava atender a porta para receber entregas ou as nossas compras. Eu precisava me esconder no armário e ficar em silêncio até que a pessoa que estivesse na porta fosse embora. Braden ficou tão fascinada comigo como eu fiquei com ela. Ela me fazia perguntas que eu não conseguia responder. Eu não podia dizer a ninguém qual era o problema da minha mãe. Mesmo quando criança, eu já sabia disso.

Afastando pensamentos que eu não queria ter, eu me levantei e segui até um dos dois quartos que defini como sendo o meu. Tinha uma cama de dossel king-size e uma banheira incrível. Peguei a minha saia mais nova, uma curta cor-de-rosa com estampa Chevron, e uma blusa de tricô branca que eu havia comprado para combinar. Depois de pentear o cabelo e passar um pouco de maquiagem, vesti as sandálias de salto cor-de-rosa e saí. Tinha um emprego para conseguir.

WOODS

Eu odiava administração. E essa era a arma que o meu pai usava. Ele sabia que eu detestava essa parte do trabalho e também sabia que eu não merecia estar fazendo isso. Submetia-me a essa tortura para me obrigar a casar com Angelina. E estava funcionando. Merda.

Abri as portas da cozinha para lidar com o mais recente drama e encontrei o meu garçom-chefe, Jimmy, com as mãos na cintura, olhando furioso para a nova garçonete, Jackie ou Frankie ou alguma coisa que eu não conseguia lembrar. Ela, por sua vez, estava com os braços cruzados olhando furiosa para Jimmy.

– Que porra está acontecendo? Eu preciso de vocês lá fora atendendo clientes e não brigando por aqui. Alguém quer me explicar o que está havendo ou eu devo simplesmente demitir vocês dois? – perguntei em um tom que sabia que não poderia ser ouvido fora da cozinha.

– Eu posso dizer o que está acontecendo. É ela. Você contratou uma preguiçosa. Ela faz pausa para fumar a cada dez minutos! Eu juro que vou dar na cara dela se tiver que fazer o trabalho dessa garota de novo. Está me ouvindo? Ou ela sai, ou eu saio.

Eu não ia demitir Jimmy. Ele cuidava da cozinha e era o queridinho das mulheres que frequentavam o clube. Elas não faziam ideia de que ele preferia a ala masculina dos sócios. Era um segredo que guardávamos para que Jimmy recebesse boas gorjetas.

Voltei a atenção para a menina nova.

– Achei que tinha deixado bem claro quando contratei você que não havia pausa para fumar. O Jimmy decide quando alguém faz uma pausa. Ele é o chefe aqui.

A garota deu um suspiro, arrancou o avental e o atirou no chão.

– Eu não consigo trabalhar nessas condições de escravidão. Eu preciso descansar. E só porque não sou rápida como ele, ele fica bravo. Ora, que se dane. Estou fora. – Ela deu meia-volta e saiu da cozinha pisando firme.

Ótimo. Não precisei demiti-la nem lidar com lágrimas. O único problema era que eu precisava de outra pessoa para atender no salão. Naquele exato momento.

– Que bom que ela foi embora, mas precisamos chamar alguém para substituí-la – disse Jimmy, declarando o óbvio.

– Tente segurar as pontas até eu conseguir alguém para ajudar.

Saí pela porta e estava a caminho da minha sala quando o barulho de saltos no chão me indicou que eu estava sendo seguido. Por favor, a Angelina não. Não agora. Eu não estava a fim. A menos que quisesse atender os clientes...

Eu me virei para dizer isso para ela quando as palavras congelaram na minha boca. Não era Angelina. Era Della. Ela estava ainda mais irresistível do que eu me lembrava e eu me lembrava muito bem. Ela surgia na minha mente quase todos os dias. Normalmente quando estava no chuveiro.

Seus cabelos escuros pareciam mais longos que da última vez e estavam para o lado, soltos sobre o ombro. Usava uma blusa branca justa que não deixava muito espaço para a imaginação. E uma saia e sapatos de salto alto que deixavam as suas pernas bronzeadas e magras ainda mais incríveis. O que ela estava fazendo aqui?

– Woods? – perguntou ela e eu levantei o olhar do seu corpo para encontrar uma expressão surpresa e confusa.

– Della... – respondi.

Ela não estava ali procurando por mim? Por que parecia tão surpresa?

– O que você está fazendo aqui? – perguntou, enquanto um sorriso contente começou a se formar nos seus lábios.

Eu não tinha informado o meu sobrenome. De propósito. Não queria que uma transa casual se transformasse em algo mais. Embora eu tenha passado os últimos quatro meses me repreendendo por não ter deixado meu telefone. Ficava imaginando por onde ela andava e se iria passar de novo pela região. Agora ali estava ela. No meu clube.

– Meu pai é o dono do clube – respondi, observando sua expressão.

Seus olhos se arregalaram e ela olhou ao redor, como se estivesse vendo tudo pela primeira vez.

– *Você é o Sr. Kerrington?* – perguntou ela.

– Depende. Meu pai também é o Sr. Kerrington. Eu normalmente atendo por Woods.

Della deu uma risadinha.

– Não acredito nisso. Acho que tenho uma reunião marcada com você sobre um emprego. O Tripp me mandou.

Tripp. Ela era a garota que ele estava ajudando? Merda! O que foi que o Jace disse que havia acontecido com ela? Ela tinha se enrolado com o chefe ou coisa parecida. Caramba, eu não conseguia me lembrar...

– É, sou eu mesmo – respondi.

Havia muitos motivos pelos quais essa era uma péssima ideia. Eu não precisava desse tipo de distração. Precisava encontrar uma maneira de lidar com o meu pai e a Angelina. Ver Della todos os dias ia foder com a minha cabeça.

– Espero que esteja tudo bem. Quero dizer, ele nunca disse “Woods”. Sempre se referiu a você como Kerrington. – O tom nervoso em sua voz me arrancou da batalha interna.

– Lógico. Vamos até a minha sala para você preencher a papelada e podemos

discutir a melhor colocação para você.

Longe de mim. Bem, bem longe. Precisava deixar aquela bunda sexy em outro continente. Mas estava prestes a dar um emprego a ela. No meu clube. Para que pudesse ser torturado com a lembrança da nossa noite de sexo incrível e enlouquecedor. *Ah, merda.*

Não esperei que ela me alcançasse. Fiquei com medo de sentir o seu perfume e a empurrar contra uma parede, agarrando-a em minutos. Em vez disso, segui à frente dela e não olhei para trás. Sabia que estava me seguindo apenas pelo barulho dos saltos.

Quando finalmente cheguei à porta da minha sala, dei um passo para trás para que ela pudesse entrar. Prendi a respiração até ficar a uma distância segura.

– Woods, você não parece muito satisfeito com isso. Sinto muito. Eu não sabia. Tripp me deu o endereço e me mandou passar aqui. Como estava desesperada para sair de lá, eu vim. Posso conseguir um emprego em outro lugar se isso for muito estranho para você.

Aquela ruguinha de preocupação acima do nariz dela me fez desmoronar. Eu não conseguiria ser duro ou frio com Della. Ia dar o maldito emprego, qualquer emprego que ela quisesse, e me manteria longe. Talvez eu devesse pedir Angelina em casamento. Isso evitaria que eu cometesse o erro de correr atrás de Della a cada oportunidade que tivesse.

– Eu sinto muito. Está tudo bem. Acabei de resolver um problema com funcionários. Um drama na cozinha. Você me surpreendeu. Mas tenho um emprego, se quiser. Basta me dizer o que sabe fazer bem.

Além de foder como louca.

Della se endireitou na cadeira e os meus olhos desceram até os seus peitos. O contorno dos mamilos duros fizeram o meu pau, que já estava endurecendo, ficar em alerta total. Porra, ela também estava se lembrando.

– Eu estava trabalhando em um bar em Dallas como garçone. Normalmente é o tipo de emprego que eu pego. É um trabalho fácil com boas gorjetas, para que eu não precise ficar no mesmo lugar por muito tempo.

Era isso mesmo. Ela estava viajando pelo mundo. Não iria fincar raízes em Rosemary. Ela não queria um relacionamento. Queria uma aventura.

– Quer um emprego como atendente aqui? O público é mais tranquilo do que o de bar. Além disso, acabei de perder uma garçone pouco antes de você chegar.

Eu não a estava afastando de mim. Não, eu a estava deixando bem aqui, debaixo do meu nariz. Eu era um idiota.

– Obrigada. Seria perfeito. Precisa que comece imediatamente? Eu aprendo rápido... – garantiu-me ela.

Não, eu precisava que ela voltasse para o apartamento de Tripp e deixasse eu me

acalmar.

Uma batida à porta me interrompeu, e, antes que eu pudesse perguntar, Jimmy enfiou a cabeça para dentro da sala.

– A coisa está saindo do controle. – Os olhos dele encontraram Della e ele abriu um sorriso. – Nossa, você é muito sexy. Por favor, me diga que está aqui atrás de um emprego.

Della retribuiu o sorriso e assentiu com a cabeça.

– Perfeito. Posso pegá-la? – perguntou Jimmy, abrindo mais a porta.

Queria responder que não, que eu ainda não havia terminado com ela. Ainda estava pensando em deitá-la sobre a minha mesa e levantar aquela saia para ver o que tinha embaixo.

– Claro. Vá em frente. Como ela tem experiência, não será difícil treiná-la.

Della se levantou e sorriu para mim mais uma vez.

– Obrigada. – Então foi até Jimmy, que fechou a porta atrás dele.

Recostei a cabeça no espaldar de couro e soltei um suspiro derrotado.

Eu precisava me lembrar de que Della iria embora logo. Ela não iria ficar. Eu não deveria perder tudo pelo que havia trabalhado só para me afundar naquela bocetinha apertada de novo. Estava na hora de me focar em Angelina. Talvez ter esse escudo entre mim e Della evitasse que eu cometesse um erro. Porque Della Sloane era capaz de me fazer perder tudo. E depois iria embora.

Por mais gostosa que ela fosse, eu não podia deixar o meu desejo mudar os meus planos. Angelina faria o meu pai feliz. Eu seria vice-presidente e essa merda de administração ficaria para trás. Era a minha única escolha.

Precisava ser.

DELLA

— *Não toque nesta comida, Della. É do seu irmão. É a comida preferida dele. Você sabe disso. Por que sempre tenta jogar fora? Por quê, Della? Por que faria isso com ele? Seja uma boa menina, Della.*

— *Mas, mamãe, está cheirando mal. Está velha e com moscas...*

— *CALA A BOCA! CALA A BOCA! Vá para o seu quarto. Não queremos você aqui. Tudo o que você faz é reclamar. Vá para o seu quarto. Vá para o seu quarto.*

— *Mamãe, por favor, só... Vamos preparar outro prato para ele. Este já ficou velho. A casa toda está cheirando mal.*

— *Ele quer que você deixe o prato aí. Ele vem comer. Só vá para o seu quarto, Della. Vá cantar uma música bonita. Uma música de que todo mundo goste.*

Eu não queria cantar uma música. Queria jogar a comida fora. Balancei a cabeça e comecei a protestar, quando ela me agarrou pelo pescoço e começou a me sacudir.

— *Eu disse para você cantar, Della. Deixe a comida do seu irmão em paz. É dele, menina dos infernos. Que pirralha egoísta!* — *gritou ela com a voz aguda que eu havia aprendido a temer.*

Tirei as mãos dela do meu pescoço, lutando para respirar, mas não conseguia. Ela ia me sufocar. Senti um filete de algo molhado na bochecha e quando levantei o olhar, vi sangue caindo em cima de mim.

Era o sangue dela. Era o sangue da minha mãe.

Olhei para as minhas mãos e vi que elas estavam cobertas de sangue. Virei para gritar por ajuda, mas não havia ninguém. Eu estava sozinha. Sempre sozinha.



Sentei na cama, com um grito me rasgando o peito. Abri os olhos e encarei um entorno desconhecido. As grandes janelas à minha frente me mostravam a luz do sol do começo da manhã dançando sobre as ondas do oceano. Agarrei o edredom e respirei fundo várias vezes. Eu não estava de volta. Continuava a salvo. Tudo estava bem. Meu corpo estava trêmulo enquanto eu observava em silêncio a beleza em que me encontrava imersa.

Eu não sabia se as minhas lembranças acabariam desaparecendo ou se um dia iriam me consumir. Até lá, eu precisava viver. Toda vez que pensava em voltar para casa e desistir da minha viagem, tinha que relembrar o por que de eu tê-la iniciado. Meu tempo era limitado. Atirando as cobertas para longe, fui até o banheiro para

tomar uma ducha. O suor que cobria o meu corpo fez a camiseta colar na pele. Eu havia acordado assim todas as manhãs dos últimos três anos.



Chegando ao fim do segundo dia de trabalho, eu ainda não tinha visto Woods de novo. Comecei a achar que ele estava me evitando. Talvez fosse melhor assim. Ele era o meu superior e eu já provara desse amargo remédio. Namorar o chefe era uma péssima ideia. Acho que Woods estava garantindo que deixássemos o passado para trás. Porém, como ele me proporcionou o primeiro orgasmo da vida, pelo qual eu não havia precisado me esforçar muito, seguir em frente era um pouco mais difícil para mim.

Eu estava pronta para aproveitar a vida, sem me preocupar com as coisas que não poderia ter. Afinal, era para ser uma viagem divertida, não era? Jeffery realmente havia prejudicado os meus planos ao me ensinar que alguns homens não valem nada.

Eu não podia me esquecer disso.

Uma morena atraente com sorriso sincero saiu de dentro do carrão estacionado ao lado do meu. Olhava para mim. Fiz uma pausa quando ela fechou a porta do carro e caminhou na minha direção. Ela não estava vestida como as outras funcionárias da nossa idade. Usava uma calça jeans desbotada de cintura baixa e colada no corpo e uma camiseta justa. Os sapatos de salto vermelhos pareciam ser daqueles difíceis de caminhar.

– Você deve ser a Della. É exatamente como o Tripp descreveu. Sou a Bethy – disse ela, com uma voz alegre, estendendo a mão para mim.

Cumprimentei-a, aliviada por ela ser amiga do Tripp.

– Prazer em conhecê-la – respondi.

Queria fazer amigos ali. Não gostava de ser solitária.

– Desculpa por não ter dado as boas-vindas antes. As coisas andam meio malucas. Woods e o Jace são muito amigos. Você conheceu o Woods, certo?

Só assenti com a cabeça.

– Bom, o Woods estava na minha casa com o Jace tentando decidir o que fazer sobre... ah, deixa para lá. Eu não tenho por que falar sobre a vida particular dele com os outros. Além disso, duvido que você queira me ouvir tagarelando. Vim aqui por outro motivo. – Ela fez uma pausa e me deu um sorriso enorme de novo. – Vamos fazer uma festinha na casa do Jace esta noite. Na semana que vem, começa a temporada de primavera. Vai de março até o fim de abril. Isso aqui fica lotado. Quero que você vá. Não, eu insisto que você vá. Você precisa conhecer essas pessoas. Quanto mais gente você conhecer, melhor. Queria que a Blaire estivesse aqui. Ela é a minha melhor amiga e você vai adorá-la, mas ela e o noivo estão resolvendo coisas de família. – Bethy deu um suspiro e pôs as mãos nos quadris. –

E então, você vai?

Eu tinha planejado voltar para o apartamento do Tripp, dar uma caminhada pela praia e talvez ler um livro. Mas ela tinha razão. Eu precisava conhecer gente.

– Claro, vou adorar. Onde e a que horas?

Bethy deu um gritinho e bateu palmas.

– Viva, que bom! Muito bem, vá se arrumar, se quiser, e esperamos você na casa do Jace lá pelas oito. Ah, ele mora... Você tem uma caneta?

Enfiei a mão na bolsa, tirei de lá um recibo do mercado da noite anterior e uma caneta e entreguei a ela.

Ela anotou o endereço e me devolveu o papel e a caneta.

– Nos vemos em breve! – ela gritou, dando meia-volta e seguindo na direção do carro.

Depois que partiu, fui até o meu carro. Não consegui tirar da cabeça o comentário dela sobre Woods “tentando decidir” alguma coisa. Ela estava certa, não deveria falar sobre a vida pessoal dele, mas fiquei curiosa. Embora não devesse ter ficado.



Encontrei o lugar certo. Havia vários carros estacionados. Era um pouco intimidante, mas, por outro lado, era também mais uma experiência. Eu estava fazendo aquela viagem por coisas assim. Estacionei o carro e saí, esperando estar vestida adequadamente. Fiquei dividida entre usar roupas que combinassem com os membros do clube com quem tivera contato nos últimos dois dias e me vestir para combinar com Bethy. Decidi usar algo intermediário. Esperava que a saia jeans azul, as botas de couro pretas e a camiseta vintage do Bob Marley funcionassem.

Antes que eu batesse, a porta se abriu e Bethy estendeu a mão para me puxar para dentro.

– Você chegou!

Não consegui responder, porque ela começou a gritar para alguém parar de comer molho em cima do tapete branco. Deixei que me guiasse pela casa lotada até a varanda dos fundos.

– Desculpe, está uma loucura. Não está tão terrível aqui atrás – disse ela, olhando para mim.

Havia três caras sentados ao redor de uma fogueira segurando cervejas. Aquele parecia ser o nosso destino.

– Meninos, esta é a Della. Ela é amiga do Tripp. – Bethy sorriu para mim e apontou para um cara bonitão que fazia lembrar tanto o Tripp que não fiquei surpresa quando ela explicou: – Este é o Jace. – Então apontou para um cara com longos cabelos loiros encaracolados e um sorriso malicioso. – Aquele é o Thad. – Ele piscou e eu decidi que gostava dele. Tinha aquele jeito de “pura diversão”. – E

este é o Grant, que apareceu de surpresa. Nós achávamos que ele estava no norte de novo.

Grant era de longe o mais bonito dos três, com seus cabelos escuros presos atrás das orelhas e um brilho no olhar. O sorriso sexy que lançou para mim foi extremamente tentador.

– Olá, Della, por que não vem sentar aqui comigo? Eu deixo você inclusive tomar da minha cerveja – disse Grant com a voz arrastada.

Pensei em dizer não, mas mudei de ideia e abri um sorriso antes de caminhar na sua direção.

– Você vai abrir um espaço ou eu devo me sentar no seu colo? – perguntei, esperando que o tom provocador na minha voz não parecesse ridículo.

O sorrisinho de Grant virou um sorriso.

– Ah, claro que quero que você se sente no meu colo – respondeu ele.

Eu estava tentando decidir se a Braden iria achar essa uma atitude ousada e divertida ou um comportamento de uma vagabunda. Nunca saberia. Ela sempre foi o meu termômetro do que eu deveria ou não fazer. Esse foi um dos motivos pelos quais ela me mandou viajar: para entender a vida sozinha.

Agora era melhor seguir em frente. Eu já havia agido de modo atrevido. Passei por cima das pernas dele, me encostei sobre a grade de ferro que cercava a lareira e me sentei no colo do estranho.

– Ele não vai ficar por aqui por muito tempo, querida. Talvez você queira vir para este colo aqui. Eu nunca saio daqui – disse Thad do outro lado da fogueira.

Grant passou o braço pela minha cintura e me puxou contra o peito dele.

– Nunca se sabe, Thad. Talvez eu tenha encontrado um motivo para ficar por aqui por um tempo.

Tive certeza de que eu estava completamente enrolada.

– Grant, comporte-se. Ela é amiga do Tripp – Bethy chamou a atenção dele. Comecei a me preocupar.

E se agora ela estivesse achando que eu era uma puta barata?

– Não fique tensa no meu colo, querida. Pode se aconchegar – Grant sussurrou no meu ouvido. O suave sotaque sulista dele fez com que eu me sentisse à vontade. Gostei daquele cara. – Aqui, pode ficar com a minha cerveja. Alguém busca outra para mim na próxima rodada.

Eu não gostava muito de cerveja. Mas como não queria ser rude, aceitei.

– Obrigada.

– É um prazer.

Fiquei surpresa por ele não colocar as mãos nas minhas pernas, mas mantido uma ao redor da minha cintura e outra repousando no braço da cadeira. Gostei disso. Ele não ficou achando que eu era fácil só porque me sentei em seu colo.

– Como está o Tripp? Nós não o vemos há uma eternidade – disse Thad.

Eu não sabia muita coisa sobre o Tripp. Conversávamos nas noites em que trabalhávamos juntos, mas nunca havíamos nos aprofundado muito nas histórias pessoais.

– Ele está bem. Tem mulheres que percorrem quilômetros só para sentar um pouco no bar e flertar com ele. Tripp tem um fã-clubes bem dedicado. Ele gosta do trabalho, mas, depois de ver seu apartamento, não entendo por que está em Dallas.

Thad olhou para Jace e os dois fizeram uma expressão solene. Eles obviamente sabiam a razão e isso os chateou. Sentiam falta dele. Não podia culpá-los. Tripp era um cara incrível.

– Por que você saiu de Dallas? – perguntou Grant, deslizando a mão que estava na minha cintura para a barriga.

Ficou com o polegar extremamente perto de roçar na parte de baixo do meu seio esquerdo. Não sabia ao certo se estava tudo bem ou se eu devia deixar rolar.

– Woods! Já era hora! – As palavras de Jace me surpreenderam e eu não sabia mais se estava tudo bem estar sentada no colo do Grant. Não imaginava que Woods passaria lá.

Olhei para ele e senti o meu coração parar. Woods fixou o olhar em mim... ou no Grant... ou em nós dois.

– Não sabia que você estava de volta à cidade – comentou Woods para o Grant, olhando diretamente para mim.

– É, cheguei ontem à noite. Talvez fique por um tempo.

Woods não pareceu achar graça no tom provocador da voz dele.

Fiquei sem reação quando Woods veio na minha direção e estendeu a mão.

– Della, pode vir comigo, por favor?

Por mais atraente que Grant fosse, era difícil de resistir ao tom sombrio e imponente de Woods. Pus a minha mão na dele e ele me puxou para longe do colo de Grant. Comecei a dizer algo, mas Woods me levou para dentro da casa sem dizer nada a ninguém.

– Para onde estamos indo? – perguntei, deixando a minha cerveja em cima da primeira mesa que consegui alcançar, antes que ele me fizesse derramá-la.

Woods não respondeu. Fez um aceno de cabeça para as primeiras pessoas que o cumprimentaram, mas depois passou a ignorá-las. Precisei correr para acompanhar os seus passos rápidos.

Passamos por um corredor e Woods abriu a porta do último quarto à esquerda e me empurrou para dentro antes de fechar a porta atrás de si.

Eu estava começando a ficar preocupada que tivesse de alguma forma o irritado quando ele veio até mim e me encostou na parede. As emoções nos seus olhos castanhos me confundiram. Ele não parecia irritado. Parecia confuso, ferido e talvez

excitado.

– Sinto muito – disse ele, por fim, espalmando as mãos na parede, nas laterais da minha cabeça.

Eu não estava esperando por um pedido de desculpas.

– Tudo bem – respondi, esperando por alguma explicação.

– Eu quero você, Della. Quero arrancar a sua saia e entrar de novo na boceta mais apertada em que já estive.

Opa.

Woods abaixou a cabeça até o seu hálito quente alcançar o meu ouvido.

– É uma péssima ideia, mas eu não consigo pensar em mais nada além disso. Fique longe de mim. Saia do quarto. Vai ser a única maneira de eu manter as minhas mãos longe de você.

Eu ainda sonhava com aquela noite que tínhamos passado juntos. O dia em que os meus sonhos foram bons. Como eu seria capaz de me afastar quando ele poderia me proporcionar aquilo de novo? Por que eu faria isso? Eu gostava de Woods. Além de sexy, ele fazia com que me sentisse desejada. Era gentil e querido por todo mundo. Era um dos caras legais. Eu precisava de afeto. Havia passado a maior parte da vida sem isso. O sexo fazia com que eu me sentisse próxima de alguém, ainda que por um instante. Eu perdi a virgindade com um cara que havia me abraçado e me tocado. Eu queria muito ser tocada. Queria me sentir próxima de alguém. Mas foi um erro. O cara não foi carinhoso e gentil como Woods. Quando Woods me tocava, era muito diferente.

Levei as mãos ao peito dele e as espalmei contra os músculos rígidos embaixo da sua camisa.

– E se eu não quiser sair? E se eu quiser que você levante a minha saia? – perguntei, olhando para ele.

Era uma pergunta simples. Uma pergunta sincera.

– Caramba, gata... – murmurou ele pouco antes de cobrir a minha boca com a dele.

O desespero no seu beijo fez com que eu sentisse um arrepio no meio das pernas. Nossas línguas dançaram, as mãos lutando contra as roupas que separavam os nossos corpos. Consegui arrancar a camisa de Woods pela cabeça e cobri um dos mamilos dele com a boca, enquanto ele tirava minha calcinha.

– Você vai ficar com essas botas. Eu quero você sem nada, só com as botas – rosnou ele enquanto tirava a minha blusa e abria rapidamente o fecho do sutiã.

Assim que fiquei nua, voltei a beijar o peito dele. O peito de Jeffery não era como o dele. Woods passou as mãos ao redor da minha cintura e me pressionou contra a parede, enquanto entrava em mim.

– WOODS! ISSO! – gritei ao ser engolfada por aquela dor cheia de prazer,

abraçando o seu pescoço para me equilibrar.

– Porra... porra... caramba, Della, gata, eu estou fantasiando isso desde a nossa última vez. Eu não quero sair de dentro de você nunca mais.

Woods estava com a respiração pesada quando se apoiou no meu corpo e enterrou a cabeça no meu pescoço.

– Que delícia – ele gemeu.

– Goze dentro de mim e depois você pode entrar de novo – prometi, querendo que ele continuasse.

Estava ansiosa pelo orgasmo que sabia que ele poderia me dar. Aquele momento em que eu não sabia onde eu terminava e ele começava. Não havia lembranças ruins me assombrando durante aquele nirvana. Era o meu único momento de alívio. Eu pretendia conseguir muitos momentos assim com ele naquela noite. Não me importava com mais nada. Só com as sensações que Woods podia me proporcionar.

Ele soltou um rosnado louco antes de começar a meter em mim com força. Lambeu o meu pescoço e mordeu o meu ombro e a região acima do meu seio várias vezes. Fiquei olhando, desesperada por me perder nele o máximo possível. Traçou com a língua um caminho ao redor do meu mamilo e o tocou várias vezes antes de abocanhá-lo. Eu estava muito perto de gozar.

Minhas pernas começaram a enfraquecer com o orgasmo iminente. Woods percebeu, agarrou-as e nos aproximou ainda mais da parede, para ter apoio. Levantou os olhos e, no instante em que os nossos olhares se encontraram, explodi de prazer e gritei o nome dele até a minha voz se tornar um gemido.

– Ah, porra, Della... *Isso*.

O gozo de Woods balançou o corpo dele com tanta força que o meu corpo estremeceu de prazer pela segunda vez. Consegui me segurar nele e descansei a cabeça em seu peito.

Nossa respiração estava arfante e pesada. Parecia que tínhamos corrido uma maratona, mas, na verdade, conseguimos chegar ao paraíso.

Woods ficou passando a mão pelos meus cabelos e pelas minhas costas enquanto estávamos ali de pé. Um gesto de carinho que só fez com que eu gostasse ainda mais dele. Eu nunca havia sido abraçada até Braden me abraçar na noite em que encontrei a minha mãe morta. Woods me deu algo que ninguém mais me dera. Eu procurava pela afeição dos outros. Woods não apenas me dava isso, como fazia todo o resto desaparecer. Se eu pudesse levá-lo para casa comigo naquela noite, será que teria pesadelos? Será que ele poderia exaurir o meu corpo com a capacidade de me dar prazer até não existir qualquer outra lembrança senão a dele?

WOODS

Eu ia levá-la comigo para casa naquela noite. Queria sentir o gosto dela de novo e passar horas roçando a língua naqueles mamilos. Ela era viciante. Eu havia precisado de toda a minha força de vontade para deixá-la na última vez. Agora, eu precisava tirá-la da minha cabeça, ou pelo menos morrer tentando.

Ela se aninhou mais nos meus braços e o suspiro baixinho e satisfeito fez com que eu ficasse com tesão de novo. Caramba, ela era o máximo. Eu não devia estar fazendo isso, mas o meu corpo pensava diferente.

Saí lentamente de dentro dela, mas já estava duro de novo. Se eu ia recomeçar a brincadeira, precisava trocar a camisinha antes.

– Woods Kerrington, eu vou bater em você se estiver fazendo o que eu acho que está fazendo! Você precisa ir embora. A Angelina acabou de chegar! – Bethy estava gritando furiosa enquanto batia à porta do quarto.

Cacete! Eu não queria ter que lidar com a Angelina agora. Della se afastou do meu abraço e olhou para mim com a testa franzida.

– Quem é Angelina?

Quem era Angelina? Eu deveria mentir? Não. Não podia mentir. Mas contar a verdade significava que eu não poderia fazer sexo com Della de novo. Precisava encontrar uma forma de explicar a história sem acabar com aquilo... aquela coisa que estava acontecendo entre nós.

– Por favor, responda, Woods – disse ela, apoiando as pernas no chão e se afastando de mim.

Senti frio sem ela. Levantei as calças. Ela cruzou os braços na frente do peito defensivamente. Isso só fez com que eu quisesse afastá-los para que não bloqueassem mais a minha visão.

– Woods? – Ela estava esperando.

Eu não podia fazer aquilo. Não podia mentir apenas para ela continuar trepando comigo. Caramba! Por que eu precisava ser tão honrado?

– Ela é minha futura noiva.

Senti dor ao pronunciar essas palavras. A ideia de me casar com Angelina e nunca mais sentir o que acabara de sentir quase me fez atirar toda aquela merda e o meu pai pela janela e dizer foda-se para tudo. Mas não consegui. Della logo iria embora. Eu não podia jogar o meu futuro no lixo por algumas semanas da melhor trepada da minha vida.

– Futura? – perguntou ela, pegando o sutiã.

Queria ajudá-la a vesti-lo, mas sabia que ela não iria deixar. Não depois de eu ter

dito o que disse.

– Eu vou pedi-la em casamento amanhã de manhã durante o evento beneficente Delamar, no clube.

Della arregalou os olhos e começou a tentar vestir desajeitadamente o sutiã enquanto aumentava a distância entre nós.

– Hum... – sussurrou ela, enfiando a blusa pela cabeça. Fiquei olhando inutilmente enquanto ela vestia a saia. – Eu fiz de novo... – murmurou ela, balançando a cabeça, descrente.

Quando ela foi em direção à porta, entrei em pânico. Aquilo não podia terminar assim.

– Della, espera, por favor – implorei e ela balançou a cabeça.

– Não, não fale nada. Eu entendi. Eu sou uma transa fácil. Como está prestes a se amarrar a uma garota para o resto da vida, você me usou. Mais uma noite de diversão. – Ela deu uma risada dura. – Eu sou um alvo fácil. Sei disso. Parabéns pelas futuras núpcias. Espero que ela aceite o pedido.

Não soube o que dizer para consertar a situação, então ela abriu a porta e ficou diante de uma Bethy muito irritada.

– Você está bem? Não, não está. Venha comigo – disse a Della em um tom tranquilizador. Então me lançou um olhar furioso. – Eu não acredito em você!

Fiquei assistindo às duas se afastando de mim. Abri o jeans e enfiei a camisa para dentro. O pedaço de tecido cor-de-rosa que arranquei na minha ansiedade de entrar nela continuava atirado no chão. Ela estava andando por aí com aquela saia curta sem calcinha. Caramba. Recolhi a última lembrança que eu teria de saber como Della Sloane era gostosa e enfiei no bolso.



Grant me encontrou no corredor. Eu devia a ele um pedido de desculpas também. Não que estivesse a fim de pedir desculpas. Ele provavelmente seria o próximo a descobrir como Della era incrível. Senti o sangue ferver quando imagens de Grant tocando Della surgiram na minha mente.

– Que merda você está fazendo? Pensei que fosse pedir Angelina em casamento amanhã à noite. O Jace disse que você já tem o anel.

Soltei um suspiro frustrado.

– E vou pedir. É um pouco mais complicado do que parece. Eu fiquei com a Della há uns quatro meses quando ela estava passando pela cidade. Ela é incrível.

– Eu não ia dizer a ele o quanto ela era boa, porque não tinha dúvida de que ele ia ficar com ela e sabia que ele havia sofrido demais por amor para voltar a amar alguém.

– Então você precisava de mais um gostinho? Ela sabia que era disso que se

tratava? Se sabia, tudo bem. Mas, se ela não sabia, você é um filho da puta de merda. – A última parte saiu em um tom baixo, permeado de raiva.

– Eu sou um filho da puta – respondi, dando um encontrão ao passar por ele e indo até Angelina, que vinha na minha direção.

Precisava tratar dela agora.

– Estava procurando por você. Onde você estava? – perguntou ela.

Comecei a mentir, então decidi que ela não precisava pensar que aquilo era um conto de fadas. Ela precisava da verdade.

– Eu estava fazendo um sexo incrível e selvagem. Se vou pedir você em casamento amanhã no evento beneficente, precisava ter mais uma lembrança boa.

A maioria das garotas teria ficado chateada com isso, mas eu sabia que Angelina não se abalaria. O casamento era uma transação comercial para ela também.

– Espero que tenha sido bom, porque não vou mais permitir isso depois que estiver usando o anel – disparou ela.

– Foi incrível – respondi, seguindo na direção da porta da frente. – Vamos embora.

DELLA

Eu não queria voltar para a varanda com Bethy. Vi Grant chegando e só queria sair de lá. Desta vez, doeu. Com Jeffery, eu só havia ficado enojada. Mas com Woods... doeu. Para mim, ele era diferente. Ou pelo menos eu achava que era. A forma como ele me tocou havia me dado esperança. Fui uma boba ao pensar que sexo selvagem seria a resposta para os meus problemas. Foi um ato egoísta. Woods não estava me dando apenas carinho. Meu coração ainda estava doendo. Eu queria tanto aquilo.

Senti minha visão começando a embaçar. Precisava ficar sozinha. Ninguém mais precisava ver aquilo. Não queria aquelas pessoas achando que eu era uma maluca também.

– Eu só quero ficar sozinha, se você não se importa – disse a Bethy, forçando um sorriso tímido antes de sair para o ar frio da noite.

Não olhei para trás nem tentei encontrar o meu carro. Não estava em condições de dirigir. Precisava de algum lugar escuro e silencioso. Algum lugar seguro. Fiquei repetindo a palavra “seguro” na cabeça conforme a minha visão ficava mais e mais embaçada. Consegui encontrar uma casa que parecia vazia e me escondi nos fundos dela, de costas para a estrada. Levantei os joelhos e apoiei a cabeça entre eles. Eu ia passar por aquilo. Era apenas um sintoma do meu trauma. Ou pelo menos era o que os médicos ficavam me dizendo.

Não vá lá fora, Della. É perigoso. Seu papai está morto porque foi lá para fora. Fique aqui, que é seguro. Comigo. Vamos ficar seguras juntas. Só nós duas.

Senti lágrimas enchendo os meus olhos ao pensar nas palavras da minha mãe. Eu fazia um esforço muito grande para reprimir as lembranças. Mas quando ficava emocionalmente abalada, elas voltavam. Não ficavam simplesmente escondidas nos meus sonhos.

Psiu, Della querida. Sei que você quer andar de bicicleta, mas tem tanta coisa ruim que pode acontecer com você lá fora. Você só está segura aqui. Não se esqueça disso. Nós não podemos sair ou coisas ruins vão acontecer. Vamos cantar uma música, está bem? Uma música feliz. Uma música segura.

– Não, não, não, mamãe. Você não vai fazer isso comigo. Eu sou mais forte do que você. Eu posso vencer isso – disse, tirando as lembranças do caminho.

Eu não era minha mãe. Eu queria viver a vida. Queria enfrentar os perigos e

queria conhecer todas as emoções que vinham com eles.

Fiquei ali sentada por um longo tempo, olhando para a lua. Era algo que sempre gostei de fazer. Eu sabia que à noite podia sair da segurança da minha casa para ver Braden. Podia andar na bicicleta dela pelas ruas escuras e respirar o ar fresco. O céu da noite havia se tornado o meu amigo.

Finalmente, sequei o rosto com as costas das mãos e me levantei. Eu estava bem. Havia passado por aquilo sozinha. Braden não estava ali para me dizer para respirar e me fazer dar risada enquanto mantinha o braço ao redor dos meus ombros. Desta vez, eu consegui sozinha. Estava orgulhosa de mim mesma.



Naquela noite, fiquei acordada pensando em arrumar as minhas coisas e ir embora, mas, no fim, decidi que não queria mais fugir. Não podia fazer isso toda vez que sentisse alguma dor ou que algum problema aparecesse pelo caminho. Estava na hora de eu reagir como o resto do mundo e encarar tudo de cabeça erguida. No entanto, talvez eu precisasse procurar outro emprego. Eu ia simplesmente perguntar. Chegaria perto de Woods, de uma maneira muito profissional, e perguntaria se ainda tinha um emprego ou se precisava procurar em outro lugar. Isso não seria muito difícil.

Se eu pudesse evitar lembrar da expressão no rosto dele quando gozou... Caramba. Isso ia ser um problema. Eu precisava parar de pensar em Woods. Ele era o meu chefe. Nada além disso.



No dia seguinte, entrei pelos fundos da sede do clube e segui para a sala de Woods. Era melhor me livrar do problema o mais cedo possível.

Bati à porta e esperei. Ninguém respondeu. Merda. Dei meia-volta e estava voltando pelo caminho da entrada da cozinha quando Woods apareceu. Os olhos dele travaram nos meus e eu parei. O simples fato de vê-lo de novo era difícil. Eu havia deixado nosso sexo se tornar algo mais. Eu me permiti acreditar que precisava daquilo. Balancei a cabeça mentalmente para afastar os pensamentos.

– Olá, Sr. Kerrington. Eu estava procurando por você. Preciso saber se ainda tenho um emprego ou se você prefere que eu me demita e procure em outro lugar – falei de um jeito que pareceu tranquilo e direto. Fiquei impressionada.

Alguma coisa que eu não soube identificar atravessou o olhar de Woods. Ele deu um passo na minha direção e parou.

– Você tem um emprego aqui pelo tempo que quiser – respondeu.

– Obrigada. Muito obrigada.

Não esperei que ele dissesse qualquer outra coisa. Em vez disso, segui na direção

da entrada da cozinha e não olhei mais para trás. Quando as portas vaivém fecharam atrás de mim, soltei a respiração que estava prendendo. Pronto. Eu havia conseguido. Estava encerrado. Nada mais precisava ser dito. Eu iria ignorá-lo e ele poderia fazer o mesmo.

– Ah, que bom, vou trabalhar com você em vez de com Jimmy hoje. Ele me deixa louca. – Uma garota que eu havia visto só uma vez antes, no meu primeiro dia, sorriu para mim ao entrar na cozinha amarrando o avental na cintura.

– Della, certo? – perguntou, prendendo os longos cabelos castanhos em um rabinho de cavalo.

– Sim. E você é... – olhei para o crachá dela – Violet.

Ela riu.

– Peguei você colando. Mas tudo bem. Nós só nos vimos uma vez. Eu fico com as mesas do lado direito, das sete às quatorze. Você pega as mesas do lado esquerdo, da uma às seis. O lado direito é mais difícil de manhã. Muitos clientes regulares. Não quero atirá-la aos cães ainda.

– Obrigada – respondi.

– Sem problemas. Quero que você fique por aqui. Não conseguimos manter ninguém bom.



Consegui me esquecer só de uma coisa: a geleia de maçã para a torrada da mesa três. Por sorte, eles foram bacanas com o deslize e me deram vinte por cento de gorjeta. Um bom começo. Em Dallas, raramente se via vinte por cento de gorjetas de homens com mais de sessenta anos. Eu estava prestes a fechar as contas e encerrar o turno quando Violet se aproximou sorrindo.

– Você está com sorte. Três dos quatro fantásticos estão sentados à mesa de sempre, a número dois. Como Woods está lá, eles vão dar em cima de você. Então, aproveite. Preciso ir. Jimmy vai chegar logo para o turno do almoço.

Ela saiu pela porta e eu fiquei ali parada olhando na direção do salão do restaurante. Não queria encarar Grant ou qualquer um deles ainda. Os acontecimentos da noite anterior ainda estavam em minha cabeça.

Senti vontade de fugir de novo. Eu precisava parar com isso. Peguei a bandeja e a jarra de água gelada e segui na direção deles. Thad, Grant e Jace estavam conversando, sem prestar qualquer atenção à minha aproximação. Ótimo.

O olhar de Grant se ergueu e encontrou o meu. Então ele deu o seu típico sorriso lento e sexy.

– Que bom ver você aqui esta manhã.

Ele sabia. Merda. Será que todos sabiam?

– É o meu trabalho – respondi. – O que vocês querem beber?

– Você definitivamente deixa esse uniforme bonito – respondeu Thad, inclinándose para a frente, com o olhar fixo nos meus peitos e não no meu rosto.

– Cala a boca – disse Grant, lançando um olhar de desprezo para ele. – Eu quero café. Preto.

– Café para mim também. Mas com creme e açúcar – pediu Jace.

– Um copo de leite – disse Thad.

– Ponha em uma mamadeira, porque ele parece estar precisando de uma – disse Jace, revirando os olhos.

– Eu posso ser um bebê, se ela quiser que eu seja – brincou Thad e deu uma piscada.

– Você é um idiota – disse Jace, balançando a cabeça.

Não esperei por mais comentários. Voltei para a cozinha para pegar as bebidas. Estava certa de que Thad não era alguém com quem eu quisesse me envolver. Ele era bonitinho, mas eu tinha a sensação de que ele podia ficar muito chato.

Quando voltei à mesa, Woods havia se juntado a eles. Mantive o sorriso educado e servi os demais.

– O que posso trazer para o senhor, Sr. Kerrington?

Conseguí olhar para ele ao fazer a pergunta, mas não deixei de reparar nas sobrancelhas de Grant se levantando.

– Café, preto, por favor. – Ele mal olhou para mim ao responder e voltou a conversar com Jace.

– Os demais estão prontos para fazer os pedidos?

Grant se inclinou para a frente e fiquei feliz por ter alguém em quem focar o olhar. Estava me sentindo uma tonta tentando não olhar na direção de Woods.

– Não sei quanto a eles, mas eu estou morrendo de fome. Um hambúrguer, por favor. Médio e completo. E peça para o Juan botar aquele molho especial.

– A mesma coisa para mim – Thad se intrometeu.

Eu me obriguei a voltar a atenção na direção de Jace e Woods. Jace olhou para mim.

– A Bethy preparou um café da manhã reforçado para mim, então só o café está bom.

A ideia de olhar para Woods me deu um aperto no estômago. Eu detestava me sentir constrangida perto dele. Então mantive o sorriso falso e olhei na sua direção.

– E você?

Woods olhou para mim, mas apenas por alguns segundos.

– Nada, obrigado. Tenho um almoço marcado.

Com a noiva, sem dúvida. Assenti e segui para a cozinha.

– Ah, que tentação... – disse Thad quando eu me afastei.

– Cala a boca! – disparou Grant.

Quando levei o café para Woods, consegui me safar sem qualquer outra interação com ele.

Jimmy chegou e eu suspirei aliviada.

– Jimmy, eu dou metade das minhas gorjetas de hoje para você se trocar de mesas comigo agora.

Jimmy levantou uma das suas sobrancelhas perfeitas e olhou para mim como se eu fosse maluca.

– Garota, eu não vou pegar metade das suas gorjetas. Qual o problema com as mesas que você está atendendo?

Eu não queria contar a ele sobre Woods. Pensei por um instante e disse:

– Aqueles caras me deixam nervosa e eu não gosto de servir o Sr. Kerrington. Por favor...

Ele revirou os olhos e apertou o avental.

– Tudo bem. Podemos trocar de lado. Mas eu fico com as mesas de um a sete. Você fica da oito à quatorze. Você ainda é nova e precisa de mais mesas.

Assenti.

– É claro, obrigada.

– Acho que vou gostar de você. Estava na hora do Woods contratar outra atendente com quem eu gostasse de trabalhar.

O elogio dele foi legal. Gostei de me sentir como se estivesse me encaixando.

WOODS

Fiquei parado diante da janela da minha sala vendo o carro de Della ir embora. Eu poderia mentir para mim mesmo e dizer que havia sido uma coincidência eu ter olhado pela janela bem na hora em que ela partia, mas eu sabia seu horário. Sabia que o turno dela havia terminado e fui pateticamente até lá para vê-la entrar no carro e sair. Eu tinha dormido muito pouco, preocupado que ela pudesse ir embora sem dizer nada depois da noite anterior.

Quando entrei na sede do clube naquela manhã e Della veio até mim me chamando de Sr. Kerrington, perguntando se ainda tinha emprego, fiquei absurdamente aliviado, mas não cheguei a me desculpar.

E talvez esta seja a melhor decisão: me afastar. Não havia motivo para continuar fingindo que poderia existir alguma coisa entre nós. Ela estava me dispensando e eu precisava deixar que fizesse isso. Pelo bem de nós dois. Era a melhor maneira de evitar que eu caísse de joelhos e implorasse por algo que não podia ter.

A porta se abriu atrás de mim sem ninguém bater. Não precisei olhar para descobrir quem era. Apenas uma pessoa entraria na minha sala sem bater antes.

– Oi, pai – disse sem me virar.

Eu o idolatrava desde a infância. Agora, parte de mim o odiava.

– Woods. Vim aqui para garantir que os planos desta noite estão de pé. Howard e Samantha virão. Eles estão planejando o anúncio. Decepcionar Howard Greystone não é algo que eu pretenda fazer.

Ele sabia que eu não queria, mas ali estava, reafirmando a importância de tudo aquilo.

– Nada mudou.

Essas duas palavras eram muito mais profundas do que ele imaginava. Nada tinha mudado. Ele ainda controlava as coisas e eu continuava odiando a ideia de me casar com Angelina. Meu pai não dava a mínima.

– Ótimo. Sua mãe já está planejando o casamento com Samantha. Elas desejam que isso aconteça desde que vocês eram crianças. Não se trata apenas de garantir o nosso futuro e o sucesso do que o seu avô construiu, mas também a felicidade da sua mãe. Ela adora a Angelina. Se o deixássemos livre para escolher, você jamais se casaria.

A alegria na voz dele se perdeu em mim. Não havia nada de alegre no fato de que meu pai e minha mãe esperavam que eu sacrificasse a minha felicidade pela deles.

– Pelo menos alguém está feliz – disse, sem emoção na voz.

– Quando você estiver casado e sentado na sua nova sala com vista para o buraco

dezoito, com o título de vice-presidente na porta, também vai ficar feliz. Agora você só está emburrado como uma criança que não tem o que quer. Eu sei do que você precisa para ser bem-sucedido e Angelina Greystone é a sua resposta.

Eu não podia olhar para ele. A raiva que queimava em mim certamente iria transparecer nos meus olhos. Só ouvi a porta se fechar quando ele saiu. Eu não sabia se algum dia seria capaz de perdoá-lo por isso. Ou talvez fosse a mim que eu jamais seria capaz de perdoar. Que tipo de homem deixa que controlem a sua vida, seu futuro?



Angelina havia rodado quase todo o salão de baile exibindo o anel que eu colocara no seu dedo. Ela estava transbordando de emoção e todo o salão comprava aquela mentira. O plano é que acreditassem que nós dois estávamos loucamente apaixonados, mas eu não era tão bom ator. Preferi ficar afastado, perto do bar, bebendo doses de uísque.

– Ela é uma gata. Se é para se amarrar, pelo menos você ficou com beleza e dinheiro. Já é alguma coisa... Você parece prestes a matar qualquer um que chegue perto de você – comentou Jace ao se postar ao meu lado no bar.

Angelina era bonita de um jeito frio, clássico. Era elegante, refinada e manipuladora.

– Não consigo ficar feliz por ter me tornado a marionete do meu pai – respondi, ouvindo a minha voz arrastada. Talvez tivesse bebido demais.

– Entendo – concordou ele, pegando o meu uísque e tomando o último gole antes de mim. – Acho que você precisa parar por aqui.

– Também acho, mas daí teria de suportar tudo sóbrio.

Jace soltou um suspiro.

– Eu não ia perguntar, mas o que aconteceu ontem à noite com a Della?

Levantei o copo vazio e o mostrei para o barman.

– Nada.

Jace sorriu.

– Não foi o que a Bethy disse. Aparentemente, sua camisa estava para fora da calça e o zíper estava aberto.

Merda. É claro que a Bethy contou a ele os detalhes.

– Eu conheci a Della quatro meses atrás. Nós tivemos uma noite... uma noite muito, muito incrível. Daí ela reapareceu e eu perdi a porra da cabeça. Foi *isso* que aconteceu.

Jace soltou um assovio baixo.

– Que merda.

Ele não fazia ideia do quanto. Tudo era uma merda: o casamento, meu pai, o

emprego que deveria ter sido meu sem imposição de condições. Minha vida era uma merda. E daí tinha a Della. A doce, sexy e divertida Della... e eu não podia tocá-la. Ela era terreno proibido para mim agora.

– Acho que eu nunca vou me esquecer do gosto dela.

Minha língua bêbada estava solta. Que bom que Jace era o único perto o bastante para me escutar.

– O emprego vale tudo isso? – perguntou Jace.

Eu sabia que ele estava pensando que eu era um fraco filho da puta. Eu não era forte o bastante para me libertar.

– Eu não sou o Tripp. Não posso simplesmente abandonar tudo. Ao contrário dele, eu *quero* esta vida. Eu quero aquele emprego. É meu, caramba.

Jace assentiu e estendeu a mão para pegar o uísque que haviam acabado de me servir.

– Eu disse que ia fazer você parar. Vamos sair daqui por uns minutos. O ar frio da noite vai deixá-lo sóbrio o suficiente para conseguir falar com os convidados e realmente agir como se quisesse esse emprego pelo qual está disposto a abrir mão do controle sobre a sua vida.

Comecei a segui-lo. Sair dali parecia uma ótima ideia.

– Onde está a Bethy? – perguntei, olhando ao redor.

– Ela está com a Della na cozinha, trabalhando. Ela não queria vir esta noite e perguntou se eu me importaria se fosse trabalhar.

Della estava na cozinha? Fiz uma pausa do lado de fora do salão de baile e olhei pelo corredor em direção à porta que levava até a cozinha. Della estava lá. Eu precisava me desculpar. Explicar. Alguma coisa.

– Eu preciso ir atrás de Della. Ela precisa entender.

Jace apertou o meu ombro.

– Não, cara. É uma péssima ideia. Você está noivo e Della é sua funcionária. Trace um limite e fique *atrás* dele.

– Eu já tracei o maldito limite quando coloquei aquele anel no dedo de Angelina. Eu só quero explicar a ela.

Eu trepei com ela e, logo depois, disse que ia ficar noivo. Não conseguia me esquecer da expressão em seu rosto. E isso estava acabando comigo.

– Você acha que vai adiantar de alguma coisa? O que você vai conseguir? Deixa a garota em paz!

Ele não compreendia. Balancei a cabeça e segui para a cozinha.

– Eu acho que o Tripp gosta da Della e ela vai ser o motivo para ele voltar para casa. Ele nunca deixou ninguém morar no apartamento dele antes. Ela é diferente.

Parei. Estava com o peito doendo e o meu estômago não parava de se retorcer. Tripp gostava de Della? Ele era livre para viajar pelo mundo. Ele não tinha

responsabilidades ou objetivos na vida. E só queria viver. Exatamente como Della.

Eu me apoiei na parede e olhei fixamente para as portas da cozinha. De que ia adiantar eu explicar essa bobagem? De nada. Nada iria mudar. Eu não era o homem que ela estava procurando. Nós queríamos coisas diferentes e sexo incrível não durava para sempre.

As portas da cozinha se abriram e a minha coordenadora de eventos, Macy Kemp, se aproximou com a mão presa firmemente no pulso de Della, puxando-a enquanto se aproximava de mim. Abri a boca para dizer algo, mas Macy já estava falando.

– O vocalista é alérgico a frutos do mar. Ninguém me disse isso, Woods. Ninguém. Eu o teria alertado sobre os molhos e as saladas se soubesse disso. – Balançou a cabeça e xingou. – Ele acabou de sair daqui em uma ambulância, mas o idiota vai ficar bem. Eu dei um jeito, então, vai ficar tudo bem.

Ela começou a andar de novo, arrastando Della atrás de si. A expressão de pânico no rosto dela me arrancou do meu estado confuso e embriagado. Não gostei de vê-la perturbada. Por que Macy a estava puxando daquela maneira?

– O que você está fazendo com Della? – perguntei.

Macy sorriu para mim.

– Precisamos de um novo vocalista. A banda não pode tocar sem um. Eu estava completamente surtada quando flagrei esta moça aqui cantando no banheiro enquanto lavava as mãos. Essa menina sabe o que faz.

Não foi uma boa escolha de palavras. Minha calça de repente ficou mais apertada e Della corou. Não consegui afastar os olhos dela.

– Você vai cantar? – perguntei.

Ela encolheu os ombros.

– Sim, ela vai cantar. Que parte de “eu a ouvi cantando e preciso de um vocalista” você não entendeu? Primeiro, eu preciso vesti-la com algo mais adequado. Não tenho tempo. Diga ao seu pai que a banda vai começar a tocar em dez minutos. – Macy seguiu o seu caminho, com Della logo atrás.

– Ela vai cantar no que é basicamente a sua festa de noivado – disse Jace atrás de mim.

Havia me esquecido que ele estava ali.

– Não é a minha festa de noivado.

– Você acabou de ficar noivo e o salão inteiro está falando sobre o casamento. Acho que é, sim.

– Cala a boca, Jace.

DELLA

Se houvesse qualquer maneira de me livrar disso sem pedir demissão, eu teria feito. Cantei a minha vida inteira, mas era como uma espécie de fuga da minha mãe e da minha realidade. Não diante de pessoas. Eu adorava cantar e o espelho e a escova de cabelos foram os meus companheiros enquanto eu cantava para a minha plateia de faz de conta.

Agora era real.

Eu nunca soube ao certo se cantava de um jeito decente. Minha mãe adorava me ouvir cantar, mas nunca foi boa juíza de nada.

Eu abri a boca para explicar isso à mulher que havia se apresentado como Macy Kemp, a coordenadora de eventos do country club Kerrington, mas ela não me deixou dizer muita coisa. Em vez disso, informou à cozinha que eu seria remanejada e começou a me arrastar atrás dela.

Eu esperava que Woods impedisse essa insanidade quando nos viu, mas isso não aconteceu. Ele parecia confuso quanto ao que eu estava sentindo, mas não impediu nada.

Olhei para o vestido prateado curto e justo que eu estava usando agora. O vestido deixava as costas nuas e tinha um decote profundo na frente. Eu estava me sentindo nua. Em vários sentidos.

– Ninguém vai olhar muito para você. Estão ocupados demais sendo ricos. Você só canta para que eles tenham música e possam dançar se quiserem – Macy me informou enquanto me empurrava escada acima, na direção dos integrantes incrédulos da banda. Não podia culpá-los.

– Você é a substituta? – perguntou um deles com irritação na voz.

– Pelo menos vão ficar olhando para o corpo dela e não vão ouvir o nosso som ruim... – outro resmungou, passando a alça da guitarra por cima da cabeça.

– O que você sabe cantar, docinho? – perguntou um cara mais velho meio careca.

Eu não queria estar ali. Eu não pedi aquilo. Reagi aos olhares furiosos e irritados de cada um deles com uma expressão semelhante. Eu já os ouvira antes. Não eram tão bons assim. Quem eles pensavam que eram, me tratando como se eu estivesse ali para ferrar com a vida deles? Se o vocalista tivesse prestado atenção às próprias alergias, isso não teria acontecido.

Passei todos eles antes de me virar para o que havia me perguntado de forma condescendente o que eu sabia cantar.

– Posso cantar qualquer coisa que você começar a tocar – respondi, então caminhei para o palco como a diva que eu *não* era.

A conhecida canção de Adele, “Someone Like You”, começou a tocar e eu fiquei ao mesmo tempo aliviada por saber a letra e enjoada porque a popularidade da música estava atraindo a atenção dos convidados. Preferia ser ignorada.

Eu me aproximei do piano e acompanhei os primeiros versos melancólicos.

Em vez de olhar para o salão de baile, fixei o olhar no pianista. Os olhos dele brilhavam de aprovação, empolgação e alívio a cada verso que eu cantava.

Exatamente como fazia no meu quarto quando era menina, bloqueei todo o resto ao meu redor e me perdi na letra e na música. Esse havia sido o jeito que eu arrumara de lidar com a loucura da minha vida.

Agora eu usava aquilo para lidar com a realidade dela.



Passamos para “Ain’t No Other Man”, na versão de Christina Aguilera. A música animada fez o salão acordar um pouco. Até então, eu havia conseguido não cruzar o olhar com Woods, embora soubesse exatamente onde ele estava. Podia sentir os olhos dele em cima de mim.

– Você sabe harmonizar? – perguntou o guitarrista.

Fiz que sim com a cabeça e ele olhou para os outros integrantes da banda.

“Just a Kiss” de Lady Antebellum começou a tocar.

Tudo estava dando certo até eu notar Woods dançando com uma loira alta e elegante. Eu sabia que precisava desviar o olhar, mas não consegui. Ela sorria e conversava, enquanto ele olhava por cima do ombro dela para o nada. Ele parecia frio. Nada a ver com o cara com quem eu havia ficado.

Ele deve ter sentido os meus olhos em cima dele, porque virou a cabeça. Parecia que eu estava cantando todos os versos para ele. Eu não estava. Não podia estar. Mas parecia. Quando a canção terminou, tirei os meus olhos de cima dele e jurei a mim mesma que não faria isso de novo.



Uma hora depois, eu havia conseguido cantar tudo o que eles tinham tocado. Até mesmo das canções de Bruno Mars. O pianista me deu um tapinha nas costas e sorriu sinceramente enquanto eu saía do palco.

– Você arrasou, docinho – disse o careca. – Sempre que quiser, pode cantar conosco. Certamente não pode fazer duetos com o J.J. – disse o guitarrista.

Deduzi que J.J. fosse o vocalista.

Dei um último sorriso por cima do ombro. Não podia continuar ali. Precisava ficar sozinha. Ver Woods abraçado à noiva era difícil. Ela era linda e perfeita. Parecia segura nos braços dele. Eu entendia essa sensação. Tinha alguma coisa em Woods que fazia com que a pessoa se sentisse segura. Eu a invejei.

A temporada de primavera estava a todo vapor em Rosemary e Bethy não tinha exagerado. O lugar estava cheio. Eu trabalhava cinco dias por semana e, na maior parte dos dias, em dois turnos. A grana era boa e eu gostava dos colegas. Além disso, estava mais fácil ver Woods.

Conseguíamos nos falar educadamente. Às vezes doía quando eu tinha a impressão que ele me observava e, ao me virar, via que ele não estava olhando na minha direção. Não sabia por que me torturava com isso. Ele estava noivo. Meu corpo, no entanto, queria que ele olhasse para mim, porque não sabia o quanto Woods estava fora do alcance.

Certo dia, finalmente Bethy e eu tiramos uma folga. Tínhamos planejado passar o dia na praia. Agora estava mais quente do que na época que eu havia chegado, duas semanas atrás. Bethy queria que eu fosse ao apartamento dela porque ficava na praia particular do clube. Tinha menos gente. Convidei Violet para se juntar a nós depois do turno do almoço e Bethy achou uma boa ideia convidar outra atendente dos carrinhos, chamada Carmen, que também estaria livre mais tarde.

Chequei a última mensagem de texto que havia recebido quando parei no condomínio em que Bethy morava.

Estou na praia. Guardei um lugar para você!

Peguei a minha sacola de praia e saí do carro. Fiquei encantada com o prédio à minha frente. Era um lugar totalmente de elite. Ficava dentro do clube. Depois de duas semanas trabalhando ali, dava para deduzir que devia custar uma fortuna. O salário de atendente de carrinho de Bethy não tinha como cobrir nem parte do custo daquele lugar. O que queria dizer que ou ela havia conseguido um acordo por trabalhar lá ou que Jace a ajudava com o aluguel. Talvez um pouco das duas coisas.

Fui até o calçadão e vislumbrei a faixa de areia quente. Havia mais gente lá do que eu esperava. Pus os óculos de sol e procurei por Bethy. Eu a vi e, sorrindo, segui na direção das duas toalhas de praia coloridas que ela tinha estendido na areia. Então vi Jace ao lado de Bethy, quando ela voltou a se sentar. Olhei ao redor e vi outra toalha evidentemente usada, mas sem ninguém sentado.

– Que bom que você veio! – Bethy sorriu. – Esta toalha é sua. O Thad está na toalha atrás da gente.

Thad. Eu poderia lidar com o Thad. Preferiria o Grant, mas... Pelo menos não era o Woods. Mas também, duvidava que ele iria estar na praia no horário de trabalho.

– Obrigada pelo convite – disse enquanto largava a bolsa e procurava pelo protetor solar.

Já havia passado uma camada antes de sair de casa, mas o sol estava forte.

– Não me agradeça ainda. Eu não esperava que o Thad se juntasse a nós. Você pode acabar se arrependendo de ter vindo. Espero que ele deixe você em paz.

Sorri, pensando que Thad raramente deixava qualquer mulher em paz. Tirei a saída de praia e a pus dobrada na bolsa. Então, afundei na felpuda toalha cor-de-rosa e amarela que Bethy havia levado para eu me deitar.

– Eu nunca tomei banho de mar – disse, passando o protetor solar enquanto observava as pessoas na água. – Pensei que a água ainda estaria fria demais, mas eles parecem estar curtindo.

Bethy deu uma risadinha.

– Está gelada. Eu só entro depois da metade de maio. Mas muita gente gosta assim. Se você nunca tomou banho de mar, acho que vale a pena fazer um teste.

Era algo que eu queria fazer. Era parte da vida que eu queria experimentar. Eu também queria surfar, mas, mesmo inexperiente, estava quase certa de que surfar exigia ondas muito mais fortes. Aquelas ondas não eram muito altas.

– Vá lá. Não deixe de ir por minha causa – Bethy me encorajou.

Sorri para ela e me levantei para percorrer a pequena distância até a água.

A primeira onda que cobriu o meu pé estava assustadoramente gelada. Consegui abafar um grito e me obriguei a continuar. Meus pés afundaram lentamente na areia molhada e, depois de tempinho, a água não parecia mais tão fria. Entrei um pouco mais e precisei parar de novo quando a água bateu nas canelas.

– É mais fácil se você simplesmente entrar de uma vez só e ter logo o choque inicial – disse uma voz familiar atrás de mim.

Quem diria? Woods ia à praia de vez em quando. Olhei para ele por cima do ombro. Agradei aos céus pela segurança dos óculos escuros.

– É mesmo? – perguntei.

Ele estava parado na beira do mar sem camisa e com uma bermuda de surfe branca. Sua pele morena parecia ainda mais bronzeada em contraste com o a bermuda branca. Isso era injusto. Ele precisava usar mais roupa.

– É o único jeito. Se continuar entrando devagarzinho, nunca vai conseguir entrar de verdade.

Por que ele falava assim comigo? Ele vinha agindo como se eu não existisse desde a noite em que informou que ia ficar noivo. Por que agora? Olhei de novo para a água e tentei não pensar na forma como o abdômen dele reluzia ao sol graças ao óleo bronzeador. Ele era um homem comprometido agora. Eu não podia mais ter esse tipo de pensamento.

– Quer que eu vá com você? – perguntou Woods.

Olhei rapidamente para trás e o vi se aproximar. O que ele estava fazendo?

– Acho que não é uma boa ideia. Vou fazer sozinha – consegui dizer, com a voz engasgada.

– Você já tomou banho de mar? – perguntou ele, roçando o braço no meu ombro. Estava muito perto agora.

– Não – respondi sussurrando, desejando que ele se afastasse. Para muito, muito longe.

Ouvi a inspiração ligeira de Woods. Embora estivesse de óculos escuros, pude sentir os olhos dele em cima de mim. Nada bom. Realmente, nada bom.

– Caramba, gata. Onde está o resto do seu biquíni?

O resto do meu biquíni? Olhei para o meu corpo para conferir se estava adequadamente coberto. O que ele queria dizer? Não estava faltando nada.

– Este é o meu biquíni – respondi.

Woods baixou a cabeça e a boca dele ficou perto demais do meu ouvido.

– Esta parte de cima mal está cobrindo você.

Irritada, olhei furiosa para ele.

– Se não está gostando, não olhe – respondi, avançando na água.

Ficar longe dele era mais importante do que me acostumar à temperatura fria.

– Eu não disse que não gostei. Eu adorei. Este é o problema.

Parei. Ele não se importava com o que estava fazendo comigo?

– Você não pode dizer esse tipo de coisa para mim – respondi, furiosa.

Woods se aproximou mais um pouco. Ele estava querendo esse confronto. Eu ia dar a ele.

– Você tem razão. Eu não devia estar fazendo isso. Mas você prefere que eu minta? Eu poderia dizer que não me importo e que não quero você, mas seria uma mentira. Quer saber a verdade? Eu não consigo parar de pensar em ficar com você de novo. Eu quero beijar cada centímetro do seu corpo. – Ele estava com a respiração ofegante.

Por quê? Se ele me queria tanto assim, por que estava noivo de outra? Cruzei os braços defensivamente na frente do peito.

– Eu não consigo entender você.

Ele sorriu e balançou a cabeça.

– Ninguém me entende. Mas eu queria explicar para você. Por favor. Só saia para tomar um drinque comigo. Preciso que você entenda.

Ele havia mudado a tática, mas continuava o mesmo. Ele me queria para se divertir. Queria alguém para entretê-lo por um instante e depois ir atrás de outra. Eu não era esse tipo de garota. Respondi que não e comecei a sair da água. Queria a segurança da praia.

– Você não vai nem deixar eu me explicar?

Olhei para ele de novo.

– O anel no dedo dela é a única explicação de que eu preciso.

WOODS

Eu precisava fazer alguns pedidos que Juan, o chef da cozinha, havia deixado na minha mesa no dia anterior. Tinha telefonemas para retornar e uma noiva determinada a me fazer decidir por uma data para o nosso casamento. Eu estava fazendo alguma dessas coisas? Não. Em vez de fazer tudo isso, eu estava me torturando.

Della precisava de um biquíni maior e eu estava prestes a quebrar as duas mãos de Thad. Rangendo os dentes, desviei o olhar de Thad passando filtro solar nas costas e nos ombros de Della. Ele conseguiu levá-la para dentro d'água. Fiquei ali sentado, agonizando. Os gritinhos e a risada de Della e a necessidade de Thad de ficar tocando nela fizeram o ciúme correr pelas minhas veias. Eu não tinha direito de sentir ciúmes. Nós havíamos feito um sexo incrível. Só isso. Eu não sabia mais nada a respeito dela. Mas queria saber.

Eu queria saber de onde ela era. Sabia que era do sul, mas de que parte? Queria saber se tinha irmãos. De quem herdou os olhos azuis pelos quais fiquei viciado? Ela gostava de dançar? Onde aprendeu a cantar? Ela havia me deixado completamente fora de mim no evento Delamar.

– Seus ombros estão ficando vermelhos. Seria de imaginar que alguém com a sua pele estaria acostumada com o sol... – comentou Thad e eu não consegui evitar de olhar. Ele tinha razão. Estavam avermelhados.

Eu me levantei e fui até a banquinha de aluguel.

– Um guarda-sol, por favor – pedi ao garoto que havia contratado duas semanas atrás, pouco antes de começar o movimento da temporada de primavera.

– Sim, senhor. Quer que eu coloque?

Não. Eu mesmo queria fazer aquilo.

– Pode deixar. Obrigado.

Peguei o guarda-sol. Meus olhos se fixaram nos de Della. Ela estava me observando com curiosidade. Thad dizia alguma coisa no seu ouvido, mas ela não estava prestando atenção. Tinha seu foco todo em mim.

– Cai fora – ordenei a Thad, dando a ele pouco tempo para cumprir a minha ordem antes de enfiar o cabo do guarda-sol na areia e começar a fazer o movimento circular necessário para que ele afundasse o bastante para não voar.

– O guarda-sol não vai alcançar você daí – disse Bethy, dando um sorriso.

– Não é para mim.

– Ah, você pegou para mim? Que fofo, mas estou querendo me bronzear – respondeu Bethy, claramente se divertindo à minha custa.

– Então vai para lá. A Della está com os ombros queimados.

Pronto. Eu disse. Bethy queria que eu admitisse, então, admiti. Deixei Della pensar naquilo por um instante.

– Você pegou o guarda-sol para mim? – perguntou ela.

Pude ouvir a surpresa na sua voz e só olhei para ela de novo depois de o guarda-sol estar bem preso.

– Sim.

Foi tudo o que disse antes de me afastar e pegar a minha toalha. Estava na hora de ir embora. Ela não me queria ali e eu não devia estar ali.

– Obrigada! – gritou Della quando comecei a me afastar.

Assenti com a cabeça sem olhar na sua direção.

– Você está indo embora? – perguntou Jace.

– Preciso trabalhar.

– Não se esqueça da sexta à noite no Sun Club – disse Bethy, sorrindo para Jace, que deu risada.

Era aniversário de Jace e Bethy estava determinada a comemorar com uma noite de festa no único clube noturno da cidade. Ela havia alugado o local com uma ajuda de Grant, que era amigo do proprietário. Seria uma festa apenas para convidados.

– Não perderia por nada – respondi.



Uma noite bebendo, dançando e cantando no karaokê não era algo que interessasse a Angelina. Mas eu fiz o que devia e a convidei. Ela recusou prontamente, dando a desculpa de que precisava ir até Nova York tirar as medidas para o vestido de casamento. Como isso levaria alguns dias, dei todo apoio.

Bethy se dedicou bastante à decoração. Copos de *shots* de bebida foram colados a um pedaço grande de madeira formando o número 24. Havia uma luzinha em cada copo, dando um efeito superbacana. Falei com algumas pessoas ao passar, mas estava procurando Della.

Ia tentar conversar com ela de novo naquela noite. Vê-la rindo e conversando com Thad e Grant como se fossem velhos amigos ia acabar me matando. Eu queria aquilo também. Eu sabia que ela não tinha ficado com nenhum dos dois, mas eles a estavam conhecendo. Grant dissera algo sobre Della querer aprender a jogar golfe e eu fiquei imediatamente com ciúme por ele saber algo que eu não sabia sobre Della.

– Sabe, Woods, depois que o cara fica noivo, espera-se que ele apareça acompanhado da noiva nos eventos... – comentou Bethy ao parar na minha frente com uma dose de alguma coisa que parecia uísque.

– Ela precisou ir a Nova York – respondi, pegando o copo da mão dela.

– Hummm, que interessante – disse Bethy arrastando a voz e então se afastou.

Virei a bebida e larguei o copo em cima do bar. Della estava saindo do banheiro feminino e eu fiquei um instante apreciando o minúsculo short jeans e aquelas botas que eu a vira usando uma vez. Sabia exatamente como ela ficava usando nada além das botas. Vestia uma um tomara que caia de renda preta, e quando levantava os braços, mesmo que um pouquinho, um pedacinho da barriga ficava à mostra.

Aquela menina certamente sabia se vestir para enlouquecer um homem.

– Para de babar, cara. Você já selou o seu destino – brincou Grant, dando uma risada ao passar por mim.

– Eu não me casei ainda – disse em um resmungo, lançando um olhar irritado para ele antes de me focar de novo em Della.

– Não, mas vai. Se quisesse Della mais do que o cargo de vice-presidente, você já a teria. Você fez essa escolha e eu o conheço há tempo suficiente para saber que não vai mudar de ideia.

– É mais complicado do que isso.

Grant cruzou os braços na frente do peito e me encarou.

– É mesmo? Por quê?

Eu não queria explicar a ele como me sentia em relação a Della. Aquilo não era da conta dele. Grant, de todas as pessoas, deveria saber como era querer ficar com alguém com quem não devíamos. Ele só não sabia que eu estava por dentro da história. Achava que era um grande segredo. Nada com Nannette era um segredo. Nunca. A ex-enteada do pai dele era completamente maluca e do mal. Ele sempre soube disso. O que eu tinha com a Della era diferente, mas igualmente impossível.

– Você sabe como as coisas podem ficar complicadas, Grant. Eu sei que sabe – disse em um tom baixo para que apenas ele ouvisse.

Grant estreitou os olhos e então sorriu, embora não fosse um sorriso divertido. Estava mais para um sorriso indignado.

– Quem contou para você? – perguntou ele.

Ninguém havia me contado. Eu vira tudo acontecer. Não acontecia muita coisa no meu clube que eu não visse ou que não me contassem.

– Ninguém mais sabe. Eu vi. Não acho que mais alguém tenha visto.

Grant ficou com uma expressão amargurada.

– Acabou.

Assenti com a cabeça.

– Imaginei. Ninguém consegue ficar tão perto dela por muito tempo.

Ficamos em silêncio observando Della. Quando os seus olhos finalmente encontraram os meus, decidi entrar em ação. Nós dois íamos conversar naquela noite. Eu não a deixaria me dispensar de novo.

DELLA

Eu não devia ter olhado por tanto tempo, mas não consegui fingir que ele não estava me encarando. Em um momento de fraqueza, cruzei o olhar com o dele e vi a tristeza nos seus olhos. Ele tinha segredos. Eu conhecia essa sensação. A minha parte burra queria ajudá-lo.

Por sorte, a minha parte inteligente e racional sabia que ele viria na minha direção e que eu precisava fugir. Ele iria tentar se explicar de novo. Eu não precisava da explicação dele. Eu entendia. Aquela noite era para eu me divertir com outras pessoas. Não era para eu sair correndo atrás de um buraco escuro onde me esconder caso o meu lado maluco surgisse.

Dei apenas dois passos antes de a mão grande dele envolver o meu braço.

– Por favor, Della. Não se afaste. Eu só quero conversar.

Mais uma vez a tristeza. Estava inclusive em sua voz. Ele estava sofrendo de alguma forma. E eu também havia sofrido por muito tempo... Completamente sozinha. Para mim, era fácil identificar o sofrimento nos outros. Ele me atraía de uma forma estranha, perversa.

– O que você quer, Woods? – perguntei, sem olhar para ele.

– Conversar. Eu só quero conversar.

Ele queria conversar. Ótimo. Poderíamos conversar se fosse para encerrar tudo. Talvez aliviasse aquela tristeza dos olhos dele que me assombrava.

– Tudo bem. Mas vamos conversar aqui.

Eu não ia ficar sozinha com ele.

– Parece justo.

Finalmente me virei e olhei para Woods. Ele era mesmo muito bonito. De perto, com ele totalmente concentrado em mim, era difícil ignorar. Eu já havia visto aqueles olhos brilhando de paixão. Conhecia o gosto da boca dele e tinha ouvido os seus gritos de prazer. Isso nunca mais iria acontecer, mas as lembranças eram difíceis de apagar.

– Podemos nos sentar? – perguntou ele, puxando levemente o meu braço na direção de uma mesa vazia em um canto.

Sentei na frente dele, assegurando-me de que a mesinha de bebidas ficasse entre nós. Ele precisava dizer alguma coisa e quanto mais cedo dissesse, mais cedo eu me livraria dele.

– Sobre o que você quer falar comigo? – perguntei.

Passou cuidadosamente o polegar pelo lábio inferior e eu desviei os olhos do rosto dele. Não queria olhar para aqueles lábios e me lembrar.

– Sobre a outra noite. Eu estava tentando ser sincero com você e ferrei com tudo. Eu não devia ter deixado você ir embora sem explicar todos os detalhes.

Eu estava cansada de saber que esta era a única coisa sobre a qual precisávamos conversar. O que não diminuiu a dor que veio junto. Eu havia sido muito aberta e livre com ele. E, não, ele não tinha sido sincero.

– Se você fosse sincero, não teria transado comigo antes de me dizer que estava prestes a ficar noivo. Eu nem sabia que você tinha um relacionamento com alguém. E um relacionamento tão sério! Você estava com ela quando nós... na noite em que nós... nos conhecemos?

Ele apoiou os cotovelos na mesa e se inclinou para a frente.

– Não, não estava. E não é realmente um relacionamento, Della. Não como você pensa que é. É um negócio. A empresa do pai dela vai se fundir com a do meu pai. Não temos exclusividade... ou não tínhamos até eu dar a ela o anel.

Um negócio? O quê?

– Não estou entendendo – respondi, afinal.

Woods deu uma risada baixinha e amarga.

– Não tem como entender, porque é uma maluquice. Meu avô construiu o country club Kerrington. Ele é um grande sucesso por aqui, mas não está no topo dos clubes. Unir o nome Greystone ao nome Kerrington abrirá portas para o meu pai... e para mim.

Greystone? Onde eu tinha ouvido este nome antes?

– Sua noiva é uma Greystone? – perguntei, tentando entender o que ele estava me dizendo.

– É. Ela é a única herdeira do nome Greystone. O pai dela e o meu veem o casamento como uma solução para os problemas de ambos. Um dia, eu vou controlar não apenas o clube Kerrington, como todo o império Greystone.

Nossa. Então as pessoas realmente se casavam por motivos tão superficiais assim... Era por isso que ele parecia triste?

– Ela faz você feliz? – perguntei, procurando uma resposta em sua expressão, além de apenas no que ia dizer.

– Não, mas ela quer esse acordo também.

O arrependimento na sua expressão me deu dor no coração. Eu não gostava do fato de que ele tinha feito sexo comigo sem ter me contado tudo isso, mas ainda assim não queria vê-lo tão triste. Nós só temos uma vida e pronto. Eu sabia disso mais do que a maioria das pessoas. Havia perdido a primeira parte da minha vida. Ele ia perder a parte final em uma situação muito parecida.

O coração dele seria aprisionado. Abandonado.

– É isso que você quer? – perguntei, afinal.

Ele não respondeu de imediato. Em vez disso, me encarou intensamente. Meu

coração acelerou e eu me dei conta de que isso sempre aconteceria quando estivesse perto de Woods. Ele havia se conectado com o meu coração e eu não conseguiria impedir isso. Já tinha tentado.

– Sim e não. Eu quero o que cresci sabendo que seria meu. Quero assumir o lugar que me é de direito no negócio da família. Trabalhei duro por isso. Mas... eu não quero a Angelina.

Os olhos dele disseram mais do que deveriam. Eu precisava tomar uma decisão. Poderia afastá-lo ou perdoá-lo. Poderia ser amiga dele. Nada mais. Ele me oferecera um emprego quando eu precisei. Eu iria embora logo. Até lá, talvez pudesse compartilhar lembranças e momentos com Woods. Nós poderíamos encontrar a felicidade da vida juntos. Novas experiências. Sua última prova de liberdade e a minha primeira.

Levantei os olhos e encontrei o olhar firme dele. Ele estava esperando que eu dissesse alguma coisa e eu disse:

– Podemos ser amigos? Mesmo depois de tudo? Poderíamos simplesmente começar de novo?

Os músculos do pescoço de Woods se mexeram quando ele engoliu. Eu me perguntei se eu o havia interpretado mal. Se ele só precisava encerrar tudo e nada mais. Mas os olhos dele disseram algo diferente.

– Eu gostaria muito disso.

Sorrindo, estendi a mão na direção dele.

– Olá, sou Della Sloane.

Um sorriso torto tomou conta do rosto perfeito de Woods e ele apertou a minha mão.

– Woods Kerrington. Muito prazer, Della.

O toque quente dele me fez estremecer.

– Vou pegar uma bebida. Dança comigo esta noite?

– Sem dúvida.



Bethy me encontrou no bar. Eu precisava respirar fundo e pensar na situação. Mas consegui sorrir para ela como se estivesse tudo certo.

– Posso perguntar do que se tratou aquele aperto de mão? – perguntou Bethy, sentando no banquinho ao meu lado e pedindo duas bebidas.

– Vamos começar de novo. Desta vez, sei que ele está noivo e nós vamos ser apenas amigos.

Pude ver a descrença em seus olhos.

– É sério, vamos ser amigos. Nada mais.

O barman entregou as bebidas.

– Eu acredito que *você* acredita nisso. Mas o Woods não quer a Angelina. Então, sabe, eu tenho motivos para não acreditar que *ele* vai cumprir esse acordo.

Até Bethy sabia que ele não queria se casar com Angelina. Eu não entendia isso. Seria tão ruim não ligar o nome dele ao dela?

– Ele está sacrificando a felicidade por dinheiro e lucro. Não acho que isso vá acabar bem.

Bethy virou a bebida de uma vez e secou uma gota que ficou no lábio inferior com o polegar.

– Será um desastre. Ele vai ser muito infeliz. Mas se é isso que ele quer da vida... Ninguém consegue convencê-lo do contrário. No mundo de dinheiro e poder deles, é isso que se faz. Foi por isso que o Tripp fugiu. Ele não quis participar desse jogo.

Tripp? Ele também tinha recebido esse tipo de ultimato? Mas ele foi embora. Estava vivendo, livre de qualquer prisão.

Detestava a ideia de Woods aprisionado.

– Estou só de passagem. Enquanto estiver por aqui, acho que podemos ser amigos. Eu gosto dele. Quero conhecê-lo. Não quero só ter lembranças dele relacionadas a sexo. Isso é errado?

Bethy pegou a minha bebida de cima do balcão e a estendeu para mim.

– Não. Não é. Agora, beba. Preciso que alguém comece o karaokê e... pronto, vai ser você.

Balancei a cabeça, negando.

– Ah, não. Eu não.

– Você, sim. Fiquei sabendo do seu incrível talento para música. Está na hora de eu ouvir um pouco. Vamos, lá, por mim. Por favor.

Peguei o copo e virei a dose de uma vez só.

WOODS

Grant se sentou no lugar de Della quando ela se afastou.

– Imagino que isso signifique que vocês dois fizeram as pazes. – comentou Grant, largando a cerveja em cima da mesa.

– Nós somos amigos – respondi.

Não sabia ao certo como isso ia funcionar, mas eu ia garantir que funcionasse.

– Amigos... – repetiu ele, como se concordasse. Mas a expressão no rosto dele era de divertimento. – Boa sorte.

O comentário me deixou puto, mas ele tinha razão. Eu precisaria de toda sorte do mundo. Manter a cabeça fria perto dela ia ser difícil.

– Obrigado.

Grant riu.

– Parece que você acha isso tão impossível quanto eu.

Comecei a responder quando Bethy subiu no palco.

– Está na hora do karaokê. Agora que todo mundo já bebeu um pouco de graça, vocês podem começar a cantar para pagar pelas bebidas. Não se preocupem. Não vou fazer vocês subirem aqui. Ainda. Terão uma música inteira para beber mais até a ideia de subir parecer boa. A Della concordou em cantar primeiro porque não precisa estar bêbada para matar a pau.

Della fulminava Bethy com os olhos, como se quisesse se enfiar debaixo de uma mesa. Queria salvá-la disso, mas eu certamente não iria cantar. Eu jamais me recuperaria.

– Pode deixar – disse Grant, dando um salto.

Eu o vi se aproximar de Della e dizer algo que a fez sorrir alegremente para ele. Cretino imbecil. O que ele estava fazendo?

Della pôs a mão na dele e os dois subiram no palco juntos. Ele ia cantar com ela. Eu não cantava na frente de uma plateia desde os tempos de escola.

Della pareceu aliviada por não estar lá em cima sozinha. A letra de “Picture” de Sheryl Crow e Kid Rock apareceu na tela. Não me surpreendi. Ele sempre gostou de cantar músicas do Kid Rock.

Grant começou cantando e me permiti observar Della. Ela ficou impressionada com Grant. A maioria das pessoas ficava... até ouvir Rush Finlay cantar. Rush e Grant foram criados como irmãos durante poucos anos, enquanto o pai de um viveu com a mãe de outro. Mas esse tempo havia sido o bastante para os dois ficarem ligados para sempre. Eu nunca compreendi por que Rush tinha parado de cantar. Talvez fosse porque ele não queria se transformar no pai. Não queria ser comparado

a ele. O pai de Rush era o famoso baterista do Slacker Demon.

Grant, por sua vez, não se importava de usar as habilidades vocais para atrair as garotas.

Della começou a cantar a sua parte da música e o salão ficou em silêncio. Ela era incrível. Fiquei completamente embasbacado quando ela abriu a boca para cantar no evento beneficente Delamar. Era uma das coisas sobre as quais eu queria saber mais.

– Já vou avisando: eu vou dar em cima dela. Você está noivo. Então, pode ficar puto à vontade. Eu não me importo. Ela é gata e vale totalmente a briga – Thad me informou.

Olhei furioso quando ele se sentou na minha frente e deu de ombros antes de olhar de novo para o palco.

Ela era inteligente demais para se envolver com o Thad. Ele não fazia o tipo dela.

– Isso se ela não acabar na cama do Grant esta noite.

Fiquei observando Grant quando os dois encerraram a música e ele a puxou para um abraço. Cerrei os punhos. O que ele estava fazendo?

– Cara, parece que você precisa ser lembrado de que fez a burrada de ficar noivo – disse Thad, levantando-se da cadeira de novo.

As mãos de Della ficaram sobre os braços de Grant por tempo demais. O olhar de Della desviou do rosto de Grant e me encontrou. Ela imediatamente afastou as mãos dos braços dele antes de dar mais um sorriso. Então se virou e desceu do palco.

Fiquei observando enquanto ela atravessava a multidão. Estava a caminho do corredor dos fundos que levava para os banheiros. Não pensei duas vezes. Só segui o meu instinto. Fui atrás dela.

Como Della já havia desaparecido dentro do banheiro quando cheguei, fiquei esperando. Não sabia bem o que ia fazer. Tínhamos acabado de concordar em sermos apenas amigos. Empurrá-la para dentro de uma cabine do banheiro e transar com ela ali mesmo não era uma boa ideia. Eu tinha certeza de que ela não estaria mais tão disponível. Coisa que eu não aceitava muito bem. Eu já havia ficado com ela. Poderia ficar mais.

Olhando fixamente para a porta, decidi que aquilo era uma má ideia. Mais um erro. Eu não devia estar lá. Eu queria conhecer Della e não era assim que eu iria conseguir. Ela iria se afastar se eu tentasse qualquer coisa.

Percorri o corredor de volta, fugindo da tentação.

– Woods? – A voz de Della me parou.

Eu não podia voltar para lá. Olhei para ela por cima do ombro.

– Oi. Você se saiu muito bem. É difícil cantar Sheryl Crow.

Ela corou.

– Obrigada. Foi divertido. Fiquei nervosa quando a Bethy me chamou, mas, no

fim, gostei.

– Gostei também.

Ela veio na minha direção.

– Que tal aquela dança agora?

Eu queria dançar com ela. Queria essa lembrança. Estendi a mão e ela me deu a dela. Ao tocá-la, senti um aperto no peito. Aquela tensão que me cercava só aumentou quando eu fechei a mão ao redor da dela e a levei para a pista de dança.

Podia sentir os olhares em cima de mim, mas, naquele momento, eu não estava dando a mínima. Os outros que olhassem. Os outros que me julgassem. Era aquilo que eu queria fazer e, até eu dizer o “sim”, ia me dedicar a conhecer Della. Se não fizesse isso, iria me arrepender pelo resto da vida.

Jimmy havia assumido o microfone e começado a cantar “Wanted”, de Hunter Hayes. Agradei pela música lenta. Com isso, eu poderia trazê-la para mais perto de mim.

Della deslizou as mãos pelos meus braços e as deixou lá. Ela não as passou pelo meu pescoço nem se aproximou de mim.

– Você está com um cheiro bom – disse ela, tão baixinho que eu quase não ouvi.

– Não tão bom quanto o seu, acredite – respondi e ela ficou tensa quando as minhas mãos apertaram mais a sua cintura. – É a verdade, Della. Eu já disse antes que você tem um cheiro incrível. Não fique toda tensa porque eu estou sendo sincero.

Ela relaxou um pouco.

– Tudo bem, você tem razão. Não é problema nenhum achar que uma amiga cheira bem.

O tom de provocação na voz dela era uma graça.

– E qual é a regra que diz que você não pode pôr as mãos no pescoço de um amigo?

Della fez uma pequena pausa e então suas mãos subiram um pouco e pousaram nos meus ombros.

– Eu não sou alta o bastante para ir mais além. Nem usando estas botas.

– Assim está bom – disse, puxando-a para mais perto de mim. – De onde você é, Della Sloane?

Ela riu.

– Você poderia descobrir facilmente olhando a ficha que me mandou preencher.

Ela tinha razão. Eu podia fazer isso.

– Mas eu quero ouvir de você. Não quero ler a sua ficha.

Della me examinou por um instante.

– Macon, Geórgia.

Eu havia pensado em Alabama ou Geórgia. Ela tinha um sotaque forte.

– Você tem irmãos?

Seu rosto foi tomado por um ar de melancolia e ela negou com a cabeça.

– Não.

Aquele simples “não” pareceu muito mais. Havia alguma coisa que ela não estava me contando.

– Você não parece filha única. Essa sua decisão despreocupada de viajar pelo mundo parece coisa de filha caçula.

Della sorriu como se guardasse um segredo. Eu me perguntei se algum dia eu saberia qual era esse segredo.

– Eu não sou despreocupada. Longe disso. Mas quero ser. Espero um dia saber como é ser despreocupada. Agora estou tentando me encontrar. Você sabe o que quer da vida. Eu não sei. Não faço ideia.

O que eu queria da vida? Eu sabia? Eu ainda era o mesmo?

– Sei muito menos do que você acha que eu sei.

Ela sorriu.

– É mesmo?

Fiquei tentado a beijar aqueles lábios deliciosos. Ah, tentado demais.

– Quando você faz aniversário? – perguntei, em vez de responder à observação dela.

Della suspirou e afastou o olhar.

– Seis de abril. E o seu?

– Dez de dezembro. Qual a sua cor preferida?

Ela deu uma risadinha.

– Azul. Azul-claro. E a sua?

– Um mês atrás, eu teria respondido vermelho. Mas mudei de ideia. Eu gosto de azul agora também.

– Por quê? – Ela levantou uma sobrancelha e olhou para mim.

Eu não ia dizer que era porque os olhos dela eram azuis. Ela me fez ficar todo tenso de novo.

– Um cara pode mudar de ideia. Eu tenho direito de gostar de azul agora. – Não dei tempo para ela pensar naquilo. – Quem foi a sua professora no primeiro ano da escola? – Perguntei rapidamente para distraí-la.

Della parou de dançar e se afastou de mim. Seus olhos pareceram quase vidrados. Eu disse alguma coisa errada? Ela descobrira por que eu disse que azul era a minha cor preferida?

– Preciso beber alguma coisa – disse ela, dando um sorriso trêmulo e nervoso e se afastando rapidamente de mim.

Como eu podia tê-la perturbado ao perguntar sobre a professora do primeiro ano? Os olhos dela contavam uma história que eu talvez jamais viesse a conhecer.

DELLA

Foi uma pergunta bem simples. Fofa, na verdade. Ninguém havia se importado comigo daquele jeito antes. Nunca me fizeram aquele tipo de pergunta, tão inocente e pessoal. Mas, ao querer saber sobre a minha professora, ele me fez lembrar da minha mãe.

Senta aqui, Della. Não olhe pela janela. Você precisa fazer esse trabalho. Para ser inteligente, você precisa ler Shakespeare. Ele vai lembrar você de como o mundo pode ser perigoso.

Balancei a cabeça para afastar as lembranças. Eu não podia fazer aquilo ali. Não agora.

É escuro lá fora, Della. As coisas ruins estão no escuro. Tranque a porta e fique aí dentro. O monstro embaixo da sua cama vai ouvir se você se levantar.

Não, mamãe. Vai embora.

Della, não saia de novo esta noite. O mal está lá fora esperando por você. Fique comigo. Seu irmão fica preocupado com você. Ele não quer que você se machuque. Fique segura na sua cama.

– Della, você está bem? – Braços fortes me puxaram. Fui de bom grado. Precisava me afastar dela. Não queria me lembrar daquela noite. Sabia que me lembraria se ela ficasse muito tempo na minha cabeça.

– Pode deixar comigo. Se manda.

A voz de Woods me aqueceu. Eu estava me libertando das lembranças. Elas não iam me pegar desta vez.

O ar frio da noite roçou no meu rosto e eu me dei conta de que estava sendo carregada. Respirei fundo e o aperto no meu peito desapareceu. Woods tinha me salvado. Eu não estava mais sozinha. Pisquei várias vezes e a minha visão voltou a ter foco. A escuridão havia desaparecido.

Woods sentou-se em um banco no calçadão da praia e continuou me segurando apertado no colo.

– Você voltou – disse ele.

Não sabia ao certo o que dizer. Não queria contar a ele o que havia acabado de acontecer.

– Que bom que você voltou – disse ele mais uma vez, afastando os meus cabelos do rosto com a mão livre. Com a outra, ainda estava me aninhando contra o seu

peito.

– Obrigada.

Woods estava tenso, preocupado. Eu o havia assustado. Comecei a me sentar, mas ele me apertou ainda mais.

– Você não vai se levantar até me contar o que houve.

Senti o estômago apertar. Só Braden sabia daquilo. Só ela sabia o porquê. Eu não podia contar ao Woods.

– Você não precisa me dizer por que isso acabou de acontecer. Mas acontece sempre?

Não era uma pergunta justa. Ele me acharia louca se eu contasse a verdade sem falar sobre o meu passado. Talvez eu fosse. Ninguém ainda sabia ao certo. Eu posso ser... Ela era louca. Eu posso ser também. Era o meu maior medo: pirar exatamente como ela pirou. Eu queria viver a vida porque, se esse dia chegasse, não queria ter arrependimentos.

– Isso é disparado por algumas coisas... – comecei a explicar, me mexendo para sair dos braços dele.

Desta vez, ele me soltou. Agradei por isso, embora desejasse que tivesse tentado me segurar por mais tempo. Porque eu precisava do carinho de alguém depois de ter esses episódios. Isso ajudava a me recuperar.

– Eu disparei isso? – perguntou ele.

Encolhi os ombros e olhei para o golfo. A pergunta dele tinha disparado, na verdade. Mas eu não ia dizer isso. Ficamos sentados em silêncio por alguns instantes. Sabia que a cabeça dele estava fervilhando com todos os tipos de possibilidades e nenhuma delas seria a correta.

– Eu quero que você saiba de uma coisa, Della: eu me preocupo com você.

Ele queria me conhecer. Tive a sensação de que o meu peito ia explodir. Meus olhos se encheram de lágrimas e eu pisquei para afastá-las. Eu não ia chorar na frente dele.

– Obrigada – respondi com a voz rouca.

Woods estendeu a mão e cobriu a minha com a dele, segurando-a com força. Ele não olhou para mim. Os olhos dele estava fixos nas ondas que quebravam na praia em frente. Quando entrelaçou os dedos nos meus, deixei. Aquele simples toque era tudo de que eu precisava. Estar ali com ele mandou toda a escuridão embora. Toda a dor e todo o sofrimento foram esquecidos. Eu estava bem. A sensação era boa.

– Woods? Ela está bem? – perguntou Bethy.

Nós nos viramos e a vimos saindo da casa noturna.

– Ela acha que você bebeu demais – sussurrou Woods para mim.

Eu não tinha parado para pensar no que todo mundo podia estar comentando a meu respeito.

– Estou ótima – disse, quando ela se aproximou.

– Ah, graças a Deus. Eu tinha certeza de que havia feito você passar mal com aqueles drinques. Eles são muito fortes para quem não está acostumado.

– Ela só ficou com muito calor. Isso, mais o álcool. Um pouco de ar fresco vai ajudá-la a melhorar – Woods explicou por mim.

O rosto de Bethy foi tomado pelo alívio.

– Obrigada, Woods. Eu posso ficar com ela se você quiser voltar.

Woods apertou mais a minha mão.

– Não, estou bem aqui. Também precisava dar um tempo.

Bethy pareceu preocupada, mas assentiu com a cabeça e voltou para dentro.

Depois que ela saiu, olhei para Woods.

– Obrigada pela ajuda esta noite. Se você não tivesse se envolvido, tudo teria sido muito constrangedor.

A testa franzida de Woods demonstrava preocupação.

– Que bom que eu estava lá. O que me incomoda é o fato de você estar viajando completamente sozinha. O que você faz quando... *isso* acontece? Quem ajuda você?

Ninguém.

– Eu normalmente me afasto antes de a situação ficar pesada e resolvo sozinha.

Woods puxou a minha mão para mais perto da perna dele e, em vez de me questionar ou argumentar que isso não era uma boa ideia, voltou a atenção mais uma vez para a água escura.

WOODS

—Você precisa voltar para a festa do Jace e acho que vou para o apartamento. Estou cansada. — A voz suave de Della invadiu os meus pensamentos.

Eu queria segurá-la ali comigo para protegê-la e garantir que estivesse bem. Mas sabia que isso não era uma opção.

— Eu levo você. Grant e eu levamos o carro para a sua casa mais tarde.

Eu não ia deixar que ela voltasse dirigindo sozinha esta noite. Para minha própria sanidade, tinha que garantir que ela estivesse a salvo.

— Você não precisa fazer isso. Eu estou bem. De verdade — argumentou ela, soltando a minha mão e se levantando.

Ela podia estar bem, mas eu não estava.

— Vou levar você. Por favor. Vou passar a noite toda preocupado se não me deixar fazer isso.

Seus lábios se abriram em um sorriso e ela, por fim, concordou.

— Tudo bem. Obrigada.

Pus a mão na sua cintura, porque precisava tocá-la de alguma forma. Essa ligação me lembrava de que ela estava bem. Levei-a até a minha caminhonete e a ajudei a entrar no lado do carona. A lembrança da vez em que a atirei dentro do carro só serviu para me deixar ainda mais obsessivo com a sua segurança.

Ela não era minha e jamais seria, mas isso não mudava o que eu sentia. Eu a queria segura e feliz. Naquela noite, ela havia me assustado para cacete.

Alguma coisa não estava bem com Della e o meu desejo era consertar aquilo. Para sempre. O que poderia ter acontecido para ter ficado assim? Ela havia ficado completamente sem reação. Era como se tivesse saído do ar.

Já dentro da caminhonete, olhei para garantir que ela estava com o cinto de segurança. Eu não sabia muito bem como conseguiria seguir em frente depois daquilo.

— Obrigada pela ajuda hoje. Espero não ter assustado você demais.

Eu precisava responder, mas o quê? “De nada, mas você ferrou completamente com a minha cabeça”? Eu não podia dizer isso.

— Eu sempre vou ajudar você, mas não vou mentir. Depois desta noite, fiquei preocupado. Não quero deixar você sozinha naquele maldito apartamento. Quero levar você para a minha casa e cuidar de você.

Notei que ela estava mordendo o lábio inferior, nervosa. Esperei que dissesse alguma coisa. Qualquer coisa. Mas ela continuou em silêncio. Tentei não pensar no assunto, mas era impossível. Eu nunca iria tirar a imagem do rosto dela da minha

mente.

– Eu preciso aprender a viver sozinha. A viver sem ajuda. É por isso que estou nesta viagem. Preciso encontrar a mim mesma... – A voz dela desapareceu antes de terminar o que estava dizendo.

Quem disse que ela precisava descobrir a lidar com aquilo sozinha? E que porra havia acontecido para ela ficar assim?

Estendi o braço e agarrei a sua mão.

– Liga para mim. A qualquer hora. Se precisar de alguém, liga para mim.

Ela assentiu e apertou a minha mão.

– Obrigada.

Parei na frente do condomínio do Tripp desejando ter escolhido um caminho mais longo.

– Independente de tudo, eu me diverti hoje, sabe? – disse ela antes de sair da caminhonete e fechar a porta atrás de si.

Esperei até ela entrar em segurança no condomínio antes de ir embora.



Minha mãe já havia me ligado três vezes naquela manhã. Eu tinha prometido ir até a casa de praia deles para um almoço de domingo com os Greystone e, pelo jeito, ela não estava confiando que eu iria aparecer. Quando o celular começou a tocar no bolso de novo, eu pretendia ignorar. Estava na porra do caminho para a casa de praia. Ela precisava dar um tempo.

O fato de que podia ser Della fez com que eu pegasse o telefone, mas era o nome de Jace que estava na tela.

– Alô?

– Onde você está?

– Indo para a casa de praia dos meus pais almoçar. Por quê?

– Porque passei pela sua sala e você não estava lá. Achei que pudesse estar jogando uma partida de golfe.

– Não. Hoje não.

Jace pigarreou e eu soube que ele queria dizer mais alguma coisa. E não tinha nada a ver com jogar golfe.

– Eu, hã, acabei de falar com o Tripp. Ele está voltando. Acho que é por causa dela.

Merda.

– Tudo bem – respondi, sem saber o que ele queria que eu dissesse.

– Os dois vão ficar no apartamento dele.

Eu não havia pensado nisso. Della dividindo o apartamento com o Tripp? Caramba...

– Não gostei disso... – disse, cerrando os dentes.

Jace soltou um suspiro pesado.

– Cara, você está noivo. Não pode ficar com ela. Se o Tripp quiser, você sabe que vai cuidar bem dela. Só abra espaço e dê uma chance para ele. Isso pode trazê-lo de volta para casa.

Imagens do corpo perfeito de Della deitado na cama com Tripp me deram vontade de atirá-lo contra uma parede. Ela era minha. Não, não era. Puta que pariu!

– Eu preciso ir... – disse antes de desligar e bater o celular na porta do carro enquanto soltava um rugido de frustração.

DELLA

Aos domingos, o turno do almoço era uma loucura. Eu achava que só em Macon, Geórgia, todo mundo ia à igreja. Estava errada. Era uma coisa sulista. Meio-dia e cinco, exatamente, as portas se abriam e todas as mesas do salão do restaurante se enchiam, e fazia fila na porta.

Eu me perguntava por que não havia sido designada para o turno do almoço de domingo antes. Agora estava explicado: era um dia para profissionais. Eu me encostei na parede da cozinha e afastei os cabelos do rosto. De alguma forma, havíamos sobrevivido. A última mesa estava acabando de pagar a conta.

– A única coisa boa dos domingos são as gorjetas. Eu juro que vou pedir demissão todas as semanas quando termina. Daí conto o meu dinheiro – disse Jimmy dando uma piscada e tirando o maço de dinheiro que tinha enfiado no bolso.

– Que loucura.

Jimmy riu.

– É. O bom é que acabou. Você pode ir para casa.

Para casa. O apartamento do Tripp não era a minha casa. E hoje eu não tinha mais tanta certeza se queria continuar lá. Esperava que as gorjetas fossem boas de verdade, porque talvez eu precisasse arrumar as malas e pegar a estrada. Tripp havia ligado na noite anterior para contar que estava vindo fazer uma visita. Será que isso era um aviso para eu me mandar? Ou ele estava esperando que dividíssemos o apartamento?

Eu vinha tendo pesadelos e, em muitas noites, acordava gritando. Dividir o apartamento com Tripp não seria uma grande ideia. Mas ir embora de Rosemary não parecia interessante também.

Eu gostava daqui. Gostava da Bethy, do Jimmy e gostava... do Woods.

– Menina, pare de franzir a testa. Está na hora de ir para casa – Jimmy brincou em um tom provocador ao passar por mim e atirar o avental no cesto de roupa suja.

Consegui dar um sorriso.

– Acho que preciso tirar um cochilo – respondi, tirando o avental também.

Eu não ia tirar um cochilo. Havia uma grande chance de Tripp já estar no apartamento quando eu chegasse.

– Tenho um encontro. Não tenho tempo para dormir. Nos veremos amanhã de manhã – disse Jimmy, saindo da cozinha.

Fui atrás dele. Do lado de fora da sede do clube, desfiz o coque e soltei os cabelos. Estava começando a ficar com dor de cabeça. Não estava acostumada a usar os cabelos tão presos.

O barulho de uma porta de carro batendo chamou a minha atenção e, ao me virar, vi a caminhonete de Woods parada na vaga reservada para ele. A noiva dele estava dando a volta pela traseira da caminhonete soltando fogos pelos olhos.

– Sério, Woods? Você não consegue se comportar durante um maldito almoço? Qual é o seu problema? Você me acha tão abominável que não consegue ser civilizado comigo nem na frente dos seus pais?

A voz aguda e estridente dela atravessou o estacionamento. Aquilo não era da minha conta, e eu precisava entrar no meu carro e ir embora. Mas não consegui. Meus olhos se prenderam aos de Woods quando ele saiu da caminhonete. Parecia irritado.

– Você conseguiu o que queria. Você e nossos pais venceram. Eu me rendi e concordei com tudo. Mas eu não quero nada disso. Nunca vou querer. – A voz entediada de Woods estava quase baixa demais para eu conseguir ouvir. Se não estivesse tão focada nele, talvez não tivesse escutado a resposta.

– É mesmo? Bom, então você não precisa ter nada disso. Porque por mais que eu queira que essa coisa entre nós funcione e um marido adequado para a família Greystone, não quero viver com um homem que me odeia. Posso conseguir coisa melhor do que isso. Sou um ótimo partido, Woods Kerrington. Não preciso de você!

Senti pena dela. Ela tinha razão. Nenhuma mulher merecia isso. A expressão indiferente nos olhos dele parecia no mínimo irritada.

– Tem razão. Sinto muito. Eu só estava com muita coisa na cabeça hoje. Eu não devia ter agido daquela forma no almoço. Meu pai consegue me afetar de um jeito que mais ninguém consegue. O que eu disse e a forma como agi não foram por sua causa, mas por causa dele.

Senti uma dor no coração. A tristeza passou apenas de relance pelos olhos dele, mas eu consegui ver. Queria abraçá-lo e fazer aquela tristeza ir embora. Mas não podia. Eu não tinha esse direito.

Uma mão com unhas meticulosamente bem-feitas acariciou o seu braço. A raiva que a fizera tremer poucos segundos antes havia desaparecido. Os ombros dela estavam relaxados e ela inclinava o corpo na direção dele. Sua voz não estava mais alta o bastante para ser ouvida do outro lado do estacionamento, de maneira que não escutei o que ela disse. Só vi a aceitação no rosto de Woods quando ele assentiu. Ela enroscou o braço no dele e os dois entraram juntos na sede do clube.

Abri a porta do carro e fiz um grande esforço para não pensar no que os dois provavelmente deviam fazer a sós. Não conseguia pensar nisso e continuar calma. Minha atração por Woods era uma porta que eu precisava fechar. Ele era apenas um amigo. O gosto amargo que sentia na boca ao sair do clube e seguir na direção do apartamento de Tripp só aumentava. Eu conhecia a sensação de ser tocada por Woods.

Uma conhecida Harley-Davidson estava estacionada na vaga ao lado da minha. Tripp estava de volta. Eu precisava decidir o que ia fazer e rápido. Talvez fosse a hora de partir.

Estava prestes a abrir a porta do apartamento com a chave quando decidi que provavelmente seria melhor bater. Eu não estava mais sozinha ali.

Bati e esperei.

Tripp abriu a porta quase que imediatamente e o sorriso amigável dele se transformou em um cenho franzido.

– Você tem a chave. Por que bateu à porta? – perguntou, dando um passo para trás e abrindo espaço para eu entrar.

– Bom, você está em casa agora. Achei estranho entrar no seu apartamento sem bater – respondi.

A situação era constrangedora. Eu precisava ir embora.

– O fato de eu vir fazer uma visita não muda nada. Você tem uma chave, as suas coisas estão aqui, você pode entrar e sair quando quiser. Não deixe a minha presença incomodar você.

Então ele queria que eu ficasse? Eu não estava esperando por isso. Não mesmo.

– Eu estava pensando em arrumar as malas e pegar a estrada. Já consegui juntar dinheiro suficiente para ir além de Dallas desta vez.

Tripp franziu o cenho enquanto me examinava.

– Você vai embora porque eu estou aqui?

Sim.

– Não – respondi.

– Por que eu não acredito em você?

Porque eu estava mentindo. Encolhi os ombros.

Tripp soltou um suspiro e fechou a porta.

– Qual é, olhos azuis. Nós dois precisamos conversar e eu quero fazer isso bebendo uma cerveja e olhando para o golfo.

Fui atrás dele até a cozinha. Ele pegou duas cervejas na geladeira, então se virou e atirou uma para mim. Por sorte, eu a agarrei. Tripp acenou com a cabeça para as portas francesas que davam para a varanda de frente para a água. Fui a primeira a sair.

– Sente-se – disse ele, chegando por trás de mim. O calor do corpo dele era impressionante e eu rapidamente sentei em uma das cadeiras dispostas ao redor da mesa.

Tripp sorriu como se pudesse ler a minha mente e sentou na *chaise-longue*, estendendo as pernas e se recostando.

– Meu Deus, como senti falta daqui. Não das pessoas, mas do lugar.

Que estranho. Todo mundo que eu conheci sentia falta de Tripp. Ele estava se referindo apenas aos pais ou realmente não sentia falta de ninguém?

– Você está curtindo morar aqui? – perguntou ele, virando-se para mim.

– Sim. É um lugar legal – respondi sinceramente.

Ele sorriu.

– É, sim.

– Então por que você estava em Dallas? – perguntei.

As pessoas me disseram por que Tripp havia ido embora, mas eu não sabia da história toda.

– Meus pais queriam que eu fosse alguém que eu não era. Eu queria liberdade. Então fui embora. Simples assim.

Mas ele havia voltado.

– Não vou ficar aqui por muito tempo. A necessidade de viajar e viver a vida vai chegar logo. Pedi demissão do bar. Tenho certeza de que o Jeff está comendo a nova atendente. Não posso continuar trabalhando para aquele homem. Além disso, Dallas estava ficando chato.

Essa era a maneira dele de me dizer que eu podia ficar? Eu não sabia se queria. Ele não me conhecia. Eu não o conhecia, na verdade. Se eu ficasse ali, ele provavelmente ficaria sabendo de mais coisas sobre mim do que eu gostaria.

– Eu devo seguir em frente, de qualquer maneira. Gostei de ficar na sua casa. É muito legal.

– Voltamos a esse assunto? Eu não vim para cá para expulsar você. Não quero que vá embora. Pelo menos não ainda. Aproveite a costa mais um pouco. Juro que sou um bom companheiro de quarto. Não ronco nem bebo direto da caixa de leite, a menos que ela esteja quase vazia...

O tom provocador dele me fez sorrir. Estava na hora de ser sincera. Não podia sair dessa mentindo. Ele acharia que eu não gosto dele e eu não podia permitir que pensasse assim. Não depois de ele ter sido tão gentil comigo.

– Eu ir embora não tem nada a ver com eu me preocupar que você possa ser um mau companheiro de quarto.

– Ótimo. Então não há nenhum problema – terminou ele por mim.

Mas isso não era verdade.

– Há, sim. Eu sou o problema. Eu não sou uma pessoa exatamente fácil de se conviver. Eu... eu posso não roncar, mas tenho pesadelos. Eles podem... Não, eles vão acordar você. Eu também tenho problemas de ansiedade. Eu posso esconder tudo isso, mas, se morarmos juntos, você vai acabar me vendo no meu pior estado. Eu, eu não sou... Morar comigo não é algo que qualquer pessoa vá querer fazer. Acredite em mim. Eu preciso seguir em frente.

Pronto. Eu disse. Ele poderia ler nas entrelinhas. Tripp se ajeitou na cadeira e pôs

os pés no chão. Fiquei olhando ele se inclinar para a frente, pousar os cotovelos nos joelhos e me encarar. Engoli em seco. Não queria responder nenhuma pergunta sobre o assunto. Se ele fizesse eu me lembrar demais, eu mostraria exatamente como eu podia ser maluca. Comecei a contar carneirinhos mentalmente. Ajudava a afastar outros pensamentos.

– Se este for o caso, então temos outro motivo para eu ficar aqui. Como você vai lidar com essa merda sozinha? Não, senhora. – Ele fez uma pausa e apertou os lábios. Pude perceber que estava escolhendo as palavras seguintes com muito cuidado. – Eu tenho os meus próprios demônios. Demônios que mantenho escondidos. Somos uma dupla e tanto, você e eu. Ambos não estamos prontos para ficarmos em um único lugar e queremos explorar o mundo. Acho que poderíamos ser ótimos amigos. Foi por isso que dei as chaves do meu apartamento e mandei você para cá. Quem disse que precisamos viajar sozinhos? Estou cansado de ficar sozinho o tempo todo. Por que não deixamos que esta seja uma experiência? Nós dois ficamos aqui umas duas semanas e vemos se conseguimos nos suportar.

Pensei no que ele disse. Era difícil responder. Eu não estava esperando por isso e não sabia direito o que pensar a respeito. Não era algo íntimo demais? Nós mal nos conhecíamos. Mas, também, se dividíssemos um apartamento por algumas semanas, acabaríamos nos conhecendo muito melhor e até ele teria bastante certeza de que não conseguiria lidar com as minhas loucuras.

Eu não ia pensar demais no assunto.

– Tudo bem. Combinado – respondi.

Um sorriso tomou conta do seu rosto. Isso mudaria muito em breve. Provavelmente naquela noite mesmo.

– Além disso, um aviso. O Jace ficou feliz por eu ter vindo para casa. Ele vem aqui esta noite e vai trazer alguns amigos. Espero que não se importe.

As coisas estavam prestes a ficar muito mais sociais. Eu precisava me adaptar.

WOODS

Uma festa de boas-vindas para Tripp não era exatamente um evento a que eu quisesse comparecer. O que era uma pena, na verdade. Eu gostava do Tripp. Ele era meu amigo. Só que a minha amargura por ele estar de volta e ficar no apartamento com Della superava todo o resto.

Eu ia à festa só para ficar um tempo sozinho com ela e conversar sobre isso. Eu não queria que ela ficasse ali se estivesse desconfortável. Eu lhe daria um apartamento totalmente mobiliado, se quisesse. Não precisava ficar com o Tripp.

Bati uma vez e entrei. Ninguém conseguiria escutar acima do barulho de qualquer maneira.

O apartamento estava lotado. Olhei ao redor à procura de Della.

– Woods, já estava mais do que na hora de você aparecer! – gritou Tripp acima da música que tocava pelo sistema de som embutido do apartamento.

Ele estava sentado no bar com Jace, Bethy, Thad e uma menina desconhecida no colo de Thad. Della não estava em lugar algum da sala. Droga.

– E ele está de volta – disse, forçando um sorriso.

– Só para uma visita. Não posso ficar por muito tempo. Meu pai vai tentar enfiar um terno em mim se eu ficar... – brincou, mas as palavras me eram muito familiares.

Eu conhecia bem a sensação de ter as garras do pai cravadas na carne.

– Estou tentando convencê-lo a ficar, mas ele enfiou na cabeça que só está fazendo uma visita antes da próxima aventura – disse Jace.

Pelo tom da sua voz, percebi que estava tentando me tranquilizar com relação à presença de Tripp. Naquele momento, eu só queria encontrar a Della.

– Onde está a Della? – perguntei, sem conseguir disfarçar que só estava ali por ela.

As sobrancelhas de Tripp se ergueram de repente e ele estreitou os olhos. Ignorei a sua expressão e olhei diretamente para Jace.

Jace revirou os olhos e balançou a cabeça para mim.

– Está no quarto dela. Por quê? – perguntou Tripp.

– Por que ela está no quarto? Ela está bem? – perguntei, olhando para o final do corredor que levava para os dois quartos. As duas portas estavam fechadas. Em qual deles ela estava?

– Ela recebeu um telefonema e foi lá para dentro para atender. Mais uma vez, por que o interesse?

Eu não ia responder. Não era da conta dele. Ele estava só de passagem. Ele mesmo dissera isso.

– Woods e Della se conheceram quando ela passou pela cidade alguns meses atrás. Eles... hã... ficaram juntos. Agora são amigos. Ele se sente um pouco responsável por ela – explicou Jace.

– Você está noivo – comentou Tripp, como se eu precisasse ser lembrado disso.

– Eu não estava noivo quando nós dois nos conhecemos. E isso não me impede de me preocupar com ela. Preciso garantir que ela esteja bem – disse, antes de atravessar a sala a caminho do corredor.

Abri a primeira porta e as luzes estavam apagadas. Fechei-a e abri a outra porta. Della estava sentada na cama com as pernas cruzadas e o celular colado na orelha. Levantou os olhos, que encontraram os meus e se arregalaram de surpresa.

Ela estava bem. Eu devia simplesmente fechar a porta e ir embora. Mas não fiz isso. Entrei no quarto e fechei a porta atrás de mim.

– Hã, é. Eu preciso desligar. Ligo mais tarde – disse ela pelo telefone enquanto me observava com cautela. – Eu estou ótima. É só que entrou alguém aqui e eu não quero ser mal-educada. Está bem. É. Eu também te amo. Tchau.

Ela encerrou a ligação e baixou lentamente o celular até o colo.

– Woods? – O restante da pergunta ficou em aberto.

– Você não estava lá fora. – Acenei com a cabeça na direção da porta. – Quis ver como estava.

– Obrigada, mas não precisa se preocupar comigo. Eu estou ótima. De verdade.

Ela não estava ótima. Eu não sabia se algum dia estivera. Atravessei o quarto e me sentei na cama ao lado dela.

– Eu queria vir ver como você estava desde sexta-feira à noite. Você sabe que pode me ligar.

Ela virou a cabeça só um pouquinho para que pudesse olhar nos meus olhos.

– Você esteve ocupado com a sua noiva neste fim de semana. Não tem tempo para se preocupar comigo.

Eu só havia estado com Angelina no almoço de hoje.

– Eu mal vi Angelina neste fim de semana – respondi, detestando dizer aquele nome para Della. Parecia errado.

Della baixou o olhar para as próprias mãos.

– Eu vi vocês dois quando estava saindo do trabalho hoje...

Pensei no almoço desastroso que havíamos tido com os nossos pais e na briga que tivemos no caminho até o clube. Então pedi desculpas, porque Angelina tinha razão. Eu estava torturando a nós dois sendo um cretino.

– Nós almoçamos juntos.

Não sabia ao certo por que sentia a necessidade de explicar, mas sentia.

– Vocês brigaram e fizeram as pazes. Eu não entendo como vocês poderão algum dia ser felizes, Woods.

A resposta sincera dela transformou o aperto no meu peito em dor.

– Eu também não.

– Eu não posso mais me importar com isso. Tenho medo do que sinto por você e não quero me magoar.

Estava ficando difícil respirar. O suave tom de súplica em sua voz ia acabar comigo.

– Eu jamais magoaria você.

Prometi porque era verdade. Eu só queria protegê-la.

– Mas magoa. Dói toda vez que eu vejo você com ela. Não é culpa sua. A culpa é minha. Eu me envolvi rápido demais. E a noite de sexta-feira não ajudou. Só fez com que eu me importasse mais com você.

Nós nem sequer tivemos a chance de ser amigos e ela já estava impondo uma distância entre nós. Eu não podia permitir isso. Eu precisava dela. Ela era a única coisa boa na minha vida.

– E quanto a sermos amigos? – perguntei.

Ela encolheu os ombros e apertou as mãos no colo.

– Não sei. Acho que não consigo. Quando você é... quando você é gentil e carinhoso como foi na outra noite... Ninguém nunca foi assim comigo. Não um cara, pelo menos. Parece que eu não consigo controlar as minhas emoções.

Porra. Eu não podia perder isso... Essa coisa entre nós. Mas eu também não queria magoá-la. Eu faria qualquer coisa para impedir que ela se magoasse.

– Eu quero estar presente quando você precisar de alguém. Por favor, não me afaste.

Della soltou uma risada triste.

– É isso. Você não pode estar presente quando eu precisar de alguém. Isso faz o meu coração doer cada vez mais. Eu vou embora logo. Vamos apenas nos manter distantes até eu ir embora.

Não... Comecei a dizer exatamente isso a ela quando a porta se abriu e Tripp entrou no quarto.

– Você está bem? – perguntou ele a Della sem olhar para mim.

Não gostei do jeito que ele olhou para ela. A preocupação nos seus olhos me deixou puto.

– Nós estávamos falando sobre eu ir embora logo – respondeu ela sem olhar para ele.

– Você não vai embora – argumentei.

Se ela queria ter essa conversa na frente do Tripp, teríamos, porra.

– Eu não posso ficar aqui.

– Pode, sim.

– Ela não quer ficar, Woods. E por que essa urgência por fazê-la ficar? –

perguntou Tripp, dando mais um passo na direção de Della.

– Fique fora dessa porra de conversa, Tripp. Você não sabe nada sobre ela.

Della ficou de pé e levantou as mãos para que eu parasse de falar.

– Para com isso.

Olhei para ela e a tristeza nos seus olhos me abalou. Eu gostava de vê-los brilhando de alegria. Não assim.

– Você precisa parar e pensar na merda que está fazendo – comentou Tripp. – O Woods de quem eu me lembro não era um cretino insensível. Della não merece isso. Você está noivo. O que quer que sinta em relação a ela precisa terminar. Ela vai embora comigo em duas semanas. Nós vamos viajar juntos. Por que você não deixa isso para lá, hein?

Ela ia embora com ele? Eu me recusava em acreditar que ela partiria com ele. No entanto, ela não negou nada. Apenas continuou ali parada, parecendo triste e derrotada. Foda-se tudo. Eu não podia continuar fazendo aquilo comigo mesmo. Ela não ia ficar aqui. Eu não tinha futuro com Della. E só me casando com Angelina, eu teria futuro na empresa do meu pai. Tripp passou a mão no ombro de Della e o apertou. Eu não pude mais suportar. Levantei e saí do quarto. Não olhei para trás. Não me despedi de ninguém. Simplesmente fui embora.

DELLA

—Você não devia ter dito aquilo para ele – falei sem olhar para o Tripp.

Tirei a mão dele do meu ombro e fui até a janela. Woods ficou muito atormentado. Pude ver a indecisão no seu rosto. Queria que ele escolhesse a mim. Mas o que ele estaria escolhendo? Eu não era uma escolha para ninguém.

— Ele está noivo. Não tinha o direito de vir aqui brincar com as suas emoções. Eu vi a dor nos seus olhos. O que quer que tenha acontecido entre vocês dois ainda está presente e ele não está deixando acabar. Isso não é justo com você.

Talvez não fosse justo comigo, mas não era justo com ele também. Fizeram a escolha por ele. Woods estava infeliz e eu detestava isso. Queria ir embora sabendo que ele estava feliz.

— Ele é meu amigo – respondi.

Era a única verdade em tudo aquilo.

Tripp soltou um suspiro pesado.

— É, ele é meu amigo também... ou era. Acho que está pensando em me matar na primeira oportunidade que tiver. Mas ele poderia deixar tudo isso para trás. Poderia ter escolhido você.

— Eu não sou uma escolha.

Minhas palavras foram seguidas pelo silêncio. Fiquei ali parada, contemplando o mar. Podia sentir o olhar de Tripp sobre mim. Ele estava pensando no que eu tinha dito. Eu não explicaria nada. Ele compreenderia tudo em breve.

— Nem todo mundo vê você da forma como você mesma se vê. Às vezes, nossas imperfeições são o que nos tornam especiais.

Não respondi. Porque ele tinha razão. Era o que acontecia com muita gente. Mas não comigo. Não era com as minhas imperfeições que eu me preocupava. Era com o terror que distorcia tudo na minha vida e me mantinha distante de todos.

A porta se fechou suavemente atrás de mim. Ele ia me deixar sozinha. Que bom. Eu queria ficar sozinha.

— Você sabe por que eu mandei você para cá?

Levei um susto com a voz de Tripp e me virei. Ele estava sentado na beirada da cama.

Ele não tinha saído do quarto. Balancei a cabeça. Não fazia ideia de por que ele havia me mandado para cá. Nós mal nos conhecíamos.

— Porque parecia tão perdida quanto eu estava me sentindo. Eu vinha observando você fazia semanas. É difícil não olhar para você. — Seus lábios se abriram em um sorriso torto. — E você não parecia saber qual era o seu lugar. Eu também não sei.

Desde que deixei este mundo para trás, tenho apenas andado à deriva. Estou cansado de ficar sozinho. Vi uma alma irmã em você e ofereci meu apartamento para que você ficasse por perto até eu ter coragem de voltar e enfrentar este lugar. – Fez uma pausa e passou a mão pelos cabelos. – Eu planejava passar um tempo com você para conhecê-la melhor, mas não estava preparado para isso. Woods? – Ele balançou a cabeça. – Você precisava se envolver com o Woods? Justo com ele? Alguém tão maluco quanto eu já fui um dia? O problema é que ele não vai fugir. Ele quer essa vida de merda que os nossos pais nos impuseram. Ele vai se tornar uma porra de uma marionete. Você consegue coisa melhor do que isso, Della.

Engoli em seco o nó que sentia na garganta. Não sabia ao certo o que Tripp estava pensando em dizer, mas não queria mais ouvir. Woods não era alguém que eu precisasse passar o resto da vida desejando. Mas esquecê-lo e seguir em frente era algo mais fácil de falar do que de fazer.

– Esta noite eu só preciso dormir. Não estou a fim do Woods, se é isso que está pensando. Nós transamos. Foi tudo o que houve entre nós.

Tripp se levantou.

– Sinto muito por esta noite.

Eu também sentia. Sentia muito por muitas coisas.

– Está tudo bem. Só estou cansada.

Tripp entendeu o recado e saiu do quarto. Afundei na cama e cobri o rosto com as mãos. Eu estava mais perdida agora do que três semanas antes.

– Você estava lá fora, Della? Como pôde? O que eu preciso fazer para enfiar na sua cabeça que você não pode ir lá fora?

O guincho estridente da voz da minha mãe não era nada perto da dor intensa do cinto de couro com que ela batia nas minhas pernas. Eu sabia que não devia chorar de dor. Ela só ficaria mais furiosa. Minhas fugas de casa sempre a tiravam de si.

Apertei os joelhos um contra o outro enquanto a pele macia atrás deles se abria com os golpes contínuos do couro.

– Doenças. Existem... doenças lá fora que você pode trazer para dentro desta casa. Você não está sendo apenas irresponsável, está sendo egoísta! – ela berrava e eu agradecia que os seus berros abafavam o som dos meus gritos.

Eu não estava mais conseguindo segurar. A dor era muito forte. Às vezes, pensava por que voltava depois de fugir. Por que não ia embora? Por que não continuava fugindo até estar livre daquilo. Livre dela.

Mas eu não podia fugir. Ela precisava de mim. Eu nunca seria livre. Não podia deixá-la. Ela era a minha mãe. Era tudo o que eu tinha.

– Você pensa em mim? NÃO! Pensa no seu irmão? NÃO! Ele fica chateado

quando você sai de casa. Como pôde? – ela berrou, abrindo mais uma ferida na parte de trás das minhas pernas.

Eu desejava ser a criança morta quando as surras eram fortes assim. A dor era lancinante demais.

A cena mudou. Agora a minha mãe não estava mais em cima de mim com o seu rosto ensandecido e apavorante enquanto me batia. Em vez disso, seus olhos estavam sem vida e ela estava deitada em uma poça de sangue. Comecei a gritar.

– Shhhh, Della, está tudo bem. Estou aqui. Shhhh.

A voz estava distante, mas eu podia ouvir. As imagens da morte da minha mãe desapareceram lentamente conforme eu me concentrava mais na voz. Os soluços eram meus. Eu os reconheci.

– Isso mesmo. Você está bem. Eu estou aqui – disse a voz suavemente.

Abri os olhos e me dei conta de que a voz era do Tripp. O medo no rosto dele falava por si só. Ele estava me segurando nos braços e me balançava para a frente e para trás dizendo palavras tranquilizadoras. Ele não estava preparado para o que acabara de ver. Pude ver as perguntas nos seus olhos.

– Sinto muito... – consegui dizer com a voz rouca.

Estava com a garganta ardendo por gritar. Sempre ficava assim quando acordava desse jeito. Braden fora a primeira pessoa a vivenciar aquilo comigo. Minha psicóloga diagnosticou o meu problema como terror noturno. Disse que o meu trauma se expressava quando eu estava dormindo, ao baixar a guarda. Infelizmente, nada do que eu fazia parecia ajudar. Quando eu dormia, minha mãe sempre vinha. E trazia consigo as lembranças.

– Pronto – disse ele, pondo o dedo nos meus lábios e balançando a cabeça. – Não faça isso. Você não tem por que se desculpar.

Não disse mais nada. Saí do colo dele e virei para o lado da cama em que dormia. Tripp não se mexeu. Continuou onde estava.

– Você faz isso sempre? – perguntou ele, por fim.

– Sim – respondi.

Porque acontecia na maioria das noites. Mas normalmente eu acordava sozinha depois que as imagens da noite em que encontrei minha mãe voltavam.

– E você lida com isso sozinha, todas as noites?

Fiz que sim com a cabeça.

– Porra... – sussurrou ele e se levantou. – Della, por que você está sozinha? Você não devia estar sozinha! Como conseguiu fazer isso esse tempo todo? – Tripp esfregou as mãos nos olhos e pelos cabelos, em um gesto de frustração. – Isso foi forte demais. Você sabe quanto é assustador? Meu Deus, Della, você não pode ficar sozinha.

Puxei as cobertas até o queixo e me recostei na cabeceira da cama. Foi ali que Tripp se deu conta de que viajar comigo era muito mais do que ele poderia querer. Fora apenas uma questão de tempo.

– Estou ótima. Alguém ao meu lado não faz os sonhos irem embora. Eu os tenho de qualquer maneira. Vou embora de manhã.

Tripp balançou a cabeça e se aproximou, sentando-se na minha frente.

– Você não vai a lugar algum de manhã. O que quer que esteja passando pela sua cabeça está errado. Isso não muda nada para mim, Della. Eu só não estava preparado.

Eu não tinha certeza se acreditava nele, mas assenti mesmo assim.

– De manhã, vou levar você para jogar golfe. Depois, vamos almoçar. Está na hora de nós nos conhecermos melhor.

WOODS

Eu não conseguia dormir. Passei a noite inteira sentado na varanda, olhando as ondas e avaliando alguns fatos. O principal: eu jamais seria feliz se me casasse com Angelina. O segundo: eu teria que abandonar o meu sonho de assumir o country club Kerrington um dia. Meu pai não iria me perdoar por não fazer o que ele queria, mas Della havia mudado tudo. Eu simplesmente não me importava mais. Eu queria ficar com ela. Talvez não fosse para sempre, mas, por qualquer que fosse o tempo, queria ficar com ela.

Meu futuro estava prestes a sair completamente dos trilhos. Não podia mais ignorar isso. Não era só o sexo. Havia sido no começo, mas não era mais. Eu tinha me aproximado o bastante para ver mais fundo. Eu sabia que ela era generosa e atenciosa. Não esperava nada de mim e estava feliz apenas por estar viva. Havia sido ferida, mas lutava para superar isso. Era tudo parte de seu lindo pacote. Ela era única.

O alívio que veio quando aceitei que não ia abrir mão do que podia ser a melhor coisa que eu já havia encontrado na vida para cumprir as ordens do meu pai foi incrível. Eu podia respirar fundo com facilidade.

Liguei para Angelina e pedi que fosse até o meu escritório às onze. Isso daria tempo para ela dormir bastante e se vestir. Então, depois de terminar com isso, eu iria atrás de Della e cairia de joelhos e imploraria, se fosse preciso.

Deixá-la com Tripp na noite anterior foi o tapa na cara de que eu precisava. Aquela farsa de relacionamento que eu tinha com Angelina era ridícula. Ela também sabia disso. Estávamos tão ansiosos para assumir os postos que nos eram de direito nos negócios dos nossos pais que nos dispusemos a abrir mão do amor.



Ouvi uma leve batida à porta da minha sala antes de Angelina abri-la e entrar. Estava com os cabelos loiros presos em um coque com mechas soltas. Usava um impecável vestido de linho roxo e eu podia apostar que os sapatos de salto combinando custavam mais do que seis meses de salário de um cidadão comum. O anel de diamante em sua mão esquerda zombou de mim ao refletir a luz da janela por toda a sala. Era tão perfeitamente polido e refinado como a mulher que o portava. Angelina sempre foi bonita e elegante. Criada para ser uma marionete do pai. A menina de quem eu gostara um dia estava em algum lugar atrás de toda aquela fachada.

– Não faça isso – disse ela, endireitando a coluna e estendendo a mão para segurar as costas da cadeira ao seu lado. Eu ainda não tinha dito nada, mas ela já sabia. Aquilo devia ter sido confirmação suficiente para nós dois.

– Não podemos fazer o que eles querem. Eu permiti que mandassem em mim até agora, mas cansei. Não posso mais.

Os olhos de Angelina se encheram de raiva e desprezo. Ela não compreendia. Eu achava que ela devia me agradecer, mas percebi que isso não iria acontecer. Ela fora preparada para levar aquilo até o fim. Por quê? O pai dela encontraria outra pessoa. Provavelmente alguém que pudesse amá-la. Que não se casaria com ela apenas pelo nome e a fortuna do seu pai.

– Você está cometendo o maior erro da sua vida – disse ela, entre os dentes.

Fui até o outro lado da mesa e me sentei.

– Casar com você será o maior erro da minha vida. Nós acabaríamos nos odiando. Não posso permitir que o meu pai continue me controlando. Se ele não quer que eu fique com o negócio dele, paciência. Pelo menos, tomei as minhas próprias decisões.

Angelina revirou os olhos, como se eu estivesse dizendo algo ridículo.

– Esta vida que você está tão disposto a dispensar, porque não quer fazer o que mandam, é tudo o que você conhece. Você está agindo como se casar comigo fosse a pior coisa que poderia fazer. Nós já fomos próximos, Woods. Éramos amigos. Poderíamos ter isso de novo se você simplesmente aceitasse a situação e estivesse aberto a ela.

Éramos crianças deixadas sozinhas pelos pais o tempo todo. Dividíamos a mesma vida ferrada. Ela tinha razão. Nós éramos amigos. Mas eu nunca quis nada além disso.

– Por termos sido amigos um dia, eu me recuso a permitir que sejamos forçados a algo que não escolhemos. Você nunca teve outra opção. Existe alguém lá fora que vai amar você. Que vai querer você por quem você é. Não se contente com menos do que isso. A vida é curta e eu estou cansado de desperdiçar a minha.

Ela atirou as mãos para cima e soltou um grunhido irritado.

– Ótimo. Que seja! Não vou implorar. Estou certa de que vou conseguir coisa melhor. Eu só achei que me casar com você seria o melhor para mim. Você me conhece e nós temos uma história juntos, mas não vou continuar com isso. Tenho orgulho. – Ela tirou o anel de diamante do dedo e o atirou com força em cima da minha mesa. – Aqui está. Nós dois sabemos que não preciso disso.

Tentei dizer alguma coisa. Pensei em me desculpar ou pelo menos tranquilizá-la, mas não havia mais nada que eu pudesse falar. Precisava me considerar com sorte por ela não ter atirando nada na minha cabeça.

– Adeus, Woods. Espero que tenha valido a pena para você – disparou ela e saiu pisando duro para fora da minha sala.

Esperei o tempo necessário para ela sair do prédio. Precisava ir atrás de Della.

DELLA

Eu era péssima no golfe.

Quando a bola saiu voando mais uma vez para o meio das árvores, girei frustrada e olhei para Tripp, que estava cobrindo a boca para abafar o riso. Pelo menos ele considerava a minha total falta de habilidade com o taco de golfe divertida.

Ele tinha me acordado às sete da manhã para chegarmos na hora, o que não me deixou muito feliz. Mas, depois da forma como ele havia me ajudado a superar o episódio da noite anterior, senti que devia isso a ele. Então me arrastei para fora da cama e me vesti. Agora, dezessete buracos e doze bolas perdidas depois, era preferível ter ficado na cama. Sim, eu queria aprender a jogar golfe, mas não tão cedo. Eu era muito ruim, não queria tentar de novo.

– Eu desisto.

– Você está melhorando. Só se atrapalhou um pouco com esta tacada – disse Tripp, dando uma risada.

– Pode parar. Nós dois sabemos que eu sou horrível. Posso só ficar olhando você jogar o resto?

Tripp devolveu o taco para a sacola.

– Podemos encerrar o jogo. Você se esforçou. Talvez a gente precise passar um pouco mais de tempo na área de treino trabalhando sua tacada antes de uma partida de verdade.

Ele estava falando como se fôssemos jogar golfe de novo no futuro. Por mim, nunca mais. Mas como não queria ser grosseira, fiquei calada. Entrei no carrinho e Tripp nos levou de volta à sede do clube.

Sem perceber, comecei a procurar pela caminhonete de Woods. Poderia dizer a mim mesma que era para me certificar de que ele não estava ali, porque eu não iria vê-lo. Mas estaria mentindo. Eu era masoquista.

– Merda – resmungou Tripp antes de estacionar na primeira vaga reservada para os carrinhos de golfe.

Olhei para ele para ver o que havia de errado. Foi quando os meus olhos encontraram os de Woods. Ele estava vindo na nossa direção.

– Eis um homem em uma missão – disse Tripp em voz baixa, descendo do carrinho. Woods fez um aceno de cabeça para Tripp, mas os seus olhos imediatamente se voltaram para mim. Fiquei observando enquanto ele passava por Tripp.

Ele parou na minha frente.

– Precisamos conversar.

– Vocês já conversaram bastante ontem à noite. – O tom de voz de Tripp era uma advertência gentil.

Woods o ignorou.

– Eu não estou mais noivo. Está tudo acabado. Terminei tudo. – Ele estendeu o braço e pegou a minha mão.

Ele havia rompido o noivado? Fiquei com a sensação de que ainda estava dormindo. Por que ele faria isso? Ele queria o que o casamento com Angelina poderia proporcionar. Por que acabaria com isso?

– Não estou entendendo – respondi.

Minha voz era pouco mais do que um sussurro.

Os cantos da boca de Woods se ergueram em um sorriso sexy.

– É por isso que precisamos conversar.

Olhei para o Tripp, que só encolheu os ombros. Tínhamos planejado almoçar juntos. Eu não podia deixá-lo na mão. Precisava que ele dissesse alguma coisa em vez de simplesmente encolher os ombros.

– Nós... combinamos de almoçar juntos – disse, por fim, ainda olhando para Tripp.

Tripp olhou para mim e para Woods. Então balançou a cabeça e deu um sorrisinho.

– Eu não vou me meter nessa história. Vá com ele. Se acabou de romper com Angelina, ele quer mais do que eu imaginava. – Então voltou toda a sua atenção para Woods. – Marionete de ninguém. Estava mais do que na hora – disse ele, afastando-se.

– Almoça comigo?

Eu não queria ir no restaurante do clube. Não podia permitir que um dos meus colegas me servisse. Ainda mais almoçando com o chefe. Mas também queria conversar com Woods. Ele não estava mais noivo. Meu coração começou a bater mais forte. Woods estava livre.

– Eu não vou me sentir bem de almoçar lá. Podemos conversar primeiro e depois comer em outro lugar?

– Como você preferir. – Ele me puxou na direção dele e fez um aceno com a cabeça para a caminhonete. – Vamos dar uma volta.

Dentro da caminhonete, Woods não deu a partida no motor. Apenas olhou para mim. Seus olhos castanho-escuros estavam sérios, mas não tinham mais a tristeza de antes.

– Eu sinto muito pela forma como agi ontem à noite. Eu não devia ter falado com você daquele jeito. Eu entrei em pânico.

Eu me ajeitei no assento para ficar de frente para ele.

– Por que você entrou em pânico?

Woods ergueu uma sobrancelha como se não achasse que a pergunta precisasse de uma resposta. Como se já estivesse claro.

– Porque o Tripp estava falando em levar você embora.

Ah.

– Eu quero que você entenda uma coisa. Isso precisa ficar muito claro. Eu nunca amei a Angelina. Nunca quis ficar noivo dela. Eu estava fazendo isso porque ela era a chave para conseguir o que eu achava que sempre quis. Mas você mudou tudo. Eu me dei conta de que não queria ser controlado. Queria ter uma chance com você. Mesmo que você não esteja planejando ficar por muito tempo. Mesmo que você não queira se comprometer, eu quero esse tempo com você.

A ideia de perder a liberdade não tinha sido motivo suficiente para ele recusar a oferta do pai. Ele precisou de mim para criar coragem? Por que eu? Eu não estava entendendo.

– E se você me conhecer melhor e se der conta de que eu não valho a pena? Ainda vai ficar satisfeito por ter deixado tudo para trás?

Woods voltou a sorrir.

– Sim. Como o Tripp disse lá fora, eu não sou marionete de ninguém. Estava na hora de eu me impor.

Ele tinha razão. Viver sob o controle de outra pessoa simplesmente não é viver. Eu sabia muito bem disso.

– Concordo. Não é justo não poder fazer as próprias escolhas na vida. Só quero ter certeza de que não sou o único motivo pelo qual você tomou essa decisão. Porque, sinceramente, você vai descobrir logo que eu sou muito mais maluca do que você pode imaginar.

Woods franziu a testa para mim. Ele não gostou de eu ter dito aquilo, mas não sabia a verdade a meu respeito. E eu não iria contar também.

– Não gosto de ouvir você falando de si mesma dessa maneira.

Voltei a me sentar direito no banco do carro.

– Podemos falar sobre isso outra hora. Estou morrendo de fome.

Eu queria fazer mais perguntas a ele. Tipo: o que acontece com o seu emprego agora? Ou: o seu pai vai demitir você? Ou: você tem planos de fazer alguma outra coisa? Mas como estava me recusando a falar mais sobre mim ou meu futuro, não podia esperar também que ele se abrisse. Poderíamos sair para comer e ver o que aconteceria a seguir. Talvez antes do fim do dia ele se desse conta do erro que cometera e voltasse correndo para Angelina, implorando para que ela o perdoasse. Não havia necessidade de conversas profundas naquele momento. Eu só queria aproveitar um tempo com ele sem me sentir culpada por desejar um homem comprometido.

WOODS

Della comeu o sanduíche em silêncio. Enquanto isso, eu tinha dificuldade para almoçar. Observá-la era mais divertido. Ela limpou delicadamente a boca com um guardanapo e ergueu o olhar para mim. Seu rosto corou e os olhos brilharam.

– Eu estava morrendo de fome. O golfe me deixou exausta, embora eu seja muito ruim – explicou ela, devolvendo o guardanapo ao colo.

– Hoje foi a primeira vez que você jogou? – perguntei, tentando afastar os ciúmes pelo fato de Tripp tê-la levado para jogar golfe.

– Sim. Eu queria aprender a jogar, mas acho que ele deve estar arrependido por ter tentado me ensinar.

Desta vez eu ri. Sabia que Tripp não se arrependia de um minuto sequer. Só esperava que aquelas lembranças fossem suficientes para ele, pois tinha sido a única chance de os dois ficarem a sós daquele jeito.

– Você só precisa de um bom professor.

Della apertou os lábios em uma expressão pensativa.

– Não, eu não tenho salvação. Não vou desperdiçar o seu tempo.

A chance de enroscar os meus braços ao redor dela e ensiná-la a dar uma tacada não seria perda de tempo. Mas guardei esse pensamento para mim mesmo.

– Vamos ver. – Foi tudo o que disse.

A garçonete trouxe a conta e eu deixei em cima da mesa dinheiro suficiente para pagar a refeição e ainda sobrar uma boa gorjeta antes de me levantar e estender a mão para Della. Queria ficar a sós com ela. Havia muita coisa que eu queria dizer, mas antes eu precisava abraçá-la. Fazia tempo demais.

– Para onde vamos agora? – perguntou ela, ao se levantar.

– Para a minha casa. Quero que você a conheça. Principalmente a vista. Tudo bem?

Della concordou e eu tentei me comportar. Mas foi difícil. A imagem dela nua sobre os meus lençóis não saía da minha cabeça. Eu a queria lá.

– Eu adoraria conhecer a sua casa.

Voltamos para a minha caminhonete. No momento em que ela entrou no carro, conferi a sua bunda no short branco. Não havia marca de calcinha e a ideia de ela não ter nada por baixo me deixou louco. Era melhor pensar em outra coisa ou ia ficar completamente duro.

– Por quanto tempo o Tripp vai ficar na cidade?

Pronto, isso daria um jeito. Lembrei a mim mesmo que ela estava dividindo o apartamento com um homem que sem dúvida também queria ficar com ela.

– Ele não disse exatamente. Acho que só voltou para fazer uma visita antes da próxima aventura.

Lembrei naquele momento que a vida que Della levava era muito parecida com a dele. Uma vida que eu não compreendia. Mas se meu pai me demitisse, eu estaria tão perdido quanto ele. Fugir da cidade com Della não parecia uma ideia tão ruim.

Meu celular tocou no bolso e, sem olhar, eu sabia que era o meu pai. Angelina até demorou para contar a ele que o noivado tinha sido rompido. O grande plano dele estava arruinado.

Enfiei a mão no bolso e desliguei o aparelho. Falaria com ele mais tarde. Naquele momento, queria me concentrar em Della. Enfrentar o meu pai acabaria com o meu humor. Eu não queria isso hoje.

– Você trabalha hoje à noite? – perguntei.

Porque, se trabalhasse, eu ia ligar para mudar o horário dela.

– Hoje é o meu dia de folga – respondeu ela, sorrindo. – Não é você quem faz os horários?

Era, mas a última semana havia sido um inferno. Eu não lembrava que dia era a folga dela.

– Só queria confirmar – respondi antes de entrar na garagem.

Aquela havia sido a primeira casa dos meus pais. Meu avô deixara que os dois morassem ali até o meu pai ter dinheiro suficiente para comprar a casa que a minha mãe realmente queria. Quando o meu avô morreu, deixou a casa para mim. Meu pai ficou furioso. Ele queria ter total controle sobre mim. O que eu realmente precisava de herança era uma parte do clube, mas ele não deixou.

– Woods! Que linda! – disse Della com espanto quando estacionei.

Na verdade, não era linda. Não comparada com a casa dos meus pais ou com a maioria das casas mais novas de Rosemary. Mas tinha personalidade.

– Obrigado.

Della abriu a porta da caminhonete e saltou antes que eu pudesse ir ajudá-la.

– Parece com aquelas casas de praia dos filmes. Com grandes persianas e uma varanda ao redor. É simplesmente perfeita.

Ouvir a sua empolgação me deu ainda mais vontade de carregá-la até o meu quarto. Eu adorava aquela casa. Era a única coisa que era minha de verdade.

– Mal posso esperar para ver como é por dentro. Eu poderia morar nessa varanda. A vista deve ser perfeita.

Ela poderia morar na minha varanda se quisesse. Eu inclusive a deixaria entrar e dormir na minha cama. Mas não disse isso. Era muita coisa, rápido demais. Naquele momento, tudo o que havia existido entre nós tinham sido momentos e um sexo muito bom. Eu precisava aproveitar isso.

– Vamos subir. Vou mostrar como a vista é perfeita.

Della me seguiu escada acima. Eu abri a porta e a deixei passar primeiro. Nunca havia pensado muito na minha decoração, mas, ao saber que Della estava conferindo tudo, detestei o fato de não ter mudado muita coisa desde que o meu avô me deixara a casa.

A decoração foi toda feita pela minha avó. Depois que ela foi diagnosticada com câncer terminal, meu avô vendeu a imensa mansão em Seaside e os dois voltaram para cá, onde moraram até o último dia dela. Depois que a minha avó morreu, meu avô se mudou para a casa dos meus pais. Ficou lá por apenas três meses, antes de morrer de ataque cardíaco.

Eu gostava do calor humano dali. Não havia dedicado muito tempo para pensar em mudar as coisas. Eu não recebia ninguém, afinal de contas. Trabalhava demais para ter esse estilo de vida.

Della passou a mão pelo sofá de couro claro gasto e rodopiou lentamente, olhando para os detalhes que a minha avó havia cuidado. Ela adorava pintar. Ver as telas que ela pintara na varanda, enquanto aproveitava os últimos anos de sua existência na Terra, sempre me dava uma sensação de paz.

– As pinturas são lindas. Coloridas e alegres – comentou Della parada diante de uma que era a preferida do meu avô.

Quando tentei devolver para ele, ele se recusou. Disse que a queria na casa.

– É um buraco do campo de golfe – disse ela.

Fiquei impressionado que ela tivesse reconhecido.

– Esse foi o único buraco que o meu avô conseguiu acertar com apenas uma tacada. É o quinze.

Della sorriu.

– E você o tem aqui na sua parede.

– Minha avó pintou. Ela pintou todos esses.

Della arregalou os olhos e começou a conferir os outros quadros na parede.

– Ela era muito talentosa.

Tive que concordar. Ela era mesmo. No entanto, havia trocado os próprios sonhos pelos sonhos do meu avô. Eu sempre ouvira os comentários amargos da minha mãe sobre não ser o capacho que a minha avó era. Mas eu nunca a vi como um capacho. Ela era quieta e reservada, mas controlava muito mais do que qualquer um podia imaginar. Era dona do coração do meu avô. Por mais frio e insensível que muitos pudessem considerá-lo, ela era a sua dona. E apreciava muito isso.

– Não é nada do que eu esperava... Não de um cara solteiro – disse ela, quase em um sussurro. – Adorei.

– Venha comigo – disse, abrindo as portas que davam para a varanda.

Della saiu e foi direto para o gradil. A brisa do oceano movimentou os seus cabelos, que dançaram ao redor dos ombros. Gostei de vê-la ali fora. Voltei para

dentro da casa e fui pegar uma garrafa de vinho e duas taças.

DELLA

—Aqui – disse Woods, aproximando-se por trás.

Ele estava segurando uma taça de vinho tinto. Aceitei e esperei que a minha inexperiência não ficasse muito evidente após o primeiro gole. Tinha certeza de que era um vinho caro, mas não saberia dizer a diferença entre um vinho bom e um barato.

– Obrigada – agradei, tentando disfarçar minha insegurança.

– Venha se sentar aqui. Podemos ver a vista juntos – disse ele, sinalizando com a cabeça para duas espreguiçadeiras.

Eu me aproximei e afundei em uma almofada fofa e estendi as pernas.

Com a perna, Woods trouxe a espreguiçadeira ao meu lado para mais perto e se sentou. Levantou o braço de madeira que nos separava. Se eu me mexesse um centímetro, tocaria nele. Era tentador.

– Desculpe, eu não perguntei se você gostava de vinho tinto.

Ele tinha notado os meus golinhos. Eu estava decidindo que gostava do vinho. Mas não sabia ao certo como ele iria me afetar.

– Não tomei muito vinho tinto na vida, mas é bom.

Ele sorriu e tomou um gole. Eu realmente não devia encará-lo, mas os músculos do pescoço dele se movimentaram quando ele engoliu e foi hipnotizante. Woods pousou a taça na mesa ao lado da cadeira dele, sem tirar os olhos de mim.

– Eu planejei me comportar esta noite, mas não consigo. Não com você olhando para mim desse jeito – disse Woods ao tirar a taça da minha mão e botá-la ao lado da dele. – Acho que não tem problema se eu puder provar só um pouquinho. Só uma provinha. Faz tanto tempo e eu não consigo pensar em nada além do quanto eu quero beijar você... – Ele passou o dedo suavemente pelos meus lábios. – E todas as partes do seu corpo – disse, passando uma das mãos ao redor da minha cintura. Então deslizou a mão mais para baixo, até segurar o meu bumbum. – Porra, gata, você não está usando calcinha embaixo desse short.

A lembrança do tecido fino ser a única coisa para segurar a umidade que as palavras dele estavam provocando me deixou preocupada. Eu não queria uma marca úmida no meu short. Seria humilhante.

– Venha aqui – ordenou ele, me segurando pela cintura e me botando no colo. Eu não queria me sentar em cima dele. E se eu já estivesse molhada? Ele apertou a minha coxa e eu estremeci, sem conseguir impedir que ele passasse a minha perna para cima do seu colo.

Woods enfiou as mãos nos meus cabelos e puxou a minha cabeça para baixo, até

cobrir a minha boca com a dele. No instante em que senti a sua língua tocando a minha, não estava me importando com mais nada. Eu só queria mais. Ele segurou o meu rosto com uma das mãos e passou a ponta da língua pelo céu da minha boca, fazendo com que eu caísse em cima dele. A dureza da sua ereção fez uma pressão firme em meu desejo vivo e a postos. Eu sabia como era bom ter Woods dentro de mim e o meu corpo estava implorando por mais.

– Tão doce... – murmurou ele nos meus lábios.

Sua boca atenta começou a me provocar até chegar ao meu pescoço. O calor de sua respiração fez os meus mamilos endurecerem.

Woods pôs as mãos entre as minhas pernas até encontrar a prova da minha excitação.

– Já está molhada – disse ele no meu ouvido e deu um chupão de leve. – Você sabe o quanto eu acho sexy o fato do seu short estar molhado?

Não respondi. Não consegui. Estava prendendo a respiração de tanta ansiedade.

– Della, esta noite não era para ser de sexo – disse ele, olhando para mim com os olhos semicerrados. Estava com a boca perto do meu decote e eu fiquei com vontade de enfiar os peitos no rosto dele e implorar. – Eu só precisava de uma provinha. O problema é que eu havia me esquecido de como o seu cheiro é viciante. Eu quero entrar em você, gata. Aqui mesmo. Quero arrancar esse short do seu corpo e entrar fundo em você.

Eu estava prestes a concordar com qualquer coisa. Bastava ele tocar um pouco mais em mim. Deixei escapar um gemido e não me importei que estivesse demonstrando o quanto estava frágil e carente.

– Você está bem? – perguntou ele enquanto abaixava a parte da frente da minha blusa, seguido do sutiã, até liberar os meus seios. – Eu sou vidrado em peitos e os seus são perfeitos. Tão redondos e macios.

Ele deu um beijo em um dos mamilos endurecidos e então colocou a língua para fora, passando-a pela ponta do mamilo. – Cerejinhas perfeitas. Feitas para serem sugadas – sussurrou ele antes de enfiá-lo na boca.

Não consegui deixar de agarrar a sua cabeça desesperadamente, mantendo-o ali. Não queria que ele parasse. Sentia uma palpitação entre as pernas. Cada sugada no meu mamilo provocava ondas deliciosas de prazer por todo o meu corpo. Woods deslizou a mão para dentro do short e eu levantei o quadril para ajudá-lo, gemendo quando o seu dedo encontrou o meu calor escorregadio.

Dois dos seus dedos encontraram o meu clitóris inchado e começaram a acariciá-lo em um ritmo constante, ao mesmo tempo que sugava o meu mamilo. Levantou um pouco a cabeça e passou a se dedicar ao outro seio. Foi o máximo que eu deixei a cabeça dele se afastar.

Aquela mágica que apenas Woods parecia ser capaz de provocar começou a

crescer e eu abri mais as pernas. Ele apertou um pouco o meu clitóris e o êxtase pelo qual estava esperando explodiu. Puxei os cabelos dele e berrei o seu nome enquanto todo o meu corpo sacudia com o violento orgasmo que senti.

– Ah, meu Deus – arfou ele, envolvendo o meu corpo com os seus braços e me segurando contra o seu peito. Caí em cima dele. A respiração de Woods estava tão pesada quanto a minha e eu soltei os punhados de cabelos que ainda estava agarrando com força.

– Desculpa... – consegui dizer com a voz rouca.

– Pelo quê? – perguntou Woods com a boca colada no meu pescoço.

– Por ter puxado os seus cabelos.

Um riso baixinho fez o corpo dele vibrar e ele lambeu a carne macia que estava mordiscando um pouco antes.

– Não se desculpe. Foi muito bom. Sempre que quiser puxar os meus cabelos enquanto estiver gritando o meu nome, fique à vontade.

Senti a ereção dele se mexendo embaixo de mim e o meu corpo pulsante e satisfeito saltou em resposta. Ainda não havíamos acabado. Aquilo tinha sido apenas um aperitivo. Balancei o quadril contra ele, saboreando a dor agradável que o movimento provocou. As mãos de Woods agarraram os meus quadris e me seguraram.

– Não faça isso.

Congelei. Será que eu estava machucando ele?

Ele prendeu a respiração, então me levantou e se afastou.

– Preciso trabalhar um pouco. Melhor levar você para casa.

O quê? Para casa? Fiquei ali sentada enquanto ele se levantava e se arrumava. Não me mexi para acompanhá-lo. Ainda tentava entender o que acabara de acontecer.

Ele olhou para mim e uma espécie de hesitação passou pelo seu rosto. Antes que eu pudesse perguntar qual era o problema, ele se abaixou e me entregou o sutiã e a blusa. Então, segurou a minha mão e me levantou.

– Preciso levar você de volta para casa. – Foi tudo o que ele disse antes de pegar as taças de vinho e entrar.

Como se estivesse no piloto automático, fui atrás dele. Ele deixou as taças no bar e pegou as chaves do carro. Olhou para mim e sorriu, então fez um aceno com a cabeça na direção da porta.

Nós realmente íamos sair. Tudo bem. Senti um aperto no estômago. Eu havia feito alguma coisa errada. Ele percebeu como eu ansiava pelo toque dele, pelo menos? Será que isso o assustara? A mim me assustava o fato de que ele me fazia sentir bem de uma forma que mais ninguém jamais conseguira. Eu estava disposta a fazer qualquer coisa para que ele quisesse ficar perto de mim por mais tempo. Voltar para

o apartamento significava apenas mais uma noite com sonhos dos quais eu queria fugir. Lembranças que me controlavam. Eu queria o que Woods podia me dar. Mas isso não ia acontecer. Ele ia se livrar de mim.

WOODS

Eu planejava explicar tudo quando entrássemos na caminhonete. A confusão nos seus enormes olhos azuis era evidente. Mas toda vez que eu tentava explicar, não conseguia pensar em uma forma de dizer as coisas sem assustá-la.

Também tinha medo que Della pudesse discutir comigo e tudo o que eu precisava para pirar era de um olharzinho de súplica dela. Meu pau ainda latejava dolorosamente e o fato de eu saber que ela não estava usando calcinha só me deixava ainda mais duro.

Atirá-la na cama e comê-la até ela estar berrando o meu nome, dizendo que aquela bocetinha apertada era minha era a única coisa em que eu conseguia pensar enquanto tocava nela.

Mas então ela gozou no meu colo e eu soube que era o meu momento de provar que eu conseguia ser altruísta. Aquela noite era dela. Não se tratava do que ela podia fazer por mim, mas só do que eu poderia fazer para ela. Eu não queria que esse relacionamento fosse baseado em sexo. Eu gostava de estar perto dela. Eu queria protegê-la. Eu estava tão envolvido que não conseguia pensar com clareza.

Levá-la de volta para a porra do apartamento do Tripp iria acabar comigo. Eu não queria que ela dormisse lá, no quarto ao lado do dele, mas também não podia levá-la para a minha casa. Eu não queria apressar tanto as coisas, garotas como Della acabam fugindo. E eu não queria que ela fugisse. Queria que ficasse comigo por vontade própria.

Ser um cara com quem uma garota tem vontade de ficar era mais difícil do que eu imaginava.

– Eu fiz alguma coisa errada? – perguntou Della, invadindo os meus pensamentos.

Eu já estava parando na frente do condomínio de Tripp. Eu tinha ficado tão dividido em relação ao que dizer a ela que não disse nada. Merda. Ela estava preocupada. Estacionei a caminhonete e a encarei. Sua testa franzida me incomodou. Eu não queria deixá-la tensa.

Estendi a mão e alisei a pele enrugada de sua testa com o polegar.

– De jeito nenhum. Você foi perfeita.

A testa continuou franzida. Ela não estava acreditando em mim. Eu devia explicar tudo a ela. Só não conseguia encontrar as palavras certas.

– Tudo bem... – disse ela lentamente, prestes a sair do carro.

– Espera. Deixa comigo. Vou levar você até a porta – disse, abrindo a porta do meu lado e dando a volta para abrir a dela.

Ela ficou me observando, ainda com a testa franzida e uma expressão confusa no

rosto. Era adorável. Peguei a mão dela e a ajudei. Meus olhos focaram no ponto úmido extremamente visível na virilha do seu short. Olhei ao redor, à procura da Harley de Tripp e a encontrei parada ao lado do carro de Della. Ele não ia ver aquilo. Só eu podia ver vestígios da bocetinha molhada dela. Enfie o braço na caminhonete e peguei um agasalho com capuz no banco de trás.

– Vista isto, por favor – pedi, enfiando o blusão pela cabeça dela antes que ela pudesse protestar ou mesmo perguntar por quê.

Ela enfiou obedientemente os braços nas mangas, e o agasalho caiu até a metade das suas coxas, cobrindo até abaixo do short. Soltei um suspiro de alívio.

– Por que estou vestindo o seu agasalho? – perguntou ela, olhando atentamente para mim, como se eu pudesse estar enlouquecendo.

Passei a mão pela cintura dela e a puxei para mais perto de mim, então baixei a cabeça até ficar com a boca na altura do seu ouvido.

– Tripp está em casa e só eu posso ver aquela marquinha molhada encantadora no seu short. Quando entrar em casa, vista algo solto e largo. E, por tudo que é mais sagrado, fique de calcinha e sutiã.

Della assentiu e eu a soltei. Ela tinha um cheiro muito bom. Vê-la pequenininha dentro do meu agasalho não estava ajudando. Meu pau estava cada vez mais inchado.

– Eu preciso ficar aqui. Se for até a porta, não vou conseguir ir embora.

Ela enfiou as mãos nos bolsos da frente do agasalho.

– Tudo bem. Eu, hã, a gente se vê amanhã, então... – Ela deu meia-volta e seguiu na direção do condomínio.

Esperei ela entrar para voltar para a caminhonete e ir embora. Eu devia tê-la levado até a porta, mas vê-la no apartamento de Tripp despertaria ainda mais o homem das cavernas que morava dentro de mim e eu acabaria entrando com ela e ficaríamos trancados no quarto. Foi a única maneira de deixá-la ir.

Estava na hora de ir falar com meu pai.



Minha mãe me recebeu na porta da frente com a testa franzida. Ela não perguntou como eu estava nem sequer tentou falar amenidades. Apenas apontou para o corredor e disse:

– O seu pai está no escritório dele. – E se afastou sem falar mais nada.

Durante a maior parte da minha vida, minha mãe só era carinhosa se eu estivesse fazendo exatamente o que ela queria. Sempre que eu deixava de fazer o que ela esperava ou a desagradava, minha mãe deixava bem claro como estava se sentindo em relação a mim. Eu já deveria ter superado isso a essa altura. Era um homem de 24 anos. Buscar a aprovação da minha mãe era algo do meu passado. Ainda assim,

seu amor condicional às vezes era difícil de engolir.

Bati à porta do escritório do meu pai e a abri. Não adiantava esperar que ele me dissesse para entrar. Ele estava bravo comigo de qualquer maneira. Quando entrei, ele estava sentado atrás da mesa com o telefone na orelha. Olhou furioso para mim, com ar de desaprovação, por cima dos óculos de leitura.

– É claro. Concorde. O Woods acabou de entrar no meu escritório. Vou falar com ele e retorno para ver o que faremos – disse antes de desligar e se recostar na cadeira para me avaliar com uma expressão de desprezo.

Sempre senti certa amargura por saber que o meu avô dera a meu pai o título de vice-presidente no ano em que ele tinha saído da faculdade. Ele agia como se eu tivesse que provar muita coisa, mas eu tinha trabalhado mais no clube do que ele. Meu pai nunca sujou as mãos ou lidou com funcionários. No entanto, esperava que eu prestasse contas.

– Espero que você esteja aqui para explicar por que está jogando tudo que construímos pelos ares. Você pensa que vai ser infeliz... Isso é bobagem, filho. Nenhum homem de verdade seria infeliz com uma mulher como Angelina Greystone.

Ele não trabalhou por nada na vida. Ninguém disse com quem ele deveria se casar. Cerrei os dentes e segurei os xingamentos e os insultos que queria dizer. Não iam ajudar em nada agora.

– Eu não a amo. E ela nem gosta muito de mim. Eu não podia continuar com aquilo. Sinto muito, mas, por mais que eu queira o cargo que cresci acreditando que seria meu, não vou estragar a minha vida nem a dela.

Meu pai se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos em cima da mesa.

– O amor não faz um bom casamento. O amor não dura para sempre. Ele acaba. Quando a realidade se estabelece e as coisas ficam difíceis, o amor desaparece e você fica sem nada. Devemos nos casar com quem quer a mesma coisa que nós. Alguém que não esteja esperando romance, mas sucesso. A Angelina entende isso. Você não.

Quando minha avó estava doente, eu ia visitá-la sempre que podia. Certo dia, estava sentado na varanda enquanto o meu avô a observava pintando um dos seus muitos quadros. O amor e o carinho no rosto dele eram inequívocos. Naquele dia, ele se virou para mim e disse: “Não deixe passar o amor de uma boa mulher, meu filho. Não importa o que seu velho diga, o amor é real. Eu jamais obteria sucesso sem aquela mulher ali. Ela sempre foi a minha base. A razão por trás de tudo o que eu fiz. Um dia, a carreira deixa de ser algo tão importante. Mas quando estamos fazendo isso por outra pessoa, por quem moveríamos o céu e a terra, nunca perdemos o desejo pelo sucesso. Não consigo imaginar este mundo sem ela. Nem quero imaginar.”

Eu me lembrava daquele momento. O homem que havia criado o meu pai era

parecido com ele em muitas coisas. Mas havia uma diferença. Meu pai fazia tudo aquilo para si mesmo. A motivação do seu sucesso era egoísta. Não havia amor no seu trabalho. Meu avô construía aquele negócio por amor pela mulher com quem havia se casado. Eu tinha visto isso com os meus próprios olhos. Eu não queria ser como meu pai. Queria ser como meu avô.

– Precisamos concordar em discordar – disse, sabendo que a menção aos pais dele o deixaria furioso.

Ele sempre acreditara que o meu avô havia tomado decisões ruins, embora tivesse sido o responsável por construir o clube.

Meu pai deu um sorriso irônico e balançou a cabeça.

– Não, filho, não precisamos, porque sou eu que estou no comando. Se você prefere não fazer o que é melhor para este clube e para o seu futuro, não está pronto para assumir nada. Eu não posso promovê-lo se não sou capaz de confiar que você irá tomar decisões inteligentes. Seu emprego no clube está seguro por ora, mas isso não significa que não vá aparecer alguém em quem eu confie mais para fazer o seu trabalho.

Ele não apenas estava me negando o cargo pelo qual eu havia trabalhado duro como também estava ameaçando o meu cargo atual. Eu queria mandar ele à merda e ir embora. No entanto, em respeito ao homem que construía aquele clube com o desejo de deixá-lo para as futuras gerações Kerrington, eu iria ficar. Aquele homem eu respeitava. Pelo que estava na minha frente, eu não nutria respeito algum. Se me pressionasse demais, eu iria embora.

Será que ele sentiria a minha falta?

DELLA

Vesti uma calça de moletom e uma camiseta antes de voltar para a sala e conversar com Tripp. Eu ainda estava tentando entender o que havia feito de errado com Woods. Ele estava enviando um monte de sinais confusos. Ou estava com nojo de mim e decidira não fazer sexo comigo ou simplesmente estava pronto para se livrar de mim. Eu não sabia ao certo. Mas daí ele me fez vestir o casaco dele e me disse para usar roupas largas. Eu não sabia o que pensar a respeito disso.

Depois que tive aquele orgasmo no colo dele, ele deu um jeito de me afastar completamente. No caminho de volta para casa, eu não parava de cogitar coisas. Eu gritei alto demais? Eu o machuquei ao puxar os seus cabelos feito uma louca? Talvez ele tivesse ficado envergonhado com a mancha molhada no meu short... Ele não queria que o Tripp me visse e soubesse que ele havia provocado aquilo. Estendi a mão, peguei o agasalho dele de volta e o pus sobre a cabeça. Tinha o cheiro de Woods. Gostei disso. Eu queria sentir mais o cheiro dele esta noite. A sensação de rejeição que eu queria evitar tinha voltado.

Eu podia conversar com o Tripp. Não ia contar a ele exatamente o que havia acontecido, mas poderia saber a opinião dele sobre as coisas.

Os olhos de Tripp se ergueram do livro que estava lendo e ele sorriu para mim.

– Já está usando roupas do Kerrington. Caramba, o cara é rápido...

Suspirei e afundei no sofá em frente à poltrona em que ele estava sentado.

– Não é o que parece. Pode acreditar.

O desânimo na minha voz ficou um pouco mais evidente do que eu pretendia.

– Opa. Qual foi o problema? – perguntou Tripp, soltando o livro em cima da mesinha lateral e se endireitando na poltrona.

Pensei com cuidado no que ia dizer. Não queria falar demais, mas queria a opinião dele.

– Woods rompeu com a Angelina e nós saímos para conversar...

Tripp assentiu. Ele já sabia disso, mas eu ainda estava pensando no que dizer a ele.

– Nós almoçamos juntos e ele explicou que não estava feliz com ela. Woods não quer que digam com quem ele deve se casar. Depois, conheci sua casa. Ele queria me mostrar onde morava, e eu adorei o lugar. – Fiz uma pausa e mordi o lábio inferior por um instante, pensando no que ia dizer a seguir.

– Ele nunca leva garotas para aquela casa. A casa era dos avós e ele trata o lugar com muito cuidado. Estive lá pouquíssimas vezes.

Isso chamou a minha atenção.

– Os quadros da avó dele ainda estão espalhados pelas paredes. São quadros lindos.

Tripp ergueu as sobrancelhas.

– Ele lhe contou sobre ela?

Respondi que sim. Tripp cruzou as mãos sobre o peito e sorriu.

– Caramba, garota, o que foi que você fez com o Kerrington?

Bom, era o que eu estava me perguntando também.

– Acho que ele deve ter concluído que foi um erro me levar lá. Eu... Nós... as coisas ficaram um pouco animadas na varanda. Então ele parou e me trouxe de volta. Ele disse que precisava resolver algumas coisas. Só isso. Nenhuma outra explicação. Foi esquisito.

Tripp franziu a testa e ficou parado por um instante.

– Vocês dois, hã, transaram antes, certo? Foi o que eu entendi.

Assenti com a cabeça.

– E hoje isso não aconteceu?

– Não. Ele estava pronto para se livrar de mim.

Tripp esfregou o queixo e balançou a cabeça.

– Eu não sei o que aconteceu. Esse não parece o cara que eu conheço. – Tripp se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. – Você está bem? Ele chateou você?

Eu estava confusa e um pouco magoada, mas estava bem. Sorri.

– Estou ótima. Só não sei o que aconteceu. Será que fiz alguma coisa errada?

Tripp estendeu a mão e deu um puxão na manga do agasalho de Woods.

– Quando você pegou isto?

De jeito nenhum eu ia contar por que Woods havia vestido aquilo em mim. Era constrangedor demais.

– Quando ele me trouxe aqui. Ele me fez vestir o agasalho antes de eu entrar.

Tripp deu um sorrisinho.

– Ele viu a minha moto?

– Sim.

– O que ele disse quando vestiu o agasalho em você?

– Hã, ele me disse para entrar e vestir roupas largas.

Tripp caiu na gargalhada e se atirou para trás na poltrona. Quando parou de rir, analisou a minha calça de moletom e voltou a olhar para mim.

– Ele gosta de você. Pode estar um pouco assustado e fazendo coisas idiotas, mas gosta de você. As roupas largas são porque ele não quer que eu fique olhando para você e tendo ideias. O Kerrington ficou possessivo. Nunca vi isso antes, mas é muito engraçado. Acho que vou mandar um torpedo para ele dizendo que vamos sair para nadar e ver quanto tempo ele demora para chegar aqui.

– Não, não faça isso! Acho que ele ia falar com o pai dele.

Tripp sorriu.

– Eu estava brincando. É só que é engraçado.

Ele ficou em silêncio e eu detestei aquele constrangimento. No entanto, fiquei aliviada por ele achar que Woods estava agindo de um jeito estranho por estar se sentindo possessivo em relação a mim. Talvez fosse errado querer isso, mas fiquei com uma sensação boa.

– Acho que é melhor eu planejar viajar sozinho.

Eu ainda não sabia ao certo.

– Isso depende de quando você vai partir e de quanto o Woods está interessado em mim. Se for apenas um interesse casual, talvez eu também esteja pronta para ir embora logo.



Naquela noite, eu acordei gritando, e Tripp estava me abraçando de novo. Eu estava ferrando com o meu próprio sono e com o dele. Eu não o culparia se ele fosse embora logo para poder dormir sem as interrupções noturnas. Sentia os olhos inchados do tanto que chorei desta vez. Às vezes, os gritos vinham com soluços. Esta noite foi assim. Na manhã seguinte, passei uma hora no banheiro tentando disfarçar o inchaço com maquiagem. Não sabia ao certo se tinha adiantado.

– Menina, a mesa oito está cheia de mulheres que entraram aqui chamando por mim. Você pega o furacão da mesa seis? – perguntou Jimmy com os olhos arregalados ao entrar na cozinha.

– Qual é o problema com a seis? – perguntei, amarrando o avental.

– Não sei o quanto você sabe, mas o Woods rompeu o noivado com aquela herdeira Greystone patricinha. Eu acho que o papai está fulo da vida. De qualquer maneira, a herdeira, a mãe perua e a Sra. Kerrington estão na mesa seis. Essa reuniãozinha não deve estar nada boa.

Ah, não. Eu não queria ter que lidar com aquelas três, mas não tinha escolha. Estávamos apenas o Jimmy e eu no turno do café da manhã. Só haveria mais gente no turno do almoço.

– Eu assustei você. Merda. Desculpa. Está tudo bem. Não foi você quem as enfureceu, mas o Woods. Basta servir a comida e vai ficar tudo bem.

Ele tinha razão. Elas nem sabiam da minha existência. Além disso, eu não tinha certeza do que estava acontecendo com Woods. No dia anterior, ele tinha me deixado completamente confusa.

– Deixa comigo – disse, pegando a bandeja de água para levar à mesa quatro.

Depois de servir as águas e anotar os pedidos da mesa quatro, segui para a seis. As três mulheres pareciam estar profundamente envolvidas em uma conversa. Eu

quase passei direto por elas para dar alguns momentos antes de interrompê-las, mas isso poderia irritá-las e eu não queria piorar nada.

– Bom dia – disse quase como um guincho.

Que ótimo. A Sra. Kerrington olhou para mim com ar de irritação. Eu não a conhecia, mas identifiquei aqueles olhos castanho-escuros me encarando. Não tinha como negar que ela era mãe de Woods.

– Água com gás.

– Evian com um copo com gelo – disse Angelina.

– A mesma coisa – disse a terceira senhora, que devia ser a mãe de Angelina, sem olhar para mim.

Segui rapidamente em direção à cozinha e respirei fundo.

Elas eram como todos os outros clientes. Não havia motivo para pânico. Peguei as bebidas e voltei para servi-las.

– Ele só precisa de tempo. Ele nunca gostou de ordens. Não tem nada a ver com você, querida. Ele é homem e tem sangue quente.

A mãe de Woods estava com o braço estendido por cima da mesa, dando tapinhas na mão de Angelina enquanto dizia isso.

– Eu não acho que seja isso. Ele realmente não gosta de mim. Afirmou que seríamos infelizes juntos. E talvez tenha razão. Eu quero coisas que ele não quer. Isso está claro.

A Sra. Kerrington suspirou.

– Sim. Bem, o pai dele está muito decepcionado. Nós esperávamos que ele pensasse em algo além de si mesmo desta vez. Mas é um menino mimado. Sempre teve as coisas do jeito que queria. Isso é culpa minha, é claro. Eu devia ter dito mais “não” para ele.

Deixei as águas diante delas e tentei me manter o mais invisível possível.

– Traga uma travessa de frutas, por favor, e assegure que tenha kiwi.

Assenti uma vez com a cabeça antes de me afastar. Queria ouvir mais, mas, por outro lado, era melhor não ficar. Eu queria discutir com elas. Woods não era egoísta. Ele não era um garoto tendo um chique. Era um adulto cansado de ser controlado e manipulado. E quem Angelina pensava que era? É claro que ela queria coisas diferentes. Como se fosse muito nobre. Vaca.

Bati a porta atrás de mim e soltei um grunhido irritado.

– Opa, querida. Você parece prestes a espancar alguém – disse Jimmy enquanto arrumava um pedido na bandeja.

– A mãe de Woods é muito irritante. E aquela... aquela, argh... Meu Deus, que bom que ele não vai se casar com aquela mulher. Ela é simplesmente... Eu quero bater nela.

Jimmy começou a rir até que a porta atrás de mim se fechou. Pelo arregalar dos

seus olhos, quase fiquei com medo de me virar.

– Preciso concordar com você sobre as duas coisas.

A voz sexy dele estava bem-humorada. Eu me virei e o vi ali. Estava com os cabelos escuros bagunçados propositalmente e com uma calça jeans que se ajustava perfeitamente aos seus quadris. A camisa branca de algodão só destacava ainda mais a pele bronzeada.

– Sinto muito – consegui dizer quando o meu coração começou a voltar ao ritmo normal.

Olhei fixamente para a mão dele e pensei na sensação de tê-la dentro do meu short no dia anterior.

– Não sinta. Eu concordo com você.

Ergui o olhar e o encarei. Ele achou engraçado eu não gostar da mãe nem da ex-noiva dele. Deu para ver nos seus olhos.

– Bom dia – disse ele, olhando além de mim, na direção dos funcionários da cozinha, que eu sabia ser uma plateia mais atenta do que deixavam transparecer.

– Bom dia – respondi.

– Pode deixar que eu levo as frutas delas – disse ele, pegando a bandeja.

Eu nem havia feito o pedido ainda.

– Mas eu ainda não fiz o pedido – disse enquanto ele ia na direção da porta com as frutas, incluindo os kiwis.

– É o pedido delas. Minha mãe raramente pede qualquer outra coisa para o café da manhã. Esta equipe sabe disso.

E saiu pela porta.

– O pedido da mesa quatro está pronto – disse Harold, funcionário que trabalhava na chapa e eu peguei o pedido com ele.

Tentei não olhar na direção da mesa em que eu sabia que Woods estava com Angelina. Podia ouvi-lo falando e, com o canto do olho, vi que havia se sentado com elas. Senti o estômago embrulhar ao pensar nisso.

Consegui entregar os pedidos corretos para os clientes da mesa quatro. Depois, precisei de toda a minha força de vontade para me esconder na cozinha e deixar de ver aquilo. Mas, embora Woods tivesse levado a comida delas, eu era a atendente. Precisava garantir que elas não estavam precisando de nada. Principalmente agora que Woods também estava lá.

– Precisam de alguma coisa? – perguntei diretamente à mãe dele.

Ele havia sentado ao lado de Angelina e eu não podia olhar para eles.

– Água com gás, mas, desta vez, menos gelo e acrescente algumas framboesas – falou em um tom irritado que eu não sabia se estava relacionado a Woods ou ao meu serviço.

Assenti e voltei para a cozinha. Jimmy estava lá parado com as mãos na cintura,

esperando por mim.

– Que porra foi aquela? – perguntou ele.

Eu não sabia ao certo ao que ele estava se referindo.

– O quê? – perguntei, confusa.

Jimmy apontou para a porta atrás de mim.

– Aquela maluquice que eu vi rolando entre você e o chefe. Por favor, não me diga que você é o motivo pelo qual Woods está bancando o rebelde com os pais. Isso não vai terminar bem...

Eu não sabia mais como estava me sentindo. Balancei a cabeça.

– Acho que não. – Era a melhor resposta que eu tinha.

– Você *acha* que não? – perguntou ele com uma expressão incrédula no rosto. – Fala sério, garota, se você fosse o motivo, saberia. Não sei bem o que eu acho sobre isso ou sobre você, mas, fique avisada: ele é um Kerrington. Tome cuidado.

Jimmy saiu rapidamente da cozinha e eu fiquei observando ele se afastar. Ele falou como se ser um Kerrington fosse algo ruim. Eu não vira nada de ruim a respeito de Woods.

Peguei a água com gás com menos gelo e framboesas frescas e levei para a Sra. Kerrington. Eu me recusei a olhar para Woods.

A conversa parou quando me aproximei e o silêncio na mesa era constrangedor. Não fiquei por perto. Fui pegar o pedido de bebidas da mesa um, do cliente que acabara de chegar, e me concentrei em atender as outras mesas.

Quando voltei para o salão do restaurante, dez minutos depois, Woods estava de pé, saindo com as mulheres. Isso me incomodou. Era isso que Jimmy queria dizer? Que Woods nunca deixaria verdadeiramente de ser parte deles? Ele acabaria voltando para ela?

Consegui terminar o meu turno. Atirei o avental no cesto de roupa suja e estava pronta para ir embora quando me impediram.

– O Sr. Kerrington ligou e pediu para você passar na sala dele antes de ir embora, Della. – Juan gritou do fundo da cozinha.

Ah, merda.

– Obrigada – respondi, antes de seguir para a sala de Woods.

Será que fiz algo de errado com a mãe dele? Detestava essa sensação de querer agradá-lo e nunca ter certeza de ter conseguido. E odiava não saber o que tinha acontecido depois: para onde haviam ido? Ele beijou Angelina? Pediu desculpas? Estava noivo de novo? Estava prestes a me dizer que o dia de ontem havia sido um erro? Talvez ele não tenha gostado da minha reação na varanda e da minha incapacidade de me controlar.

Bati à porta e esperei. Torcia para que ele não estivesse ali e eu pudesse sair antes... A porta se abriu e Woods esticou o braço e me puxou para dentro antes de

batê-la e trancá-la rapidamente.

Em seguida, ele estava em cima de mim. Apertava com força as mãos na minha cintura e mordida com avidez o meu lábio inferior. Sua língua invadiu a minha boca sem sinal de doçura.

Agarrou a minha perna e a levantou até a altura da sua cintura, então segurou o meu bumbum e continuou atacando a minha boca com deliciosos movimentos da língua.

Enrosquei os braços no pescoço dele e me segurei. Não era o que eu estava esperando, mas fiquei tão perdida no prazer daquilo tudo que não me importei.

– Você trocou aquele short por uma calça folgada ontem? – perguntou Woods enquanto percorria o meu pescoço com a boca.

– Sim – respondi, sem fôlego.

– Tripp não viu aquela marquinha?

As palavras safadas dele me fizeram gemer e me enroscar ainda mais nele.

– Não, passei o resto do dia com o seu agasalho e uma calça de moletom larga.

– Que bom – murmurou ele, passando os braços pelas minhas costas e me carregando até a mesa dele, onde me sentou. – Eu preciso sentir o seu gosto. Agora.

Antes que eu pudesse me dar conta do que ele estava falando, Woods levantou a minha saia, agarrou a calcinha e a puxou com força suficiente para o barulho de tecido rasgando me assustar. Então flexionou os meus joelhos e pôs os meus pés na beirada da mesa, me deixando completamente aberta. Eu estava arfando de expectativa quando ele se ajoelhou e começou a morder a parte de cima das minhas coxas. Não consegui deixar de me contorcer enquanto sugava o ar com força entre os dentes.

Finalmente, a língua dele passou pelo meu sexo molhado. Eu teria saltado de cima da mesa se ele não estivesse segurando os meus quadris. Ele começou a enfiar e tirar a língua de dentro de mim e eu o apertava ansiosamente a cada entrada, como se pudesse segurá-lo lá dentro.

– Eu tinha me esquecido como o seu gosto é incrível – murmurou ele contra o meu clitóris antes de enfiá-lo na boca e começar a chupar.

– Ah, Woods. Que delícia...

Meus quadris se moviam involuntariamente. Eu não conseguia me controlar. Ele passou a boca para a parte interna da minha coxa e eu joguei a cabeça para trás de frustração. A pulsação no meio das minhas pernas era quase dolorosa.

– Woods, por favor...

Ele levantou a cabeça e a expressão em seus olhos semicerrados me disse que ele estava tão cheio de tesão quanto eu. Eu adorava que o meu gosto deixasse ele assim.

– Você vai gozar na minha boca? – perguntou ele, colocando a língua para fora e

passando da minha abertura para o meu clitóris inchado.

– Eu preciso!

– Esta bocetinha linda precisa gozar? – perguntou ele, dando mais uma longa e prazerosa volta com a língua. Eu me contorci e gemi. – Eu não posso dizer não a ela. É doce demais.

Ele tapou a minha boca com a mão antes de sugar o meu clitóris e enfiar dois dedos na minha entrada encharcada. Os dedos dele entravam e saíam de mim enquanto a sua língua lambia e sugava meu clitóris. Meu grito abafado não parou até o meu corpo trêmulo não aguentar mais aquela atenção à minha pele sensível. Eu o empurrei apenas o bastante para que pudesse abraçá-lo. Eu havia conseguido não puxar os seus cabelos desta vez, mas gritei e lambi a sua mão. Será que havia exagerado de novo?

– Eu estava tentando fazer com que fosse apenas você. Estava tentando mostrar que você é especial, mas, porra, gata, eu quero entrar em você. Acho que estou quase explodindo – disse Woods no meu ombro.

O quê? Ele estava tentando fazer com que eu me sentisse especial? Foi por isso que ele me deixou daquele jeito no dia anterior? Eu não pensei muito a respeito. Estava pronta para mais. Meus tremores estavam diminuindo. Abri a calça jeans dele e a abaixei junto com a cueca boxer.

– Por favor, agora. Eu preciso de você dentro de mim!

Acabei implorando. Eu queria essa proximidade.

Ele gemeu e enfiou a mão no bolso da calça, de onde tirou uma camisinha. Olhou nos meus olhos e sorriu.

– Eu a guardei no bolso antes de chamar você aqui. Não era a minha intenção, mas eu também sabia que talvez não fosse conseguir parar.

Fiquei tão aliviada que ele tivesse uma camisinha que não me importei. Ele a colocou no pau duro, abriu minhas pernas e olhou para mim. Eu sabia que estava tremendo.

– Você é tão linda... – sussurrou ele, passando o dedo pela área sensibilizada.

Fiquei olhando para ele, que estava completamente fascinado, segurando o pau grosso na mão e pressionando a ponta em mim. Sua respiração parou enquanto ele metia lentamente. – Tão apertada...

Levantei os quadris para que ele entrasse mais fundo. Ele enfiou ainda mais, até eu estar completamente preenchida. Woods estava sendo muito doce e calmo comigo. Eu não estava acostumada com isso. Decidi que ele precisava de um empurrãozinho. Ele havia decidido que seria da forma como eu queria e eu não sabia exatamente por quê. Eu nunca tinha sido calma e tranquila nas minhas reações a ele. Arranquei a blusa pela cabeça e soltei o sutiã e ele ficou imóvel olhando para os meus seios. Eu sabia que essa era a sua fraqueza. Woods arregalou os olhos de

excitação. Segurei meus seios e comecei a acariciar os mamilos com a ponta dos dedos, com ele imóvel dentro de mim. Senti o seu pau metendo com força e isso só aumentou ainda mais a minha vontade.

– Você gosta disso? – perguntei, arqueando as costas e puxando os mamilos com força.

– Ah, gosto, porra, eu gosto – respondeu ele antes de cobrir um mamilo com a boca e começar mover os quadris.

Abri as minhas pernas ainda mais e joguei os braços para trás, deixando os peitos empinados na direção dele.

– Com mais força, Woods. Eu preciso com mais força... – implorei e vi o prazer controlado nos seus olhos dar lugar a um olhar selvagem.

As mãos dele agarraram os meus quadris e ele começou a meter com força, seu olhar fixo no balançar dos meus peitos.

– Assim está forte o bastante? – perguntou ele em um sussurro estrangulado.

– Mais, mais forte – respondi.

Ele saiu de dentro de mim, levantando-me da mesa e me virou de costas.

– Agarre a mesa – ordenou ele, puxando os meus quadris por um instante antes de meter com força. – Assim está forte o bastante para você? – perguntou ele, metendo com vontade por trás.

Eu me segurei na mesa e atirei a cabeça para trás. Estava muito perto de mais um orgasmo e sabia que desta vez seria intenso. Tê-lo dentro de mim sempre tornava tudo incrível.

Fui surpreendida por um tapa barulhento, seguido de uma dor aguda e um carinho no mesmo ponto. Ah... Gostei daquilo.

– Cacete, essa bunda fica linda com a marca da minha mão...

Empinei o bumbum e ele fez mais pressão. Gemi e contraí a vagina, apertando-o com mais força dentro de mim.

– Porra, gata! – gritou ele, em resposta.

– Eu vou gozar! – berrei justamente quando o êxtase começou a percorrer as minhas veias.

A mão de Woods me segurou por trás e abafou os meus gritos enquanto seu corpo estremecia atrás de mim e ele gemia o meu nome sem parar. O corpo dele tremeu dentro de mim diversas vezes.

Ficamos assim por vários instantes, até os nossos corpos começarem a relaxar. Ele tirou a mão da minha boca e eu senti uma trilha de beijos percorrer as minhas costas.

– Tão bom. É sempre uma loucura com você, Della.

As palavras dele fizeram o meu peito apertar. Eu sentia o mesmo, mas como ele era um dos três caras com quem eu havia transado, não tinha muito com que

comparar.

Ele saiu lentamente de dentro de mim, me fazendo arfar. Senti a sua boca no meu bumbum. Ele estava beijando a pele ardida em que havia acabado de bater. Se continuasse com aquela doçura eu me agarraria a ele e nunca mais soltaria.

– Tão perfeita.

Olhei por cima do ombro para ele de joelhos beijando a minha bunda e sorri.

– Você não precisa continuar me beijando aí.

Ele sorriu para mim e deu uma lambida rápida.

– Eu gosto de ver a marca da minha mão aqui.

Ri para ele, que se levantou, passando as mãos pelo meu corpo no caminho. Pousou ambas as mãos nos meus seios e os segurou firme.

– Preciso marcar esses dois como meus também. Ainda não sei como fazer isso – disse no meu ouvido.

Aproveitei o seu toque e deixei a cabeça cair para trás, no ombro dele.

– Hummm – respondi.

– Não posso bater neles. Talvez precise mordê-los – disse Woods em um sussurro rouco, me fazendo estremecer. – Você gosta disso. Você quer que eu os morda? – Ele soltou um suspiro. – Você é sexy demais, Della. Estou tão louco que não consigo pensar direito. Tudo o que quero fazer agora é entrar em você de novo e ficar lá. Você vai me matar, garota.

Sorrindo, eu me virei nos braços dele.

– Se continuar falando assim, vou começar a implorar por mais.

Woods levantou uma sobrancelha.

– Você já quer mais?

Fiz que sim com a cabeça.

Woods xingou baixinho.

– Eu só tenho uma camisinha aqui. Era só para garantir.

Uma batida à porta nos interrompeu.

– Woods? – A voz de Tripp chamou do outro lado da porta.

Woods pegou o meu sutiã e começou a me vestir. Eu o teria ajudado, mas ele estava sendo mais rápido do que eu seria. Depois de me ajudar com a blusa, ele me passou a saia e colocou a calça jeans.

– Um momento! – disse, passando a mão pelos cabelos e piscando para mim.

Foi até a porta e a abriu.

Tripp entrou e os seus olhos me encontraram.

– Já estava de saída – disse com um sorriso mais forçado do que qualquer outra coisa.

Pude ver no olhar de Tripp que ele sabia exatamente o que estávamos fazendo ali.

– Eu ligo para você mais tarde – disse Woods para mim quando passei por ele

com meus olhos fixos na saída.

WOODS

Fiquei olhando Della se afastar e me perguntei se tinha agido mal ao permitir que Tripp nos visse daquele jeito. Ela estava com os cabelos desalinhados, os lábios inchados de uma fêmea saciada. Queria que Tripp soubesse que ela era minha, mas não havia pensado na reação de Della ou em como ela iria se sentir.

– Acho que isso resolve a confusão de ontem – comentou Tripp depois de fechar a porta e entrar.

O que ele queria dizer?

– Que confusão?

Tripp encolheu os ombros e afundou em uma das cadeiras de couro que ficavam na frente da minha mesa. Então levantou uma sobrancelha.

– Vocês não fizeram nada nesta cadeira, né?

Revirei os olhos e me sentei na beirada da mesa.

– O que você quis dizer com o comentário de antes? Qual confusão?

– O fato de você tê-la largado feito uma batata quente ontem e a deixado completamente confusa e insegura. Ainda assim, ela ficou lá sentada obedientemente usando uma calça de moletom e o seu maldito agasalho o dia todo. Inclusive dormiu assim.

Ela dormiu usando o meu agasalho? Comecei a sorrir até passar pela minha cabeça como Tripp sabia como ela havia dormido.

– Como é que você sabe como ela dormiu? – perguntei, começando a me levantar.

Tripp inclinou a cabeça e me encarou. Nem sequer tentou se defender.

– Você realmente gosta dela? Ou é só sexo? Porque desde que eu a conheci ela já foi magoada uma vez e acho que você tem o poder de arrasar com ela.

O sangue começou a ferver nas minhas veias. Eu ia dar uma surra nele. E quem foi o filho da mãe que a magoou?

– É melhor você tomar cuidado com o que diz. Eu não dou a mínima para quem você é ou quem eu devo ser. E o que você quer dizer com já a magoaram uma vez?

Então me veio a lembrança de Jace na minha sala dizendo que ela havia se envolvido com o chefe. O que ele disse exatamente?

Tripp levantou as mãos.

– Se acalme e me ouça. Caramba, quando você virou uma pessoa de cabeça quente?

– O que aconteceu com o antigo chefe dela? O de Dallas.

Tripp fez uma careta.

– O filho da mãe a enganou. Ele é casado e a mulher dele estava grávida. Della

não sabia, porque ele não usa aliança e nunca vai ao bar. Ela era nova e ele aparecia tarde da noite para dar uma paquerada. Depois, começou a apanhá-la e a aparecer com mais frequência. O bar é grande. Ninguém pergunta nada. Eu sabia que de vez em quando ele transava com garçonetes, mas não tinha certeza se era o que estava acontecendo com Della. Até que a mulher dele apareceu. Della ficou mais furiosa do que chateada. Foi por isso que a mandei para cá. Ele não tinha o poder de acabar com ela. Mas acho que você tem.

O antigo chefe dela era casado. Droga. Não é de admirar que ela tenha feito tanta questão de ficar longe de mim quando soube do meu noivado. Ela estava com medo que a história se repetisse. Eu era um cretino.

– Eu não vou magoá-la. Prometo.

– Ela se machuca com facilidade.

Não gostei da forma como ele continuava dizendo isso.

– O que você quer dizer?

Ele a viu tendo um ataque de pânico?

– Ela grita à noite. Toda noite, como se alguém estivesse batendo nela. É assustador para cacete. Ela também não acorda. Nada do que eu faço a acalma. Ela grita até acordar. Às vezes, não acorda. Apenas deita de novo e continua dormindo. Eu simplesmente fico sentado, apavorado, olhando para ela. Tento abraçá-la e acalmá-la, mas não parece ajudar. Ela treme e eu fico arrasado. Não consigo fazê-la melhorar. Tudo o que sei é que ela tem alguma merda fodida na cabeça. Não sei o que é e não sei por quê, mas está lá, e a assombra. Então, se você está nessa por uma boa trepada, vou brigar com você com gosto. Porque aquela garota não é do tipo que você pode ferrar. Ela não é forte o bastante para isso.

Eu ia vomitar. Meu estômago estava tão embrulhado que eu não conseguia me mexer. Ela gritava à noite. O terror estático que eu vira naquela noite na festa havia sido assustador o bastante. Ela se agarrara a mim desesperadamente. Eu fiquei preocupado que ela tivesse que lidar com aquilo sozinha. Não sabia que tinha pesadelos. Meu peito doía e os meus olhos ardiam. Odiava aquilo. Odiava saber que ela era atormentada por alguma coisa. Queria consertar isso. Queria consertar tudo para ela.

Eu me virei e segui para a porta. Iria atrás dela. Nós íamos conversar sobre aquilo. Eu estaria ao seu lado da próxima vez que ela acordasse gritando. Tripp podia não conseguir confortá-la, mas eu certamente conseguiria. Eu faria isso ir embora. Precisava fazer. Não sabia ao certo se podia viver sabendo que ela sofria assim.

– Para onde você vai? – perguntou Tripp.

– Vou atrás dela – respondi.

– Você realmente acha que é a melhor maneira de lidar com isso? Você a conhece

ao menos um pouco? Se assustá-la, ela vai fugir. Você precisa parar para pensar nisso. Se quer ajudá-la, ótimo. Fico feliz. Ela precisa de alguém. Ela não me quer e, sinceramente, não sei se eu conseguiria lidar com isso. Tenho os meus próprios demônios. Ela quer ficar com você. Ela abraçou aquele agasalho com tanta força ontem à noite ao despertar, enterrando o rosto nele como se estivesse tentando sentir o seu cheiro, que eu fiquei preocupado. Não podia imaginar que você gostasse tanto dela a ponto de lidar com essa loucura. Ela é muito gostosa. Achei que fosse por isso que você estava interessado. Mas se você gosta dela o suficiente para continuar mesmo que ela tenha problemas complicados, ótimo. Fico aliviado.

Olhei de novo para ele.

– Serei o que ela precisar que eu seja. Não consigo me afastar de Della. Eu tentei. Fui fígado. E agora estou prestes a pirar porque não sei como ajudá-la. Eu só preciso ir atrás dela e abraçá-la pelo resto do dia. Preciso saber que ela está bem.

Tripp se aproximou de mim.

– Não sei se ela quer que você saiba. Não sei se ela confia que você ainda vá querer ficar com ela depois de descobrir seus problemas. Problemas emocionais pesados. Você precisa ir com calma. Não vá dizendo que sabe e esperando que ela lide bem com isso. Ela vai ficar furiosa comigo por ter contado e morrendo de medo de se magoar. Daí, ela vai fugir. Vai correr como nunca. É como ela lida com essa situação.

Eu odiava isso. Ele tinha razão, mas eu odiava isso.

– O que eu faço? – perguntei a ele, precisando que alguém me dissesse. Eu não podia perdê-la.

– Ligo para você esta noite assim que ela dormir. Vá até a minha casa e durma no sofá. Quando ela começar a gritar, você estará lá. Ela vai ver que você não tem medo e você poderá provar a ela que não vai fugir.

Tudo bem. Eu podia fazer isso. Podia esperar até de noite. Mas ainda assim iria atrás dela agora. Nem que fosse apenas para abraçá-la. Não diria a ela por quê. Só precisava garantir que ela estava bem, pela minha própria sanidade mental.



Tripp abriu a porta e se afastou para me deixar entrar. Eu estava no estacionamento quando ele me ligou dois minutos antes para me dizer que Della finalmente dormira. Eu não sabia ao certo quanto tempo levaria para os gritos começarem e não queria que Tripp a abraçasse desta vez. Na verdade, não queria que ele a abraçasse nunca mais.

– Você já estava aqui? – perguntou ele.

– Estava.

– Você não a trouxe do trabalho duas horas atrás?

– Sim.

Tripp riu e balançou a cabeça.

– Você chegou a ir embora?

– Não.

Ele pareceu achar engraçado.

– Tem um travesseiro e um cobertor no sofá. Vou para a cama. Está tarde e preciso dormir. A noite passada foi difícil.

Não foi necessário perguntar a ele por quê. Eu sabia o que ele queria dizer e me deixava louco pensar que eu não estava ali. Que ela estava sofrendo e eu não fazia ideia.

– Obrigado – respondi.

– Não me agradeça. Você ainda não passou por nada. Talvez esteja me odiando quando acabar.

Ele não fazia ideia do que estava dizendo. Eu a havia abraçado quando ela estava completamente fora de si e paralisada na festa. Eu vi a expressão vazia nos seus olhos, mas não quis fugir. Eu quis protegê-la. Isso só aumentava aquele sentimento que ela provocava em mim.

Deitei no sofá e fiquei olhando fixamente para o teto. Não ia conseguir cair no sono sabendo que a qualquer instante ela estaria sofrendo. Estava com o peito tão apertado com essa ideia que precisava respirar fundo de vez em quando para diminuir a pressão.

O que acontecera com ela para provocar isso? Minha mente ficava voltando ao dia em que eu a conheci. Ela estava tão sexy e adorável tentando descobrir como abastecer o carro. Eu achei que ela seria apenas uma distração divertida e despreocupada. Não estava preparado para o gosto dela. E o cheiro. Meu Deus, como o cheiro dela era bom. Eu fiquei um pouco maluco naquela noite. Toda vez que eu proporcionava um orgasmo a Della, tinha vontade de repetir. Não parava de pensar que seria só aquilo, aquela noite e nunca mais. E então queria mais. Eu nunca transei tanto em uma única noite na vida. Mas não foi suficiente. Então, ela finalmente caiu no sono, exausta, e eu me forcei a partir.

Fechei os olhos e fui percorrido por uma dor. Ela acordou gritando naquela noite também? E sozinha? Será que eu a havia comido e a deixado para lidar com a própria dor? Eu não podia ficar deitado ali. Sentei e enterrei a cabeça nas mãos. Desde o começo, cometera erros. Eu supus coisas erradas. Ela nunca me pareceu frágil até a noite no clube noturno em que tivera o ataque de pânico e se desligara completamente. Aquele havia sido o primeiro vislumbre de tudo que ela escondia tão bem.

Eu não podia mais ficar ali. Precisava vê-la dormindo. Precisava estar ao seu lado quando gritasse. Fui até a porta do quarto e a abri. Esperei até os meus olhos se

acostumarem à escuridão antes de entrar e fechar a porta atrás de mim.

Ela estava encolhida na cama, como uma bolinha. Como se estivesse protegendo a si mesma. Meu agasalho a engolia, mas ela o abraçava com força, exatamente como Tripp dissera. Vê-la usando o meu casaco daquela forma fez o homem das cavernas dentro de mim bater no peito. Ela era minha e sabia disso. Tive vontade de deitar na cama e abraçá-la. Se ela queria tanto me sentir a ponto de enfiar o nariz na minha roupa, eu podia ajudá-la. Ela poderia sentir o meu cheiro.

Eu estava ali por um motivo. Não podia me sentar. Estava inquieto. Fiquei parado no canto do quarto com os braços cruzados, observando-a dormir. Ela estava tão em paz. Era difícil acreditar que tivesse dificuldade para dormir.

Soltou um pequeno gemido e a minha cabeça virou, atenta. Examinei o rosto dela e esperei. Ela começou a retorcer meu agasalho. Então, fez um barulho estranho com a garganta. Atravessei o quarto e, assim que me sentei na cama ao seu lado, ela deu um berro apavorante e começou a se debater. Estendi a mão e ela me empurrou. Estava com os olhos bem fechados, mas gritou e lutou comigo com uma força surpreendente. Cada som que emitia acabava comigo. Eu detestava saber que ela estava perdida em algum terror desconhecido e que eu não podia salvá-la. Puxei-a com força contra o meu peito e comecei a sussurrar palavras tranquilizadoras no seu ouvido. Prometi que não iria a lugar algum e implorei que ela voltasse para mim. Disse que ela era linda e que cuidaria dela, só precisava que abrisse os olhos e me visse. Outras palavras saíram da minha boca enquanto os meus olhos ardiam e o meu coração disparava. Seus gritos continuaram, mas ela havia parado de lutar e estava tentando se aproximar de mim. Enterrou a cabeça no meu ombro e respirou fundo, então gritou de alívio. Enroscou os braços no meu pescoço e se segurou em mim com força enquanto subia no meu colo. Os gritos se transformaram em choro e, depois, ela ficou em silêncio.

Senti as lágrimas molhando o meu rosto. Enxuguei-as rapidamente antes que ela pudesse me ver e passei a mão suavemente pela cabeça dela, sussurrando que eu estava ali. Eu estava com ela e estava tudo bem.

– Woods? – perguntou ela, engasgando em um soluço, agarrada a mim com a mesma força que eu me agarrava a ela.

– Sim, querida, eu estou aqui. Você está bem – disse baixinho no seu ouvido.

A tensão de seu corpo diminuiu e ela se desmanchou sobre mim dando um suspiro profundo.

– Acho que o meu sonho acabou de melhorar – murmurou ela, pousando a cabeça no meu peito.

Fiquei ali sentado esperando que dissesse mais alguma coisa, mas ela não disse. Continuou enroscada nos meus braços e, depois de segundos, sua respiração profunda e estável confirmou que ela tinha dormido.

Deitei-a na cama e ela continuou abraçada em mim. Soltei o suficiente para puxar as cobertas sobre nós, então a abracei novamente e fechei os olhos. Ela estava bem. Estava segura.

DELLA

O calor e o cheiro delicioso do agasalho de Woods estavam mais fortes do que quando eu havia caído no sono. Eu me aninhei um pouco mais e o corpo e os braços fortes ao meu redor me fizeram parar. Respirei fundo de novo e me dei conta de que não era o cheiro do agasalho que estava sentindo. Abri os olhos e vi o queixo com barba por fazer de Woods. Ele estava na cama comigo. Completamente vestido. Assim como eu. Relembrei a noite anterior e estava certa de que tinha ido para a cama sozinha.

– Bom dia – disse ele com sua voz sexy e profunda, me dando um pequeno susto. Ainda estava de olhos fechados.

– Hummm... bom dia – respondi, olhando para ele.

Seus lábios se abriram em um sorriso e ele abaixou a cabeça para olhar para mim.

– Você é muito gostosa de manhã – disse ele, passando a mão pela minha cintura.

Ele também. Mas de onde havia surgido?

– Hã, obrigada. O que você está fazendo aqui? – perguntei.

A alegria dos seus olhos foi substituída por outra coisa. Perguntei-me se eu o havia magoado. Será que tinha me esquecido de alguma coisa? Será que estava tendo lapsos de memória agora? Ah, meu Deus...

– Eu vim para cá ontem à noite depois que você caiu no sono.

Fui tomada pelo alívio. Eu não havia apagado e me esquecido de nada. Estava bem. Mas por que ele voltou?

– Por quê?

– Porque queria estar aqui quando você tivesse um pesadelo. Sou eu que tenho que abraçar você, não o Tripp.

Aos poucos compreendi o que estava acontecendo e comecei a me afastar dele. Ele me abraçou com mais força e eu não conseguia me mexer.

– Não – disse ele simplesmente. – Deixe-me terminar.

Continuei nos seus braços. Meu corpo estava completamente tenso. Ele estava ali, vendo a minha loucura. Ele ia me deixar agora? Será que tinha visto como eu sou maluca?

Tive ódio do Tripp. Ele havia contado ao Woods. Tinha nos visto juntos ontem e o alertado para o fato de que eu era louca.

– O Tripp estava preocupado quanto às minhas intenções em relação a você. Ele foi até a minha sala ontem para conversar sobre isso antes de nos pegar lá juntos. Queria saber se eu estava falando sério a seu respeito. Foi até lá para dizer que eu me afastasse. Eu o convenci do contrário e ele me contou sobre os seus pesadelos.

Eu quis estar aqui. Não pude suportar a ideia de ele abraçar você de novo. De você passar por isso sozinha. Não fique brava comigo, querida. Por favor, eu não quero que você durma sem mim novamente. Não suporto a ideia de você passar por tudo sozinha.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu afundei o rosto no peito dele e soluzei. Ele falou de um jeito muito doce e sincero. Ele estava ali. Havia me visto e queria estar ali de novo? Por quê? O que aconteceu não o assustou?

– Não chore. Eu odeio ver você chorando. Só quero fazer você feliz.

As palavras dele envolveram o meu coração e eu soube naquele instante que havia me apaixonado por Woods. Podia ser uma estupidez da minha parte, mas eu tinha me apaixonado. Mas não poderia dizer isso a ele. Woods não sabia tudo a meu respeito e dizer a ele que eu o amava era injusto. Eu o amava muito.

Sequei as lágrimas dos olhos.

– Por que você quer ficar perto de mim? Você viu como sou maluca. Por que não está fugindo?

Woods segurou o meu rosto nas mãos e deu um beijo na ponta do meu nariz.

– Por causa disso. Você não entende por que alguém iria querer ficar com você. Você tem ideia de quantas Angelinas eu conheci? Elas esperam atenção e devoção. Usam a beleza como arma. Mas você... você não faz ideia de como é inacreditavelmente linda e desejável. Você não é calculista e egoísta. E você me faz querer ser melhor.

Eu estava completamente sem graça. Aquele homem tinha o poder de me destruir. Fui até ele e me sentei de pernas abertas no seu colo. Segurei a camisa dele pela barra e a tirei um pouco antes de tirar o agasalho. Queria sentir a pele dele contra a minha.

Apertei o meu peito nu contra o dele e gemi de prazer. O peito dele subia e descia com força, enquanto ele apertava a minha cintura. Mas não se mexeu. Ele me deixou fazer aquilo. Meus mamilos roçavam nos peitorais firmes dele enquanto sentia as nossas peles quentes se tocando.

– Gata... – gemeu ele, apertando minha cintura.

– É gostoso, não é? – perguntei, sem conseguir tirar os olhos dos nossos peitos.

Arqueei o corpo para a frente e passei meus mamilos por cima dos dele. O barulho dele sugando o ar entre os dentes me fez sorrir.

– É incrível.

Eu o amava. Pensei nisso enquanto passava as mãos pelos ombros largos e os braços dele. Queria beijar aquele corpo inteiro. Queria conhecer o corpo dele melhor do que conhecia o meu.

– Posso beijar você? – perguntei, olhando para ele.

– Por favor – respondeu ele.

Dei um beijo em seu mamilo direito e as mãos dele subiram para agarrar a minha cabeça. Ele não estava esperando isso. Achava que eu estava querendo um beijo na boca. Não havia entendido o que eu estava pedindo. Continuei a beijá-lo, descendo pelo tórax dele e lambendo cada parte de seu abdômem. Abri o botão da sua calça e o zíper. Woods levantou os quadris o suficiente para a calça deslizar. Sorrindo, comecei a beijar as suas pernas musculosas, me deliciando com os movimentos do corpo dele enquanto lambia a parte interna das coxas. Então segurei a ereção dele que estava no auge.

– Della – Woods sussurrou arfando.

Não olhei para ele ao abrir a boca e engolir o seu pau até sentir a cabeça encostando na minha garganta.

– Puta merda! – gritou ele, agarrando suavemente os meus cabelos, apenas me deixando ainda mais determinada a levá-lo à loucura.

Passei lentamente a língua sobre a pele sensível. Seu corpo tremia sob o meu toque e eu estava adorando isso. Prendi os lábios sobre a cabeça do pau dele de novo e o coloquei todo na boca mais uma vez, antes de tirá-lo só para voltar a encher a boca com sua carne dura e pulsante instantes depois.

– Della, gata, venha aqui. Eu vou gozar assim... – ele arfou.

Eu queria que ele gozasse. Segurei as suas bolas e comecei a apertá-las gentilmente enquanto chupava com mais força a cabeça do pau, antes de enfiá-lo o mais fundo que pude, até engasgar.

– Porra, merda! – ele gemeu.

Ele gostou de me ouvir engasgar.

Repeti o movimento e ele puxou mais os meus cabelos enquanto atirava a cabeça para trás.

– Eu vou gozar... nessa boca linda – avisou e eu o levei ainda mais fundo e deixei o engasgo durar mais tempo desta vez, antes de tirar o pau de novo.

Com um rugido, ele manteve minha cabeça no lugar ao gozar na minha boca. Eu nunca havia deixado um cara fazer isso antes. Mas adorei. Adorei sentir o corpo dele tremendo e ouvir os seus elogios. Depois de engolir tudo, lambi a cabeça vermelha do pau que ia ficando mole e ele me agarrou, dando uma risada.

– Você vai me matar, mas vai ser a melhor morte que um homem já teve.

Subi para os braços dele, que me cercaram em um abraço.

Ele enterrou a cabeça entre o meu ombro e o meu pescoço e soltou um suspiro trêmulo.

– Não me deixe, Della.

Essas palavras tiveram mais significado do que ele jamais poderia imaginar.

WOODS

Eu não ia conseguir trabalhar. Minha mente estava focada em descobrir como convencer Della a se mudar para a minha casa. O mais rápido possível. Eu não aguentava mais saber que ela estava na casa do Tripp. Também não conseguia esquecer meu pau enfiado tão fundo na sua garganta que ela chegava a engasgar. Caramba. Nunca tinham me feito um boquete como aquele. Foi completamente diferente de tudo que eu já havia experimentado.

Della não estava preocupada em acabar logo ou com o que viria a seguir. Ela me chupou com total abandono. Tentei fazê-la parar quando ela engasgou da primeira vez, mas ela fez de novo e eu pirei. Quando gozei na sua boca, fiquei com medo de ter ido longe demais, mas daí ela continuou me chupando.

Meu Deus. Eu estava duro feito pedra de novo. Essa única lembrança ia me manter de pau duro pelo resto da vida. Eu precisava encontrá-la. Ela estava no turno do almoço e eu preferi ficar escondido na minha sala. Tive medo de não conseguir me controlar se alguém a destratasse ou olhasse para a bunda dela.

Estava indo para a minha caminhonete quando vi Della parada ao lado do seu carro, conversando com Bethy, que também parecia ter acabado de sair do trabalho. Eu amava o Jace como um irmão, mas não confiava em Bethy. Ela era meio maluca e eu não sabia se gostava da ideia de Bethy andando com Della. Não conseguiria superar se ela tentasse arrumar outro cara para Della. Bethy precisava saber como estavam as coisas entre mim e Della.

Fui até as duas e puxei Della para os meus braços, fazendo ela dar um gritinho de surpresa. Ela virou a cabeça para trás e sorriu para mim.

– Oi. Não vi você no almoço.

A expressão divertida nos seus olhos fez o meu pau latejar.

– Eu precisava resolver umas coisas. Já terminei.

– Ah – disse ela, se afastando dos meus braços.

Eu me aproximei mais para que ela sentisse minha excitação em suas costas.

– Então Della é o motivo de você ter desistido da história da Greystone – disse Bethy.

Não era uma pergunta. Ela estava apenas afirmando algo de que já suspeitava.

– É, sim.

Bethy sorriu.

– Que bom. Você admite. – Olhou de novo para Della. – Bom, acho que ninguém se importaria de você levar o chefe. Como ele vai estar com você, tudo bem. Os dois estão convidados.

Bethy agitou os dedos para nós em um aceno antes de se afastar.

– Sobre o que ela estava falando? – perguntei.

Della se virou nos meus braços e se aproximou mais, de modo que a minha ereção roçasse a sua barriga. Caramba, como ela sabia provocar.

– Os funcionários do clube estão organizando um luau no sábado à noite. É algo que costumam fazer no fim da primavera, antes do começo da temporada de verão. Quer ir?

Eu conhecia muito bem esses luais. No passado, tive que tirar vários ex-funcionários da cadeia por atentado ao pudor na praia. Eu não ia deixar que ela fosse sem mim.

– Se você quiser ir, vou com você.

Ela franziu a testa.

– Você acha que não tem problema eles saberem que estamos saindo? Mesmo você sendo o chefe?

Eu estava com os olhos vidrados no seu decote. Era maravilhoso.

– Não vai ter problema algum. Eles precisam saber que você é minha.

Ela se encostou ainda mais em mim e o seu olhar ficou mais maroto.

– Della, querida, a menos que você queria ser comida no armário de suprimentos, é melhor parar com isso.

Della sorriu.

– Eu gosto de armários.

Caralho. Agarrei o braço dela e a levei até os fundos da cabana dos carrinhos enquanto ela pegava as minhas chaves para abrir o armário de suprimentos. Era fresco porque era onde guardávamos as cervejas.

A conversa sobre ela sair da casa de Tripp teria que esperar. Então falaríamos também sobre fazermos exames e ela começar a tomar algum anticoncepcional. Queria senti-la sem qualquer barreira.



As coisas de Della cabiam em duas malas. Tripp me dissera que iria embora em uma semana e que Della ficaria sozinha de novo, mas isso não me sossegou. Eu simplesmente dormiria lá. Eu não pretendia deixá-la dormir sozinha de novo. Nunca mais.

Ela finalmente concordou em morar comigo, mas não parava de dizer que eu iria me arrepender. Havíamos feito exames no dia anterior e não tínhamos nada. Della pegou uma receita de anticoncepcional, mas o médico recomendou que esperássemos sete dias para fazermos sexo sem proteção. A simples ideia de deslizar para dentro dela sem me preocupar estava prejudicando a minha concentração.

Estava sentado na varanda, esperando que Della voltasse do trabalho. Não iria mais designá-la para os turnos da noite. Detestava que ela não estivesse comigo. Também não gostava de ficar sentado no salão do restaurante olhando para ela. Todo mundo me deixava furioso.

Era melhor para ela e para mim que eu simplesmente mantivesse distância. A última coisa que eu precisava era que o meu pai descobrisse sobre Della e a culpasse por eu ter desistido de me casar com Angelina.

O celular tocou, interrompendo os meus pensamentos. Tirei-o do bolso e vi o nome de Jimmy na tela. Merda. Ele estava trabalhando naquela noite também. Ele não ligaria para mim a menos que algo desse errado. Eu me levantei, pronto para ir até o clube.

– Alô?

– Hã, Woods. Oi, é o Jimmy. Estou com um problema aqui. É a Della.

Comecei a correr para a porta ao ouvir o nome dela.

– O que houve? – perguntei, já abrindo a porta da caminhonete.

– Não sei, cara. Ela simplesmente pirou. Não sei explicar. Ela estava trabalhando normalmente. Então uns adolescentes entraram no restaurante. Drew Morgan e aquele bando dele. Eles tiveram um torneio de tênis hoje. Acho que um deles a encurralou ao ir ao banheiro. Não sei direito, mas ela está sem reação do lado de fora do toalete feminino. Estou cuidando dela, mas não consigo fazer com que fale comigo. Ela dá pequenos gemidos às vezes, mas não diz nada.

Senti como se o meu coração fosse explodir no peito.

– Não deixe ninguém chegar perto dela. Estarei aí em menos de cinco minutos. Diga que eu estou indo, está bem? Diga que estou a caminho.

Atirei o celular no assento do carona e disparei para o clube. Ela estava assustada. Eu ia dar uma surra dos infernos no garoto que a perturbara. Eu jamais devia tê-la deixado lá. Parei no estacionamento cantando os pneus e pulei da caminhonete. Entrei correndo na sede do clube pelos fundos. Vi as costas de Jimmy a protegendo dos olhares. Empurrei-o para o lado e me abaixei na frente dela, pegando-a no colo.

– Está tudo bem, querida. Você está comigo. Está tudo bem.

Eu a tranquilizei a caminho da minha caminhonete. Quando me virei, vi Jimmy parado, nos olhando.

– Não conte isso para ninguém.

Ele só assentiu com a cabeça antes de eu me virar e levá-la para a caminhonete. Sentei no banco do carona e a mantive aninhada no meu peito.

– Volte para mim, querida. Ninguém vai machucar você. Você está comigo – eu a tranquilizei, segurando-a perto do peito. – Eu não devia ter deixado você. Sinto muito. Mas estou aqui agora. Você está bem.

Seus olhos arregalados e vazios piscaram lentamente e a expressão deles, enquanto ela os focava em mim, foi de reconhecimento e alívio. Seus braços se mantinham enroscados no meu pescoço, segurando firme.

– Desculpa. Eu fiz de novo. Eu sinto muito. Vou embora. Prometo.

As palavras enroladas não faziam sentido, até ela dizer que iria embora. Abracei-a mais forte.

– Você não vai a lugar algum. Eu que devo pedir desculpa. Eu não estava aqui quando você precisou de mim. Eu tinha que estar aqui. Conte para mim o que aconteceu. Não vou deixar você de novo. Prometo.

Ela fungou e apertou o rosto contra o meu pescoço.

– Isso vai acontecer de novo. Vai sempre acontecer. Não consigo parar. Já tentei, mas não consigo. Eu não deveria estar trabalhando aqui. É um lugar legal demais para uma pessoa louca.

– Não fale isso – reagi, virando seu rosto para que olhasse nos meus olhos. Queria que ela olhasse para mim quando eu dissesse o que precisava dizer. – Você não é louca. Você é linda e divertida. É altruísta e generosa. Você é muito trabalhadora e não espera nada de ninguém. Você. Não. É. Louca. – Agarrei o seu rosto nas minhas mãos. – Eu não quero que você nunca, e eu quero dizer *nunca*, mais repita isso. Está me entendendo? Pode dizer que é qualquer uma das coisas que eu disse, mas nunca louca. – Puxei-a de volta para os meus braços e a abracei.

Não confiei em mim mesmo para dizer mais nada naquele momento.

– Foi um garoto. Ele era uns dois anos mais novo do que eu. – Ela fez uma pausa e respirou fundo. – Ele disse que queria me trancar em um quarto e fazer coisas comigo. Não... – Ela parou e eu a ouvi engolindo em seco. – Não foi isso que me assustou, na verdade. Foi ele ter ameaçado me trancar em um quarto. Meus... meus medos tomaram conta de mim. O pânico se instalou.

Ela tinha medo de ficar trancada. Por quê? Será que alguém havia feito isso com ela? Afastei os cabelos do rosto dela e dei um beijo em sua testa.

– Vamos para casa. Daí você me conta mais. Quero entender para ajudar você. Por favor?

Ela não respondeu imediatamente, mas, por fim, concordou.

– Se você quiser...

DELLA

Se eu deixasse, Woods me levaria no colo para dentro de casa. Seu cuidado era tanto que, se eu não o amasse, teria ficado irritada. Ele estava preocupado comigo e merecia compreender alguma coisa. Talvez não tudo, mas precisava saber de algo.

– Eu tive um pai e um irmão mais velho, mas não me lembro deles. Eu era pequena demais quando tudo aconteceu.

Eu não sabia se iria ter outra crise ao contar isso, mas eu precisava tentar. Ele se sentou ao meu lado e passou o braço pelas minhas costas, me aninhando no seu peito. Era como se soubesse que eu precisava disso. Enlaçou os seus dedos nos meus e apertou a minha mão. Eu ia ficar bem. Ele estava ali comigo.

– Certo dia, eles saíram para fazer compras. Eu era recém-nascida e a minha mãe estava me dando de mamar. Eles nunca voltaram. Morreram baleados em um mercadinho local. Um cara qualquer ficou irritado e matou dez pessoas antes de também ser alvejado por tiros. Meu pai e meu irmão estavam na fila do caixa quando ele entrou. Foram os primeiros a serem mortos.

Minha mãe havia me contado essa história muitas vezes. Era a forma que ela usava para me alertar sobre os perigos de sair na rua. Abracei Woods mais forte, concentrada em me manter focada e em não me perder nas lembranças.

– Eu estou aqui. Você está comigo – garantiu-me ele.

Sua outra mão encontrou a minha.

– Minha avó materna era doente mental. Eu não a conheci. Ela estava internada em uma casa especial. Não tínhamos nenhum outro parente. Meu pai cresceu em um orfanato. Meus pais não tinham irmãos. Minha avó perdeu o contato com a realidade logo depois do nascimento da minha mãe. Meu avô fugiu e minha mãe foi criada pela minha bisavó paterna, que morreu quando ela tinha 16 anos. Meus pais se conheceram em um abrigo para menores, aos 17. Nas fotografias que havia em casa, eu via uma mulher saudável e uma boa mãe. Meu irmão parecia amá-la. Ela parecia feliz. Mas eu nunca conheci essa mulher. Nós nos mudamos logo depois que o meu pai e o meu irmão foram mortos. Saímos de uma cidadezinha em Nebraska para outra cidade ainda menor na Geórgia. As primeiras lembranças que tenho são da casa em Macon. Os olhos vidrados e os gritos da minha mãe eram tudo o que eu conhecia. Ela podia ser muito doce algumas vezes, mas, em outras, era assustadora. E conversava muito com o meu irmão. Passei anos sem entender com quem ela estava conversando. Éramos apenas nós duas. Mas acho que ela o via.

Fechei os olhos com a lembrança da minha mãe falando com meu irmão morto como se ele estivesse lá. O prato de comida que ela preparava para ele ficava

intacto, mofando em cima da mesa. Uma vez ficou tão podre que eu não conseguia entrar na cozinha sem ficar nauseada. Depois de um tempo, ela jogava tudo fora e preparava outro prato.

– Ninguém notou que ela não estava bem? – perguntou Woods, acariciando a minha mão com o polegar.

– Não. Ninguém nos via. Ninguém sabia que eu existia. Não saíamos da casa. Nunca. Minha mãe acreditava que era perigoso do lado de fora. Que ela estava nos mantendo seguras.

Woods deu um longo suspiro e eu esperei pelas perguntas. Todas que eu já havia respondido um milhão de vezes desde o suicídio dela.

– Onde vocês conseguiam comida?

– Havia um mercado local que entregava. Ela ligava e encomendava.

– Onde vocês conseguiam dinheiro?

– Meu pai tinha feito um bom seguro de vida. Minha mãe vendeu a casa de Nebraska e comprou outra muito menor em um lugar mais barato para poder pagar em dinheiro.

– E a escola?

– Minha mãe me ensinou tudo em casa.

– Você nunca saía de casa? *Nunca?*

Isso era o mais difícil para as pessoas aceitarem. Era estranho, mas era a minha realidade.

– Minha mãe sofria de agorafobia grave. O fato de haver muitos casos de doença mental na família era um agravante. A morte do meu irmão e do meu pai despertaram a doença e ela só pensava em nos proteger. Ao ponto de me negar uma vida. Eu não sabia nada do mundo até ter idade suficiente para fugir à noite. Braden, minha melhor amiga e o motivo por eu estar nesta busca por experiência de vida, era a minha vizinha. Ela tinha curiosidade sobre nós desde que os seus pais se deram conta de que nunca saíamos da casa.

“Na primeira noite que fugi, ela estava observando a minha casa da cama e me viu. Estava convencida de que éramos vampiros e queria provar isso aos pais. Não fui muito longe. Só fiquei no jardim da frente olhando para a lua e tocando a grama. Coisas simples que eu sempre quisera fazer. Braden saiu e falou comigo naquela noite, ainda acreditando que eu fosse um vampiro. Nossa amizade fortaleceu com o passar dos anos e as minhas fugas ficaram mais ousadas conforme eu crescia. Braden sabia mais sobre mim do que qualquer pessoa. Ela era a única que realmente tinha conhecimento da minha existência. Mas ela também sabia do meu medo de perder a minha mãe se alguém descobrisse e, por isso, guardou segredo.”

Eu não podia dizer mais nada a ele. Precisava parar. Aquilo bastava. O resto era sombrio demais e doía demais.

– Onde está a sua mãe?

– Está morta.

Ele não respondeu. Seus braços me apertaram com mais força.

– Eu não consigo mais falar sobre isso hoje. Já chega.

Ele não discutiu. Apenas continuou me abraçando. Ficamos ali parados em silêncio por um longo tempo até os meus olhos pesarem e eu cair lentamente no sono.

WOODS

Não havia palavras. Abracei Della a noite toda e ela não acordou gritando nenhuma vez. Agora que eu sabia do horror que ela vivera, fiquei imaginando com que ela sonhava que a fazia gritar. Sabia que tinha a ver com sua mãe. Muita coisa ainda era segredo, tinha certeza disso, mas por ora aquilo era tudo que ela queria que eu soubesse. Era o suficiente.

Eu a observava dormir tranquilamente ao meu lado quando o sol nasceu e a luz da manhã começou a dançar sobre a água. Tê-la no meu quarto e na minha cama era perfeito.

Nada nunca havia sido tão perfeito. Mas eu sentia um aperto no peito e o coração pesado. Della sofrera tanta dor e abuso emocional que eu não sabia ao certo como poderia curá-la.

Ela se revirou nos meus braços e eu beijei a ponta do seu nariz. Ela era minha. Eu ia cuidar dela. Queria ajudá-la a se esquecer de toda dor e escuridão. Seus cílios longos se agitaram quando ela abriu os olhos.

– Bom dia – disse enquanto ela se espreguiçava nos meus braços com um sorriso sonolento.

– Acho que fazia muito tempo que eu não dormia tão profundamente – disse ela, segurando um bocejo.

– É porque eu sou muito confortável.

– Concordo. Essa maciez toda é muito confortável – disse ela, sorrindo maliciosamente para mim.

– Maciez? Vou te mostrar a maciez – brinquei, deitando-a de costas para pressionar a minha ereção matinal entre suas pernas. – Não tem nada macio aqui.

Ela ronronou e afastou as coxas para eu me encaixar confortavelmente entre elas.

– Não, nada macio... – concordou ela, levantando os quadris para se esfregar em mim.

Pude sentir a seda úmida da calcinha mesmo de cueca e gemi de prazer. Ela já estava molhada.

– Eu ia me levantar para preparar o seu café da manhã – disse enquanto ela continuava esfregando a bocetinha molhada no meu pau.

– Hummm, que fofo. Por que você não faz amor comigo antes? – perguntou Della, levantando a minha camiseta, que eu havia vestido nela na noite anterior antes de botá-la na cama.

Tomei a liberdade de também tirar o seu sutiã. Quando os seus seios saltaram livremente diante do meu rosto, esqueci completamente das minhas boas intenções.

Até mesmo as palavras “faz amor comigo”, que me assustaram um pouco no começo, não importavam mais. Della estava na minha cama. Ela começou a se livrar da calcinha enquanto eu arrancava a camiseta e a cueca, atirando-as.

Della abriu as pernas e sorriu maliciosamente para mim.

– Meta sem nada. Você pode tirar antes – disse, erguendo os quadris em um convite.

Tirar antes não era sempre seguro, mas foda-se, eu não me importava. Queria entrar nela sem uma barreira entre nós e o néctar doce que escorria da abertura dela era um chamado irrecusável. Afastei mais os joelhos dela e mergulhei.

Gritamos de prazer quando eu a possuí em um único movimento rápido. Seu calor era suave e apertado. Eu nunca senti aquilo antes. Estava tão perto de gozar que precisei ficar parado.

– Woods, isto é muito bom. Você é muito bom. Eu preciso de você perto de mim. Muito perto...

Ela gemia enquanto os seus seios subiam e desciam sem parar.

Abaixei a mão e esfreguei seu clitóris com o dedo, estimulando-o. Ela começou a ofegar e eu a penetrava lentamente. Quando ela perdesse o controle e eu sentisse as paredes da sua caverna úmida me apertando, eu teria de tirar. Estava perto demais. A sensação estava me matando.

– Assim mesmo. Ah, Woods, isso, assim...

Suas súplicas e os seus gritos pararam pouco antes de ela estremecer embaixo de mim, gritando o meu nome.

Meti uma última vez antes de sair e gozar na barriga dela. Ver a minha porra grossa em sua barriga lisinha fez o meu peito ficar ainda mais apertado. Minha. Eu a havia marcado de novo. Ela era minha.

Eu me levantei devagar e fui pegar uma toalhinha morna para limpá-la. Ela estava olhando para a minha bagunça e sorrindo quando voltei.

– O que é tão engraçado? – perguntei.

Eu adorava ouvi-la dando risada.

– Ninguém nunca gozou em mim assim antes. Acho que gostei.

A ideia da porra de qualquer outro cara chegando perto dela me deixou furioso. Eu não queria uma imagem de Della e algum outro cara. Com quantos homens ela pode ter ficado? Havia passado a maior parte da vida trancada pela mãe.

– Você parece chateado. O que eu disse de errado?

Terminei de limpá-la e olhei para ela.

– Você não disse nada de errado. Eu só... eu só não gosto de pensar em você com outro cara.

Ela se apoiou nos cotovelos.

– Eu só estive com três caras, contando com você.

Dois a mais do que eu gostaria. Mas não era justo ficar puto. Eu dormira com mais garotas do que era capaz de contar.

– Você foi o meu segundo, se isso ajuda.

O segundo? Que porra isso queria dizer? Ah, merda.

Eu não queria pensar nisso. Ela havia feito sexo depois da nossa primeira vez juntos. Eu também, com a Angelina. Mas, cacete, como era difícil de aceitar. Ela partiu para Dallas e se envolveu com o chefe casado. Por que eu a deixei naquela noite? Porque com ela era só sexo casual. Um sexo casual que me deixou louco, mas ainda assim. Eu fiz o que nós dois esperávamos que eu fizesse. Ou ela não esperava?

Eu não podia pensar nisso. Saí da cama e fui para o banheiro para me acalmar. Não era culpa dela. Eu estava me tornando um cretino possessivo e ela não merecia isso.

Uma mãozinha tocou meu ombro.

– Você está bem?

Quando me virei, ela estava parada completamente nua com a testa franzida de preocupação. Ela estava tão feliz quando acordou e eu tinha estragado tudo com a minha necessidade de possuí-la. Qual era o meu problema?

Puxei-a na minha direção até os seus seios encostarem no meu peito.

– Sinto muito. Sou um cretino. Fiquei puto pensando que outra pessoa... que algum... merda. Eu não consigo nem dizer.

Della se aproximou mais, passou as mãos no meu peito e as entrelaçou atrás do meu pescoço.

– Ninguém nunca entrou em mim sem camisinha. Só você. No fim desta semana, você será o único homem que terá gozado dentro de mim.

O homem das cavernas que havia em mim estava batendo no peito diante da ideia de gozar dentro dela e deixar a minha porra preenchendo aquele buraquinho apertado pelo qual eu estava obcecado.

Afastei os cabelos do rosto dela e levantei o seu queixo até apertar os lábios firmemente contra os dela. Aquela garota ia acabar comigo.

DELLA

Woods me levou para o trabalho todos os demais dias da semana e ficou sentado em uma mesa vazia enquanto eu atendia. Quando o meu turno terminava, ele me pedia para lhe dizer algo que eu sempre quisera fazer mas não tivera a oportunidade. Todos os dias, ele fazia acontecer.

Passeamos de barco, demos uma volta de helicóptero, voamos de asa-delta e comemos ostras. Ele raramente saía de perto de mim. O sexo era incrível e parecia ficar melhor e mais intenso. Eu também não estava mais sofrendo com o terror noturno. Dormia profundamente e acordava no dia seguinte relaxada e descansada.

Na noite do luau, os outros funcionários estavam esperando que eu aparecesse por lá. Ainda não sabia se levar Woods era uma boa ideia. Só Bethy e Jimmy tinham conhecimento do nosso namoro. Eu não havia cruzado com mais ninguém nos nossos encontros. Coloquei um biquíni e um vestido leve por cima. Não sabia se teria coragem suficiente para nadar, mas Bethy disse que todo mundo pelo menos molhava os pés. Eu estava preparada para isso e mais.

Woods estacionou a caminhonete e deu a volta porque decidiu que eu não deveria abrir uma porta de carro sozinha. Era fofo, na verdade.

Ele pegou minha mão e a segurou. Pronto. Se algum funcionário estava curioso a respeito de nós dois, Woods estava prestes a esclarecer a situação.

– Tem certeza de que não quer desistir e ir embora? – perguntei, sorrindo para ele.

– Não.

– Eles podem me tratar diferente – respondi, pensando que a situação poderia ser um problema com outros funcionários.

– Eu os demito.

Parei e olhei para Woods. Ele estava sorrindo. Dei um tapa no seu braço.

– Não teve graça.

– Teve sim. Além disso, se alguém chatear você, eu demito.

Anotação mental: não contar a ele se alguém me chatear.

O cheiro da fogueira e o som da música foram enchendo o ar conforme nos aproximávamos do grupo. Algumas pessoas estavam dançando. Outras assavam algo no fogo e havia um pessoal jogando vôlei ao luar.

– Está com sede? – perguntou Woods, me levando até o barril instalado em cima de uns tijolos.

– Não gosto muito de cerveja de barril. Tomei uma vez e passei mal – contei a ele.

Ele franziu a testa.

– Quanto você bebeu?

– Eu tomei de funil, na verdade, então não sei bem.

Woods ergueu as sobrancelhas.

– Você tomou cerveja de funil?

Havia sido um dos itens da minha lista de coisas a fazer: ir a uma festa e beber muita cerveja. Eu não sabia que era possível beber do funil, mas não foi difícil me convencer a provar. Braden tinha me avisado que eu ficaria mal, mas experimentei mesmo assim.

– É. Decisão idiota. Festa de estudantes.

Foi na festa em que conheci o cara com quem perdi a virgindade. Três encontros depois, ele me convenceu a fazer sexo. Eu era tão ingênua e burra.

– Vocês vieram! – gritou Bethy, sorrindo ao se aproximar de nós com um copo vermelho na mão. – Bebam. A cerveja é liberada.

– Della não bebe cerveja de barril. Tem mais alguma coisa para beber? – perguntou Woods.

Bethy foi até um isopor e me atirou uma garrafa d’água. Perfeito.

– Obrigada – disse.

Ela fez uma saudação antes de voltar a dançar. Jace saiu do meio do grupo e pôs o braço sobre ela.

– Você é contra eu beber cerveja de barril? – perguntou Woods.

Fiz que não com a cabeça e tomei um gole da água.

– Ótimo. Eu preciso beber alguma coisa.

Ele foi até o barril e eu fiquei onde estava. Não podia segui-lo para todo lado.

Eu estava me tornando carente demais no que dizia respeito a ele. Não queria ser dependente. Minha psiquiatra me avisou sobre isso. Ela disse que eu precisaria me esforçar muito para ser independente e que isso poderia ser difícil depois da vida que eu levava.

– Oi, é Della, certo? – Um cara que eu não reconheci disse com a voz um pouco arrastada.

Respondi que sim. Não sabia ao certo quem ele era nem como descobrira o meu nome.

– Nelton, sou o professor de tênis do clube – disse ele, dando uma piscada.

– Muito prazer – respondi e vi Harold da cozinha conversando com Woods.

– Eu tenho observado você. Não sabia se estava disponível ou não. – Ele se aproximou e eu consegui ir um pouco para a direita sem parecer que estava tentando me afastar.

– Ah... – Foi tudo o que eu disse.

Não sabia bem se precisava avisar que estava em um relacionamento com Woods.

– Você é amiga do Sr. Kerrington? Vi que chegou com ele.

– Posso ajudar, Nelton? – perguntou Woods pouco antes de se aproximar de mim por trás.

Soltei um suspiro aliviado. Não queria ter que responder àquela pergunta.

– Não, senhor. Só estava conhecendo a Della.

Woods deslizou a mão para a minha barriga e a deixou ali, em um gesto possessivo. Nelton percebeu e arregalou os olhos.

– Foi um prazer, Della. Até mais, Sr. Kerrington.

E se afastou rapidamente.

– Não posso deixar você sozinha por três minutos... – disse ele, antes de dar uma mordidinha na minha orelha.

– O seu professor de tênis é muito esquisito.

Woods riu.

– Concordo. Mas as mulheres mais velhas o adoram. Sei de fonte segura que ele dorme com várias delas. Como isso as deixa felizes, não o mandamos embora. Não seria bom para os negócios.

Olhei ao redor e vi que não havia banheiros por perto. Precisava fazer xixi. Encontrei Bethy e decidi perguntar a ela.

– Preciso perguntar uma coisa à Bethy. Já volto – disse, antes de sair correndo.

Não queria dizer a ele que precisava fazer xixi.

Ela me viu indo sozinha na sua direção e se afastou do abraço de Jace.

– Ei, está tudo bem?

– Sim. Eu só preciso fazer xixi. Onde posso fazer por aqui?

Bethy sorriu e acenou com a cabeça para a água, onde as pessoas pulavam e nadavam.

– No golfo? – perguntei, confusa.

Merda.

Voltei para Woods, que estava me observando com atenção. Eu teria que dizer a ele, por mais frustrante e constrangedor que fosse. Talvez eu pudesse caminhar um pouco pela praia e então fazer xixi em um ponto mais vazio. Ninguém me veria saindo ou saberia o que eu estava fazendo.

Uma garota gritou que precisava fazer xixi e foi correndo em direção à água. Que nojo.

Parei na frente de Woods e senti o meu rosto esquentar. Falar de necessidades fisiológicas com rapazes era algo em que eu simplesmente não era boa.

– Qual é o problema? – perguntou ele.

Abaixei a cabeça e respirei fundo.

– Preciso fazer xixi.

Primeiro, ele não disse nada, então deu uma risada.

– Foi por isso que você foi falar com a Bethy? Por que não falou comigo?

Mantive a cabeça baixa.

– Porque não.

Ele riu ainda mais e enroscou os dedos nos meus.

– Ela disse para onde ir?

Ele me puxou para perto.

– Quer que eu leve você para casa para fazer xixi?

Sim. Não queria fazer isso no mar. Mas eu também não estava com vontade de ir embora.

– Talvez eu possa me afastar um pouco, para que ninguém me veja.

– Posso ir junto? – perguntou Woods.

De jeito nenhum. Isso seria horrível.

– Deixe-me levá-la para casa.

Eu era capaz de fazer isso.

– Volto em um minuto.

– Não gosto da ideia de você entrar na água sozinha no escuro – disse Woods, apertando mais forte minha mão.

– Mas eu preciso fazer xixi. Eu entraria sozinha aqui e me afastaria de todo mundo.

Woods não soltou a minha mão.

– Não gosto disso.

Franzi a testa.

– Mas eu preciso fazer xixi!

– Então vou levar você a algum lugar. Ou vamos até a praia juntos, ou levo você a um banheiro.

Pensei melhor e decidi que não ia conseguir fazer xixi no mar. Suspirei, derrotada.

– Tem um banheiro aqui perto?

Ele sorriu.

– Sim, em casa.

– Então me leve para casa.

WOODS

Della pediu que eu esperasse na caminhonete. Não queria que eu entrasse com ela. Concordei. De jeito nenhum eu a deixaria entrar na água sozinha para fazer xixi, mas esperar na caminhonete eu conseguia. No entanto, depois de vários minutos sem que Della voltasse, decidi entrar para ver como estavam as coisas. Ela teve mais do que tempo suficiente para fazer xixi.

Quando pus o pé no primeiro degrau, ouvi a familiar voz aguda de Angelina. Merda. O carro dela não estava ali fora. O que ela estava fazendo na minha casa?

Abri a porta com força e entrei na sala. Della estava encostada na parede com os braços cruzados defensivamente sobre o peito enquanto Angelina a bombardeava com perguntas.

– Que porra você está fazendo na minha casa? – rugi, passando por Angelina com um empurrão e abraçando Della para protegê-la.

Era um milagre que Angelina não houvesse provocado um ataque de pânico em Della. Passei a mão pelas costas dela enquanto olhava furioso para Angelina, que me observava atentamente.

– Foi por isso? Você jogou o seu futuro fora por causa dela? Ela trabalha como atendente no clube, Woods! Que merda você está pensando? Olha para ela. Ela... ela... é um desastre. Nada nela combina com você. Você está comendo ela para mostrar que é rebelde?

Della se encolheu nos meus braços e eu estava bem perto de não levar em consideração o fato de Angelina ser mulher. Estava pronto para bater nela.

– Tome muito cuidado com o que você está dizendo. Você invadiu a *minha* casa. Posso me assegurar que fique presa até o seu papai chegar para pagar a fiança.

Della estava tensa. Passei o dedo sob o queixo dela e levantei o seu rosto para ver os seus olhos. Ela estava comigo. Que bom.

Virei e encarei Angelina.

– Você precisa ir embora. Nunca mais ponha os pés nesta casa. E fique longe de Della. Se você falar com ela ou magoá-la, vai se arrepender.

Angelina sibilou e jogou os cabelos para trás.

– Não me ameace, Woods Kerrington. Eu não tenho medo de você. Esta... farsa que você está tendo com ela – Angelina apontou a unha comprida e bem-feita para Della – é ridícula. Eu ainda teria me casado com você. Bastava explicar que precisava experimentar essa aí.

Della se encolheu nos meus braços mais uma vez e eu estourei.

– Saia. Daqui. Agora!

– Bem, eu preciso ligar para alguém vir me buscar. O papai me largou aqui. Pensei que poderia esperar por você para conversarmos. Mas, em vez de você, entrou ela.

– Você tem um celular. Saia da minha casa e peça para alguém buscar você. Quero você fora daqui.

Angelina deu meia-volta e os seus saltos bateram no meu piso de madeira. Quando a porta se fechou atrás dela, peguei Della no colo, levei-a até o meu quarto e me sentei com ela na cama.

– Olha para mim – disse, querendo ver o seu rosto.

Ela levantou os olhos para mim e a confusão e a dor que eu esperava ver não estavam lá. Em vez disso, ela estava... com raiva?

– Você ia se casar com aquela vaca? Sério? O que os seus pais estavam pensando? Ela é horrível, Woods. Você é tão melhor do que isso. Eu não...

Cobri a sua boca com a minha antes que ela pudesse dizer mais qualquer coisa. Fiquei tão absurdamente aliviado de ouvir raiva em vez de mágoa na sua voz que só precisava me assegurar de que ela estava bem.

Della reagiu ao meu beijo com o mesmo vigor, então me empurrou.

– Eu ainda preciso fazer xixi – disse ela, se levantando.

Sorri enquanto ela corria para o banheiro.

Então me dei conta de que o meu pai ia descobrir sobre Della e meu bom humor desapareceu.

Ele ia odiar isso. Ele ia odiá-la. Se houvesse alguma forma de eu calar Angelina, eu faria. Só não sabia como. Ela tinha sido rejeitada. Fora trocada por outra e estava furiosa.

Desliguei o meu celular. Se ele ligasse esta noite, eu não iria saber. Ia garantir que Della não estivesse por perto quando conversássemos sobre isso.

Se ele me pressionasse demais, arrumaria as minhas coisas e iria embora. Della tinha uma lista de lugares que queria conhecer e nós iríamos a todos.

A porta do banheiro se abriu e ela saiu usando um biquíni amarelo que mal cobria os seus peitos. Exatamente como o que estava usando na praia no outro dia, fazendo todos os homens ao redor babarem. Fiquei olhando enquanto Della vinha na minha direção.

– Sabe que dia é hoje? – perguntou ela.

Eu estava com os olhos vidrados nos seus peitos, que balançavam conforme ela caminhava.

– Sábado – respondi.

Ela desamarrou o biquíni e deixou a parte de cima cair no chão, deixando os seios descobertos. Não parecia que iríamos voltar para o luau.

– Faz sete dias que eu tomei a primeira pílula – disse ela, enfiando os polegares

nas laterais da parte de baixo do biquíni e tirando-a lentamente.

Fazia sete dias. Como foi que eu me esqueci disso? Arranquei a camisa pela cabeça, me levantei e a agarrei, então a atirei na cama.

– Eu estava aqui preocupado que você ficaria chateada por causa da minha ex maluca e você sai do banheiro fazendo um striptease. Porra, mulher, você é a realização de todas as minhas fantasias!

Ela atirou as mãos para cima e agarrou a cabeceira.

– Eu quero que você goze dentro de mim. Muitas vezes – disse ela, abrindo as pernas e arqueando as costas de forma provocante.

Tirei o meu calção de surfe e subi nela.

– A primeira vez vai ser rápida, porque eu mal posso esperar. Preciso fazer isso. Da próxima vez, vamos devagar e com calma, prometo.

Ela lambeu os lábios lentamente.

– Então me come com força.

Eu ia explodir antes de entrar nela se ela continuasse bancando a sedutora safada.

Levantei os seus quadris e meti nela em um único movimento.

– *Isso! Ah, meu Deus, isso!* – Della gritou e eu abandonei qualquer preocupação sobre cuidar dela.

Ela queria o garoto malvado e eu estava pronto para libertá-lo. A simples ideia de gozar dentro dela fazia as minhas bolas doerem. Eu não ia conseguir parar esta noite. Ia comê-la em todos os lugares da casa. Entrei e saí dela sem parar enquanto ela se contorcia embaixo de mim. Della implorava e gritava o meu nome. Suas unhas arranharam as minhas costas e eu soube que estaria marcado no dia seguinte. Isso me deixou ainda mais louco. Eu queria ficar todo marcado por ela. Com a mesma intensidade que estava prestes a marcar a sua bocetinha.

Della envolveu meu quadril com as pernas

– Eu vou gozar! Ah, agora, eu vou, ahhhh! – ela gritou, cravando as unhas nas minhas costas, agarrada a mim.

Deixei-a me apertar até explodir dentro dela. Meu corpo tremeu quando meti uma última vez, enchendo sua boceta com a minha porra. Queria gritar, triunfante, sabendo que aquilo era meu. Nada que a minha família quisesse ou exigisse me afastaria disso.

DELLA

Tomei café na varanda, observando as ondas quebrarem na areia. Havia sido proibida de ir ao trabalho hoje. Woods disse que precisava conversar com o pai. Ele tinha medo de que eu pudesse me magoar. Como eu estava fraca demais para fazer qualquer outra coisa depois da noite que tivemos, concordei e fiquei em casa.

Se a minha presença no clube fosse um problema, conseguiria um emprego em outro lugar. Mas eu nem bati o pé para ir hoje. Ainda estava aproveitando o barato da noite passada. Perdi a conta de quantos orgasmos eu tive, mas sabia que Woods gozara dentro de mim cinco vezes. Todas tinham sido memoráveis. Eu havia tomado a pílula ao acordar, antes mesmo de escovar os dentes. Se íamos fazer sexo assim, eu não poderia me esquecer nunca.

Eu não podia ter filhos. Ter uma mãe fadada a perder a cabeça era um destino horrível demais para uma criança. Ninguém precisava viver uma vida como a minha. Jurei que jamais faria com uma criança o que minha mãe tinha feito comigo, mas não podia ter certeza. Não se perdesse o controle. Minha mãe não era uma má pessoa. Ela só era doente.

Mande o medo para longe porque estava tomando cuidado. Eu não iria engravidar.

Meu celular tocou e eu o peguei. A tela estava exibindo o nome de Braden. Fazia mais de uma semana que eu não falava com ela. Andava tão envolvida com Woods que não tivera tempo de ligar.

– Bom dia – disse ao atender.

– Bom dia, estranha que não liga mais para a melhor amiga. Como você está?

– Estou bem. – O significado por trás desta simples palavra era poderoso.

– Bem, é? Bem como? Tipo ele é o máximo e proporciona orgasmos múltiplos ou bem do tipo você nunca fez um sexo tão incrível ou bem do tipo você vai se casar com ele e ser mãe dos seus filhos?

Eu estava sorrindo até a última frase. Meu sorriso desapareceu e o meu coração bateu de encontro ao meu peito. Casar com ele e ser mãe dos seus filhos... Eu jamais poderia me casar com ele. Woods sabia disso. Eu já tinha alegado que era maluca e que poderia pirar a qualquer momento. Será que ele me amava? Eu achava que não. Ele não havia me dito isso. Mas eu o amava. Eu o amava mais do que qualquer outra coisa. E não poderia me casar com ele. Essa história teria que acabar um dia, porque eu não podia fazer isso. Woods iria querer filhos. Ele não precisava de uma esposa que ia acabar louca.

Ah, meu Deus. O que eu estava fazendo?

– Della, você está bem? – perguntou Braden. Pude ouvir a preocupação na sua voz. – Merda. Della, eu não pensei antes de dizer aquilo. Droga, querida, eu sinto muito. Eu não quis dizer aquilo. Pense no cara e no sexo gostoso. Pense em tudo o que você precisa me contar. Mantenha o foco. Fica comigo.

Ela estava fazendo um grande esforço para me botar de volta nos trilhos. O problema era que eu não havia saído dos trilhos. Eu estava perfeitamente consciente da verdade. Dos fatos. E não podia me esquecer deles.

– Eu o amo. Eu não posso amá-lo – disse baixinho ao telefone.

A porta atrás de mim se abriu e eu me virei para deparar com um homem que havia visto apenas uma vez antes, no evento beneficente em que cantei. Era o pai de Woods.

– Não diga isso, Della. Você pode amá-lo. Você merece isso. Você não é a sua mãe. Você pode ser feliz. É o que eu sempre quis para você. Ele ama você também? – Braden me perguntou.

Encarei o pai de Woods enquanto ele se aproximava e se sentava na minha frente. Por que ele estava ali? Ele deveria estar com o Woods.

– Não posso. Não sei – disse a ela, sem conseguir desviar o olhar dos olhos duros e frios diante de mim.

– Pode sim. Você pode ter filhos. Eles serão lindos e especiais como você. Não pense que não pode.

Eu precisava fazê-la parar de falar. Pude sentir a escuridão começando a se aproximar. Visões da minha mãe com seu olhar louco me encarando. O celular caiu da minha mão.

– Vamos fazer de forma simples... – disse ele com desprezo na voz enquanto me encarava. – Quanto vai custar para você ir embora e nunca mais botar os pés nesta cidade de novo? Diga o preço e pronto.

Della, Della, vamos cantar uma música. Della, Della, venha comer com o seu irmão. A comida dele está esfriando. Ele está esperando por você. Della, você viu a camisa preferida do seu irmão na lavanderia? Ele disse que você pegou e está muito chateado. Ele não quer comer, Della. Ele não quer comer. Precisamos fazer ele comer.

Você foi lá fora, Della? Seu irmão disse que foi. Ele disse que você fugiu enquanto eu estava dormindo. Ele vê você. Ele só quer que você fique a salvo. Eu não o mantive a salvo, mas ele está me ajudando com você. Você não quer ficar a salvo, Della? Você não pode ir lá fora.

Della, ele disse que estava me esperando. Ele me ama, Della. Você não me ama. Você quer me desobedecer e correr por aí à noite, no escuro. Ele queria ter ficado comigo. Agora ele está me esperando. Ele disse que comeria se eu fosse ficar com

ele. Della, como eu faço para encontrá-lo? O que eu faço?

– Mamãe! NÃO! Mamãe! NÃO!

Meus gritos não aliviam a dor. Tem sangue por todos os lados. Em uma poça ao redor do corpo dela. Eu saí e ela se encontrou com ele. Eu não devia ter saído. Eu não devia ter saído.

Pisquei diversas vezes. Estava no chão. Toquei a madeira quente sob mim e me levantei devagar. Estava deitada na varanda. Confusa, olhei ao redor e vi o meu celular em cima da espreguiçadeira e a minha xícara de café na mesinha ao lado.

O Sr. Kerrington esteve ali. Eu estava conversando com a Braden. Merda. Braden. Peguei o telefone e vi várias ligações perdidas dela e duas do Woods. Havia se passado apenas uma hora desde que parei de falar com Braden. Que bom.

Olhei de novo para a porta e me perguntei o que iria fazer sobre o Sr. Kerrington. Será que eu havia sonhado que ele estivera ali ou tinha sido real? Ele teria me deixado ali, daquele jeito? Será que foi ele que ligou para o Woods? Comecei a me levantar quando ouvi a porta da frente se abrir e Woods entrar correndo pela sala, diretamente para mim. Corri desajeitada e me joguei nos seus braços.

– Você está bem? Eu liguei e você não atendeu. Por que você estava no chão? O que aconteceu? Você teve um ataque de pânico?

Ele estava falando sem parar ao se sentar na espreguiçadeira e me colocar no colo.

Ele afastou os meus cabelos do rosto e me deu um beijo firme nos lábios.

– Você quase me matou de susto, Della. Por que não atendeu o telefone, gata? Você está bem?

Eu não queria contar a verdade a ele. Também não queria mentir. Mas, como não tinha certeza se o pai dele havia estado ali, não ia trazer esse assunto à tona.

– Eu estava conversando com a Braden e ela disse uma coisa que disparou uma lembrança. Foi sem querer, isso acontece às vezes. Acho que apaguei. Acordei no chão. Ela me ligou mais vezes do que você. Preciso ligar para ela... Ela deve estar surtando.

– Merda. Detesto que você tenha passado por isso sozinha. Não suporto isso! – resmungou enquanto me abraçava com força.

Ele não podia continuar fazendo isso. Estava ficando perturbado demais com os meus problemas. Eu já era ferrada e isso só ia piorar. Era inevitável. Será que ele conseguiria suportar isso? Não. Eu sabia que não. E também ia querer filhos.

– Você não pode estar sempre comigo, Woods. Precisa aceitar que isso vai acontecer às vezes quando não estiver por perto.

Woods soltou um suspiro derrotado.

– Eu não posso fazer isso. Não quero que você jamais esteja sozinha quando isso

acontecer. Vou encontrar uma cura. Vou encontrar os melhores médicos para você. Nós vamos vencer essa coisa. Eu prometo.

Ele parecia muito determinado. Eu não havia sido sincera com ele. Não tinha explicado que esse era apenas o começo da minha loucura.

A expressão nos olhos dele espelhava o que eu estava sentindo. Isso queria dizer que ele me amava? Eu o deixei se apaixonar por mim completamente?

Mas ele sabia quem estava amando?

WOODS

Della conversou com Braden, explicou à amiga que não havia sido culpa dela, então foi deitar e dormir um pouco. Alguma coisa estava errada. Della nunca dormia durante o dia. E ao me contar sobre o episódio, omitiu algo. Eu pude sentir a sua hesitação.

Fiquei parado na porta do quarto olhando ela dormir. Ela estava encolhida, o que costumava fazer com frequência.

Vê-la no chão ao entrar foi como um chute no estômago. No caminho para casa, temi. Detestava que ela tivesse essas malditas crises. Ia procurar ajuda. O mais rápido possível.

Convenientemente, meu pai havia desaparecido hoje. Eu não o encontrei para acertar as contas. Não era justo que eu tivesse deixado Della sozinha, quando ela poderia ter estado no clube comigo. Eu não ia mais fazer isso com ela. Talvez esse tenha sido o motivo de ela ter tido o maldito ataque. Ficou pensando em mim e em como eu a estava escondendo do meu pai e se sentindo um problema. Eu devia ter previsto isso.

Uma batida na porta interrompeu os meus pensamentos. Fechei a porta do quarto para que quem quer que fosse não acordasse Della. Tripp estava do outro lado da porta, com as mãos nos bolsos da frente da calça jeans.

– Tripp – disse, cumprimentando-o ao abrir a porta.

– Vim me despedir. Está na hora de ir embora daqui e encontrar um novo lugar. Meu pai foi me visitar ontem e as coisas não terminaram bem.

Eu o compreendi. Talvez ir embora fosse a minha única resposta. A dele, pelo menos.

– Para onde vai? – perguntei.

Ele deu de ombros.

– Ainda não sei. Saberei quando encontrar o lugar.

Olhei para o fim do corredor.

– Eu o convidaria para beber alguma coisa, mas Della está dormindo. Ela teve uma manhã ruim e eu não quero perturbá-la.

– Entendo. Queria me despedir dela também, mas não preciso. Só diga que eu estive aqui.

Não gostei do fato de ele achar que precisava dar alguma satisfação a ela, mas assenti com a cabeça. Eu não precisava ser um cretino em relação a isso.

– Pode deixar.

– Então ela vai ficar por aqui, pelo jeito?

– Vai.

– E o seu pai concorda com isso? Fiquei sabendo que a Angelina descobriu. Todo mundo meio que está sabendo.

Merda.

– Não falei com o meu pai.

– Você precisa falar. Antes que ele chegue a ela primeiro.

Ele tinha razão, é claro. Eu precisava garantir que meu pai ficasse longe de Della.

– Pode deixar.

– Ela é para sempre, então?

Eu sabia que ele estava perguntando como um amigo que havia feito uma escolha parecida.

– É, sim. Ninguém mais. Ela é tudo que eu vou querer na vida.

Tripp sorriu.

– Não acredito que Woods Kerrington realmente esteja amando alguém.

A palavra “amor” me surpreendeu, mas só porque eu não a tinha usado ainda. Ela era estranha para mim. Eu não havia pensado em usar essa palavra, mas ele estava certo. Olhei para a porta do quarto e pensei em Della dormindo tranquilamente na minha cama. Eu a amava. Amava saber que ela estava lá dentro. Que ela era minha. Que eu podia tomar conta dela.

– Eu a amo mesmo – disse simplesmente.

Tripp me deu um tapinha nas costas.

– Que bom. Ela precisa disso.

Então abriu a porta e saiu. Não olhei para trás para vê-lo ir embora ou para me despedir com um aceno. Fui até a porta do quarto e fiquei parado do outro lado. Pus as mãos nos batentes e apoiei a cabeça na porta. Eu a amava. Eu a amava de um modo tão intenso que não conseguia nem definir. O que quer que eu precisasse fazer para ajudá-la, faria. Ela seria feliz. Eu passaria cada segundo da minha vida fazendo-a sorrir. Precisava encontrar um médico para ela. Este era o primeiro passo: buscar ajuda.

A maçaneta girou e a porta se abriu lentamente. Larguei os braços ao lado do corpo quando os olhos de Della se fixaram nos meus. Ela estava com os cabelos desalinhados do sono e ainda parecia cansada.

– Você me ama.

Ouvi-la dizer aquilo fez o meu coração levantar voo. Ela sabia.

– Sim. Mais do que a minha vida.

Em vez de se atirar nos meus braços e me dizer que me amava também, ela tapou o rosto com as mãos e chorou de soluçar. Fiquei olhando por um instante, confuso e completamente perplexo com a sua reação. Não era o que eu estava esperando.

– Della? – perguntei, com o pânico começando a se instalar no meu peito.

– Você não pode me amar. Você merece mais. Não eu – disse ela, chorando.
– Não há ninguém melhor do que você, Della.
– Não, não, não. Você não está vendo? Eu não sou estável. A longo prazo... mais tarde... na vida, eu posso ficar como a minha mãe. Você não pode me amar.

A mãe dela? Ela não ia se tornar a mãe dela. Por que ela sequer pensava isso?

– Você é a pessoa certa para mim, gata. Só você. Você não vai ser a sua mãe. Você é especial e única e nós vamos procurar ajuda. Mas eu vou estar do seu lado o tempo todo. Eu nunca vou deixá-la. Eu juro.

O rosto molhado de lágrimas de Della me encarou. Estendi a mão para secar as suas lágrimas e a puxei para mais perto para beijá-la.

– Eu não quero destruir você – sussurrou ela.

– Perder você seria a única coisa capaz de me destruir.

Ela fechou os olhos com força.

– Mas e se eu enlouquecer?

Eu precisava fazê-la entender que eu não iria deixar isso acontecer. Ela não era a mãe dela, caramba.

– Você não vai enlouquecer. Eu não vou deixar.

Della fungou e balançou a cabeça de um lado para outro.

– Você não pode controlar isso.

Sim, eu poderia controlar. Eu encontraria uma porra de um jeito de controlar.

– Você é minha. Está me ouvindo? Você é minha, Della Sloane. Eu vou cuidar de você. Nada vai tirar você de mim. Nada.

DELLA

Passei o resto do dia enroscada no colo de Woods na varanda da frente, olhando para o mar. Não conversamos muito. Apenas ficamos abraçados. Fiz um grande esforço para me permitir acreditar e ele me tranquilizava dizendo alguma coisa de vez em quando.

Acertei o despertador porque no dia seguinte eu trabalharia durante o turno da manhã. Eu não ia perder mais um dia de trabalho porque Woods achava que precisava me dar colo. Eu era uma moça crescida e sabia lidar com as coisas. Ele me deu uma carona para o clube e me beijou diversas vezes antes de me deixar ir. Ele estava com trabalho atrasado e me prometeu que ficaria no escritório em vez de ficar em volta de mim.

Precisei pedir muito, mas Woods acabou concordando. Entrei na cozinha e encontrei uma loira maravilhosa grávida conversando com Jimmy. Ele estava acariciando a barriga dela e falando com o bebê. Ela ergueu os olhos para mim e os seus lábios se abriram em um sorriso sincero. Fiquei imediatamente curiosa.

– Olá – cumprimentou ela e a sua voz me fez pensar em mel.

Era uma voz suave e tinha um leve sotaque sulista. Mas eu não soube dizer ao certo de que parte do sul. Não pude deixar de notar o imenso diamante na sua mão. Devia ser membro do clube. Mas por que estava ali na cozinha com Jimmy?

– Olá – respondi.

Jimmy olhou de novo para mim e sorriu.

– Que bom que você está de volta, menina. Ontem foi uma merda sem você.

Sorri de volta, mas o meu interesse se voltou imediatamente para a loira.

– Della, esta é Blaire. Ela é a minha namorada que fugiu e me trocou por outro homem. Não dá para culpá-la, porque o sujeito é muito gostoso. Blaire, esta é a Della. Ela pode ou não estar pegando o chefe.

– Jimmy! – nós duas dissemos ao mesmo tempo.

Não podia acreditar que ele tinha dito aquilo. Eu não sabia quem era essa Blaire.

– O Woods, certo? – perguntou Blaire com um sorriso malicioso.

Gostei dela.

– Claro que é o Woods. A garota tem bom gosto. Não vai pegar o velho.

– Quer parar de dizer “pegar”? – Podia sentir meu rosto queimando.

– O Jimmy não devia ter me contado isso, mas, já que contou, posso dizer que o Woods é um grande cara. Se você está realmente... hum... *pegando* ele, escolheu um dos bons.

Não podia acreditar que estávamos falando sobre isso. Forcei um sorriso.

– Obrigada.

A loira deu um grande sorriso para mim, como se estivesse realmente feliz por saber que eu talvez estivesse ficando com Woods. Eles eram amigos? Quase senti ciúme, até me lembrar da barriga imensa e do diamante enorme. Ela era comprometida. Muito comprometida.

– Se eu não tiver o bebê esta semana, a gente pode almoçar juntas.

Olhei para a barriga e então para o rosto dela. Ela provavelmente daria à luz a qualquer minuto. Era muito pequena, exceto pela bola de basquete na barriga.

– Está bem. Parece uma boa – respondi.

– Della Sloane – disse uma voz dura e eu me virei e dei de cara com um policial parado na entrada da cozinha.

– Sim, senhor – respondi.

A última vez que um policial foi me procurar, a coisa não terminara bem. O medo que acompanhou essa lembrança me paralisou. Eu não gostava de policiais.

– Você precisa me acompanhar, Srta. Sloane – disse ele, segurando a porta para que eu saísse.

Pude sentir todos os olhares da cozinha em cima de mim. Queria me esconder deles, mas não conseguia me mexer.

– Srta. Sloane, se a senhorita não vier voluntariamente, precisarei contrariar o desejo do Sr. Kerrington e prendê-la aqui mesmo, nas instalações do clube.

Prender? Senti o coração disparar diante da lembrança das algemas se fechando ao redor dos meus pulsos enquanto o policial lia os meus direitos. Eu precisava lutar contra isso. Não era hora de apagar. Eu não podia ter um ataque naquele momento. Precisava manter o controle.

– Por que você a está prendendo? Tenho certeza de que Woods não está sabendo disso – disse Jimmy furioso, se pondo entre mim e o policial.

– O Sr. Kerrington sabe. Foi ele quem me mandou aqui para acompanhar a Srta. Della Sloane para fora do prédio e prendê-la assim que chegássemos ao estacionamento. No entanto, se ela não vier voluntariamente, eu prenderei a ela e a qualquer um que se coloque no meu caminho.

Ele ia prender Jimmy por tentar me ajudar. Eu tinha que ir. Não acreditava que Woods soubesse disso. Alguma coisa estava errada e Woods iria me encontrar. Eu não ia ter um ataque de pânico por causa disso. Não ia.

– Está tudo bem, Jimmy – disse, saindo de trás dele e indo em direção à porta.

Não olhei para ninguém enquanto saía e me concentrei em seguir o policial. Fiquei tentada a gritar por Woods, mas não o fiz. Não consegui mexer a minha boca. Estava paralisando lentamente.

Assim que cheguei perto do carro de polícia, o policial me empurrou e eu tropecei. Evitei o tombo me segurando na frente do carro. Ele começou a me dizer

que eu tinha o direito de permanecer calada. Tentei não prestar atenção nas algemas de metal sendo fechadas nos meus pulsos. Se pensasse demais nisso, acabaria perdendo a cabeça.

O policial abriu a porta de trás, pôs a mão no meu ombro e me empurrou para dentro do carro. Queria dizer para ele parar de me machucar, que eu iria voluntariamente, mas não consegui. As palavras não saíam. Eu havia me esquecido de como usá-las. O terror estava começando a assumir o controle.

Eu queria o Woods. Estava com medo. Lágrimas começaram a correr lentamente pelo meu rosto e eu me concentrei em Woods. No rosto dele quando me acordou com um beijo. Eu o amava. Eu não tinha dito a ele que o amava. Precisava dizer.

O carro parou na frente da casa de Woods. Fiquei aliviada. Eu não ia para a cadeia. Não sabia por que estava ali, mas o alívio afastou os outros pensamentos.

Havia dois sedãs Mercedes pretos parados na entrada de carros. A porta do lado do motorista do primeiro carro se abriu e o pai de Woods saiu. Havia alguma coisa errada. Por que ele estava ali e por que mandou me prenderem?

O policial abriu a minha porta e, como eu não me mexi, me arrancou do carro. Eu tropecei no piso de pedras e consegui me equilibrar antes de cair.

– Obrigado, Josiah, por me ajudar a lidar com essa questão delicada – disse o pai de Woods ao policial, que soltou o meu braço e assentiu com a cabeça, atirando um molho de chaves ao Sr. Kerrington antes de passar atrás de mim e entrar no seu carro.

Ficamos parados em silêncio enquanto o policial ia embora, comigo ainda algemada.

– Olá de novo, Srta. Sloane. Espero que desta vez você consiga manter-se coerente por tempo suficiente para que eu possa explicar exatamente o que está prestes a acontecer – disse ele, dando um passo na minha direção. – Depois do nosso último encontro, em que você desmaiou na minha frente, pesquisei o seu passado. Descobri que o meu filho está jogando fora um futuro promissor por uma mulher que sofre de problemas mentais. Ou que pelo menos sofrerá muito em breve. Aparentemente, é de família. Você já está dando sinais de instabilidade. Deveria ir ao psiquiatra três vezes por semana, mas fugiu sem dizer nada seis meses atrás. Você esteve na cadeia pelo assassinato da sua mãe, pelo qual foi declarada inocente porque teve um álibi confirmado. No entanto, o passado de loucura está presente. Não posso permitir que o herdeiro do nome Kerrington desperdice a vida com alguém como você. Você não é boa o bastante para o meu filho.

Ele mostrou uma pulseira de diamantes.

– E para garantir que nunca mais colocará os pés em Rosemary, tenho provas de que roubou esta pulseira de uma cliente. Ela a deixou cair durante um jantar em nosso restaurante e você a trouxe para cá e a escondeu na sua mala. Ela está

disposta a perdoá-la e não dar queixa se você for embora da cidade. O policial que a trouxe até mim tem isso registrado e vai prendê-la se você não deixar a cidade imediatamente.

Ele apontou para o outro sedã Mercedes preto parado na entrada de carros.

– As suas malas estão ali dentro. Tenho certeza de que você entrará espontaneamente no carro e permitirá que ele a deixe em algum lugar longe daqui. Não importa onde. Apenas vá.

Fiquei parada considerando as minhas alternativas. Estava sem meu celular. Não sabia nem onde ele estava. Eu o havia deixado em casa naquela manhã. Ainda estava algemada e provavelmente acabaria indo para a cadeia por causa de uma armação contra mim. Onde Woods estaria?

– Se ama o meu filho, e acredito que o ama nesse seu cérebro instável, você o deixará em paz. Deixe-o em paz. Ele não precisa nem disso nem de você. Ele precisa de alguém que possa lhe dar filhos saudáveis. Alguém de quem ele não precise cuidar. Você não quer isso para ele?

Eu queria. Queria tudo isso para ele. Assenti.

– Ótimo. Então entre no carro e vá embora, Srta. Sloane.

Olhei para a casa do homem que eu amava e uma lágrima rolou no meu rosto. Era a coisa certa a fazer. Estava na hora de partir.

– Posso pedir uma coisa? Por favor, diga a ele que eu fui embora porque era o melhor para ele. Não porque eu não o amava. Eu o amo. Quero que ele seja feliz e que tenha o melhor na vida. Sei que não sou o melhor.

O Sr. Kerrington não respondeu. Apenas ficou parado segurando a porta do carro, esperando que eu entrasse.

– Por favor, eu não quero que ele pense que eu não o amava. Ele não merece isso – implorei.

– Woods não vai se importar com o fato de você ter ido embora. Pare de se enganar, garota. Você não passa de uma distração para ele.

Eu sabia no fundo do meu coração que isso não era verdade, mas as minhas emoções não suportariam mais um golpe. Eu estava perto demais de sair do ar. Tentei engolir o nó na garganta.

– Tudo bem, mas e o meu carro? – perguntei, caminhando na direção do sedã com as mãos ainda presas às costas.

– Ele vai chegar até você. Mas agora você vai embora. Precisamos garantir que você não roubou mais nada antes de liberá-lo. Vou deixar a chave das algemas com Leo, o motorista. Quando chegar ao seu destino, ele irá soltá-la. Para segurança dele, é claro.

Não respondi. Apenas entrei no carro. Quando a porta se fechou, apoiei a cabeça na janela, sem conseguir me recostar por causa das mãos algemadas. Vi Rosemary

desaparecer ao longe enquanto o motorista me levava para fora da cidadezinha.

– Para onde, moça? – perguntou Leo do banco da frente.

– Macon, na Geórgia – respondi.

Estava na hora de ir para casa.

WOODS

Minha mãe ligou e disse que o meu pai queria se encontrar comigo. Como já estava pronto para esse confronto, fui vê-lo. Só que ele não estava em casa. Minha mãe disse para eu me sentar e me preparou um café da manhã enquanto esperávamos por ele. Depois de duas horas ouvindo as preocupações da minha mãe quanto a meu futuro e sobre os desejos do meu avô, eu me levantei. Não ia ficar mais. Della iria se liberar do segundo turno em breve e eu precisava estar lá quando isso acontecesse. Não tinha mais tempo a perder.

Meu celular vibrou pela quinta vez seguida. Olhei e vi o número de Blaire na tela. Não falava com ela desde que deixara Rosemary com o noivo e agora não era um bom momento. Tinha outras merdas para resolver. Ligaria para ela mais tarde. Desliguei o telefone e o enfiei de volta no bolso.

– Ele vai levar só mais alguns minutos, querido. Dê um tempo a ele. Ele é um homem ocupado – disse a minha mãe, no momento em que ouvi uma das duas portas pesadas da frente se abrir e o barulho dos sapatos sociais do meu pai no piso de mármore.

– Ele chegou – disse ela, alegremente.

O alívio no seu rosto era evidente. Ela estava ficando cansada de me entreter. O sentimento era mútuo.

– Desculpe o atraso. Tive que resolver um problema. Questões que você deixou passar com a equipe. Mas já tratei do assunto. Precisamos discutir o seu futuro e decidir o que exatamente você quer fazer da vida. Entendo que não envolva a Angelina. Estou pronto para aceitar isso. Mas nós precisamos conversar.

Eu não sabia ao certo se confiava na sua aceitação tranquila da minha recusa em me casar com Angelina. Ele vinha empurrando esse casamento goela abaixo desde os meus 10 anos. Olhei para a minha mãe, que estava me dando um sorriso falso enquanto contorcia as mãos nervosamente no colo. Alguma coisa estava acontecendo. Eles deviam ter outra noiva de reserva. Esse era o único motivo pelo qual ele nem sequer teria considerado outra coisa.

– Podemos falar de negócios no meu escritório e deixar a sua mãe relaxar e aproveitar o resto do dia?

Segui meu pai pelo corredor a caminho do escritório. Eu tinha exatamente trinta minutos antes de Della sair do trabalho. Podia dar vinte minutos a ele e cairia fora. Ele precisava falar rápido.

– Charuto? – perguntou ao parar diante do umidor que a mamãe lhe deu de presente de casamento.

Desde então, ele construíra uma sala para a sua grande coleção de charutos, mas mantinha alguns ali por conveniência.

– Não – respondi e fiquei parado ao lado da janela em vez de me sentar diante dele, como se fosse uma criança precisando de orientação.

– Muito bem. Eu também não quero. Vou esperar para aproveitar um esta noite. O Douglas Mortimar virá jantar aqui. Espero que você se junte a nós.

Douglas Mortimar era um dos maiores investidores do clube. Um buraco do campo de golfe era dedicado a ele. Eu nunca era convidado para essas reuniões.

– Por quê? – perguntei, ainda sem poder confiar nele.

Não me lembrava de Mortimar ter uma filha. Se não estava enganado, ele tinha um filho que era muito mais velho do que eu e que passava os verões com a família.

– Você quer uma participação maior nos negócios e eu estou oferecendo isso a você.

Esta não era a resposta correta.

– Vá direto ao ponto. O que você vai cobrar de mim? Sei que Angelina contou sobre a Della. Não sou burro para acreditar que ela guardou a informação para ela. Ela é uma vaca vingativa. Este, por sinal, é um dos motivos pelos quais eu não quero ficar preso a ela pelo resto da vida. Então, você já sabe sobre a Della. Vamos tratar disso primeiro, já que ela foi a verdadeira motivação deste encontro.

Meu pai tencionou o maxilar e eu percebi que havia destruído a armadilha que ele preparara cuidadosamente. Essa reunião tinha sido marcada para me atrair e me mostrar tudo o que eu poderia ter. Então, ele iria me atingir com um ultimato envolvendo Della. Ele precisava compreender que nada vinha antes dela. Que se ele não podia aceitá-la, eu iria embora. O country club Kerrington podia ser deixado para algum parente distante ou, quem sabe, até mesmo para o filho de Mortimar, já que o papai o amava tanto.

– Eu sei do seu casinho. Eu inclusive conheci a moça. Ela não é o tipo de pessoa que se poderia chamar de mentalmente estável.

O que ele queria dizer com “conheci a moça”? Quando? Atravessei a sala e espalmei as mãos na mesa atrás da qual ele estava e olhei furioso para os seus olhos calculistas.

– O que isso quer dizer?

Meu pai não se abalou e me devolveu um olhar irado.

– Quer dizer exatamente o que eu disse. Ela não está bem da cabeça e você sabe disso. No entanto, pesquisei um pouco e o lance é muito mais profundo do que acho que você sabe ou compreende.

Ele estava calmo demais. Havia alguma coisa errada.

– Quando você a conheceu?

– Eu fui à sua casa ontem de manhã. Ela estava sozinha. Mal falei qualquer coisa

e ela ficou completamente catatônica. Ela não respondia. Ficou sentada na minha frente, olhando para o nada. Você é um homem inteligente, meu filho. Acha realmente que tem um futuro com essa garota?

Ontem. Eu havia voltado para casa e ela estava no chão. Porra.

– Você a deixou lá no chão daquele jeito? Não pensou em ligar para mim?

Meu pai deu de ombros.

– Eu não ia tocar nela. Ela podia se voltar contra mim como fez com a própria mãe. Fui embora. E fiz uma pesquisa.

Ele a havia deixado daquele jeito. Fui tomado pelo ódio enquanto olhava para aquele homem que eu nem sequer conhecia. Ele tinha me criado, mas eu não o conhecia.

– Ela contou para você que a polícia a encontrou com as mãos cobertas de sangue? Ela estava sentada ao lado do corpo inerte da mãe se balançando para a frente e para trás, completamente impassível. Sangue nas mãos, Woods. A vizinha disse à polícia que havia passado a noite toda com ela. Aparentemente, foi ela quem ligou para a polícia.

Senti o meu estômago revirar. Della encontrou a mãe morta. Puta merda. Ela não tinha me contado isso. Também não havia me contado que fora considerada suspeita da morte da mãe ou como ela morreria. Havia muita coisa que eu não sabia.

– Eu não sabia que ela havia encontrado a mãe morta. Merda.

Cambaleei para trás e afundei na cadeira perto de mim. Não era de admirar que ela fosse confusa. Ela vivia com uma mulher louca, afastada do mundo. Então, quando criou coragem o suficiente para fugir, voltou para casa e encontrou a mãe morta. Sangue nas mãos. Puta que pariu. Eu precisava ir embora. Precisava abraçá-la. Ela podia estar bem, mas eu não estava. Quanta coisa ela precisou enfrentar em tão pouco tempo?

– Eu preciso ir – disse, me levantando e seguindo em direção à porta.

– Como pai, eu preciso tomar decisões para o seu bem. Lembre-se disso quando pensar que eu estou controlando a sua vida. Estou ajudando você a se tornar o Kerrington que foi criado para ser.

Não olhei para ele. Não me importava o que ele queria ou achava que eu deveria ser. A imagem do meu avô observando a minha avó com tanto amor nos olhos me veio à mente. Ele dizia que não conseguia imaginar um mundo sem ela. Eu compreendia isso agora. Eu não era filho do meu pai. Eu era filho do pai dele. A visão sórdida, distorcida e insensível que o meu pai tinha da vida não era algo que eu herdara. Eles eram o motivo pelo qual eu iria encontrar felicidade na vida. Meu avô me ensinou o que eu devia procurar.

DELLA

Quando Leo parou na entrada de carros da casa de Braden, meus pulsos estavam em carne viva e eu estava com tanta vontade de fazer xixi que minha barriga doía.

– Chegamos – disse cerrando os dentes por causa da dor.

Eu não disse nada enquanto ele soltava as algemas das minhas costas. Tive vontade de chorar de alívio ao sentir as mãos soltas ao lado do meu corpo.

Ele então abriu o porta-malas e pôs a minha bagagem no chão. Com um pequeno aceno de cabeça, entrou no carro e foi embora. Fui pegar as malas e senti uma dor intensa nos braços. Decidi que as malas poderiam ficar ali fora por ora.

Fui até a porta e olhei para a casa que tinha ajudado Braden a decorar antes de se casar. Seu marido a havia comprado quatro meses antes da cerimônia para que ela pudesse arrumá-la a tempo dos dois se mudarem. Foi romântico. Parada em frente à casa, desejei que algum dia um homem me amasse tanto.

Eu não era feita para ser amada desse jeito. Não poderia ser. Desejar aquilo era egoísta da minha parte. Levantei a mão, apertei a campainha e fiquei esperando.

Quando a porta se abriu, não foi Braden quem apareceu. Eu estava esperando que ela aparecesse para poder me atirar nos seus braços e chorar. Em vez disso, quem surgiu foi Kent, seu marido.

– Della? – perguntou ele, arregalando os olhos, surpreso.

– Oi, Kent – disse, com a voz engasgada. Eu ia fazer xixi nas calças. – Posso usar o banheiro?

Ele deu um passo para trás e me deixou entrar.

– Hã, é claro. Você sabe onde fica.

Passei por ele e decidi dar um tempo para organizar as minhas emoções depois de me aliviar.

Fiquei parada diante do espelho e encarei meus olhos inchados e vermelhos. Eu estava patética. Lavei os pulsos com água e sabão e sequei. A pele sensibilizada ardeu, mas pelo menos agora estava limpa.

Voltei para a entrada da casa e vi Kent trazendo minhas duas malas. Seu olhar encontrou o meu e a solidariedade e a preocupação em seus olhos só fez com que eu me sentisse ainda mais patética.

– Obrigada. Infelizmente, não estou com o carro. Não o trouxe comigo. Mas vou dar um jeito de trazê-lo.

Kent pôs as minhas malas no chão e fez um sinal com a cabeça na direção da cozinha.

– Vamos lá. Vamos pegar alguma coisa para você beber e comer, se estiver com

fome. Liguei para a Braden. Ela está vindo do trabalho.

Olhei para o relógio. Ainda eram três horas. Braden devia estar na escola. Ela era professora do terceiro ano. Sentei em um dos bancos altos que Braden e eu havíamos encontrado um valor absurdo de tão caro. Mas ela os adorou e Kent nunca dizia não.

– Sei que não sou a Braden. Mas você pode falar comigo, se precisar – disse Kent enquanto preparava chá gelado para mim.

Nem perguntou o que eu queria. Ele já sabia.

Eu tinha vindo no pacote da Braden. Kent a amava e aceitava o fato de ela ser tão dedicada a mim. Um dia, disse que era um dos motivos pelos quais ele a amava.

– Eu prefiro contar uma vez só. Não sei se consigo contar duas – disse quando ele pôs o copo na minha frente. Sabia que ele compreenderia.

Ele vira meus transes mais de uma vez. Não sei se conhecia todos os detalhes. Antes eu achava que ela não contaria a ninguém, mas agora que sabia como era amar e querer dividir tudo com outra pessoa... pensava diferente. E não me importava com isso. Se ela tivesse contado a ele, a história era dela também. Braden tinha todo direito de fazer isso.

– Se tiver alguém em quem eu precise dar uma surra, basta dizer.

O fato de Kent estar tão preocupado comigo me tranquilizou. Eu não sabia para onde iria agora, mas precisava de uma semana ou mais antes de retomar a minha vida. Não estava pronta para ficar sozinha. Ainda não.

A porta da frente se abriu e ouvi os saltos de Braden batendo no piso.

– Della! – ela chamou e eu me levantei.

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu precisava vê-la.

– Na cozinha, Bray – respondeu Kent.

Braden entrou correndo na cozinha e eu solucei quando a vi. Ela me abraçou forte e eu me agarrei a ela. Ela havia me dito para viajar para que eu pudesse me encontrar, mas eu encontrei muito mais do que isso. Eu queria ser capaz de dizer a ela que não era apenas coração partido. Eu juntei lembranças de uma vida inteira que não trocaria por nada no mundo. Mas, naquele momento, só precisava que ela me abraçasse enquanto nós duas chorávamos.

Ela nem sequer sabia por que eu estava chorando. Apenas me abraçou e chorou. Eu sentira muita saudade dela. Fui ao lugar certo. Ali era o meu lar. Mesmo com as lembranças que me assombravam, eu pertencia àquele lugar. Braden era o meu lar. Ela era tudo o que eu tinha.

– Por que não vamos para a sala e vocês duas podem ficar sentadas no sofá chorando tudo o que quiserem? – perguntou Kent em um tom de voz gentil.

Braden concordou, mas não me soltou. Fungamos e soluçamos mais um pouco antes de nos afastarmos o bastante para olharmos uma para a outra.

- Você está bem? – perguntou ela.
 - Não sei. Estou perdida e confusa.
- Braden segurou a minha mão.

Eu não estava pronta para conversar, mas os dois mereciam uma explicação. Eu precisava contar a eles exatamente o que tinha acontecido em Rosemary. E talvez eles pudessem me ajudar a descobrir o que eu faria com a minha vida agora. Minhas viagens haviam acabado. Eu precisava viver a minha vida ali. Onde eu conhecia o que me cercava e não machucaria mais ninguém.



Comecei explicando o que aconteceu no posto perto de Rosemary e como acabei voltando para a cidade por causa do Tripp. Então contei a eles como entreguei o meu coração a Woods e como faria tudo de novo.

No fim da história, Braden estava secando os olhos de novo.

– Eu odeio aquele homem. Quero esganá-lo. Como ele pôde fazer isso com você? E o Woods sabe?

Fiz que não com a cabeça e parei. Eu não sabia se o Woods sabia ou não. Será que ele achava que eu apenas o havia deixado? Isso importava?

– Isso não importa. Eu não posso ficar com ele. Você sabe disso melhor do que ninguém. O que vai acontecer quando eu pirar e enlouquecer? Não quero que Woods me ame e acabe com uma casca de mulher, da forma como eu fiquei com a minha mãe. Ele tem toda uma vida pela qual batalhou muito pela frente. Eu não posso ser a pessoa de quem ele precisa. Estou tentando ser a pessoa de quem eu preciso. Não sou o que nenhum homem precisa, Braden. Você sabe disso.

WOODS

O turno do almoço tinha terminado havia dez minutos. Eu não estava muito atrasado. Estacionei a caminhonete e entrei no clube. Seis horas sem ver Della era tempo demais. Não iria mais designá-la para dois turnos seguidos. Mesmo que ela implorasse. Abri violentamente as portas da cozinha e todo mundo parou. Em geral, minha entrada não chamava tanta atenção. Todos estavam acostumados comigo entrando e saindo. Jimmy estava batendo o ponto. Olhou furioso para mim e entortou a cabeça.

– Só agora você aparece para resolver a falta de gente que tivemos por aqui? Manda prender a melhor assistente que eu tive desde que a Blaire trabalhou aqui e não dá nenhuma explicação!

Mandar prender a assistente dele? Que assistente?

– Do que você está falando? – perguntei, olhando ao redor à procura de Della. Talvez ela pudesse me explicar a explosão de Jimmy.

– Ah, sei lá, Woods. Talvez do fato de um policial aparecer para prender a Della e deixá-la em pânico? Você permite que a levem e não se preocupa com o fato de que ela estava designada para trabalhar dois turnos hoje.

Agarrei a primeira coisa ao meu alcance, que era a camisa de Jimmy.

– O que foi que você falou sobre Della e a polícia? Para de tagarelar e explique essa porra toda.

Senti o sangue subindo à minha cabeça e as têmporas latejando. Eu sabia que havia alguma coisa errada, mas nada do que o Jimmy tinha dito fazia qualquer sentido.

– A polícia veio e levou a Della logo depois que ela chegou aqui hoje de manhã. Você não sabia? O policial disse que o Sr. Kerrington a queria fora do prédio antes de ela ser algemada. Ela estava assustada, cara. Assustada de verdade.

Soltei a camisa de Jimmy e ele cambaleou para trás. Aquele filho da puta controlador e egoísta mandou prender a minha Della. Ela estava assustada. Ia precisar de mim e eu não estava por perto.

– PORRA! – rugi, saí em disparada da cozinha e comecei a correr.

Precisava encontrá-la.

– Foi o Josiah Burton quem a prendeu – gritou Jimmy atrás de mim.

Iria atrás do Burton primeiro. Tínhamos sido colegas de escola do Josiah e não seria a primeira vez que eu daria uma surra nele. Seria, no entanto, a primeira vez que eu seria indiciado por atacar um policial.

– Se ficar sabendo de alguma coisa, me liga – respondi, abrindo a porta do prédio

para ir até a delegacia falar com o infeliz do policial da cidade que poderia comprar. Iria ver o meu pai depois. Não seria tão fácil assim ameaçá-lo.



Não me apresentei no balcão de recepção quando cheguei à delegacia.

– O senhor precisa se apresentar, Sr. Kerrington! – gritou Margaret Fritz quando passei correndo por ela sem dizer nada.

O xerife substituto Josiah Burton estava na sala quando entrei sem bater e fechei a porta em um estrondo atrás de mim. Tranquei à chave, para o caso de eu precisar de tempo para matá-lo. Olhei furioso para o homem que eu sabia que havia sido pago para fazer a vontade do meu pai.

– É melhor você começar a falar, seu filho da puta de merda, ou a última coisa que eu vou fazer antes de me prenderem é arrancar a sua cabeça.

Josiah saltou da cadeira atrás da mesa, revirando os olhos de surpresa.

– Eu só fiz o que o seu pai me mandou fazer. Já resolvi tudo. A papelada está feita e arquivada. Ela não pode voltar à cidade. Garanti isso. Acalme-se. Está feito. Não há motivo para ficar tão furioso.

Ele achou que eu soubesse o que estava acontecendo. Contive a necessidade furiosa de arrancar a cabeça dele e o encarei, decidindo como exatamente devia tratar da questão. Eu precisava de mais informações.

– A que horas você a prendeu?

– Eu não a prendi. Como o seu pai me disse para fazer, eu apenas a algemei e a pus no banco de trás da viatura. Assustei-a um pouco. E então a levei até ele.

Meu peito estava prestes a explodir. Eles a haviam assustado de propósito. Meu pai ia pagar por isso. Pagaria dez vezes por cada minuto.

– Onde estava o meu pai? Para onde você a levou?

Josiah franziu a testa.

– Para a sua casa.

Ele a havia levado para a minha casa.

– Ela ainda está lá?

– Não, cara. Eu já disse que fiz toda a papelada. Ela foi orientada a não voltar mais, senão eu a prenderia, e então foi despachada para onde quer que ela dissesse para Leo levá-la.

– Por que ela não pode voltar? – perguntei, cerrando os punhos.

Josiah começou a responder, mas parou. Ele me examinou por um instante.

– Você não sabia... Ele fez isso e você não sabia. Puta merda – disse ele, sentando de novo na cadeira. – Ah, cara, Woods. Achei que você soubesse. Eu achei que ela fosse louca e que você estivesse com medo do que ela poderia fazer. Eu me livrei dela por você. O seu pai me disse que ela era perigosa. Que era louca. Eu inclusive

fui um pouco bruto com ela. Eu não sabia... Por favor, me diga que aquela garota não bate bem da cabeça e que eu fiz uma coisa boa.

Fechei os olhos, tentando não pensar na parte em que ele disse que havia sido um pouco bruto com ela. Eu precisava bater em alguém.

– O que você fez com ela? – perguntei lentamente, em voz baixa.

– Dei uns puxões desnecessários no seu braço e apertei as algemas um pouco demais.

Agarrei a parte da frente do uniforme dele e o levantei da cadeira.

– Mesmo que ela fosse louca, ela é uma mulher. Nenhuma mulher precisa ser tratada assim. Nunca. – Respirei fundo. – Ela é a mulher que eu amo. A mulher que o fodido doente do meu pai não quer que eu ame.

Eu o atirei de volta na cadeira, que deslizou para trás até bater na parede. Não pedi desculpas nem esperei para ver se eu teria que enfrentar alguma denúncia por desacato. Abri a porta com toda força e voltei para a caminhonete, ignorando as perguntas que me faziam no caminho.

Leo. Eu precisava encontrar a porra do Leo.



Leo não estava na cidade. Meus pais pegaram um avião para Nova York depois de eu sair da casa deles mais cedo. O jantar com Mortimar era uma mentira. Ele estava armando contra mim. Ninguém sabia de nada. Fiquei parado na varanda olhando para o mar e liguei para o celular de Della pela centésima vez, apenas para ouvir a mensagem do correio de voz: “É a Della. Não posso atender agora, mas deixe uma mensagem que eu entrarei em contato.”

Biiiipe.

– Sou eu de novo. Você foi embora. Eu não estava por perto e machucaram você. Meu Deus, gata, eu imagino como você deve ter ficado assustada. Só preciso encontrar você. Onde quer que esteja. Preciso encontrar você, Della. Liga para mim e diga se está bem.

Biiiipe.

Larguei o celular em cima da mesa e agarrei o copo diante de mim. Ela teria que dormir sem mim esta noite. Seus pesadelos iriam voltar e eu não estaria ao seu lado. Será que alguém estaria com ela? Será que ela estava sozinha?

DELLA

Meu celular tinha sumido. Ao terminar de desfazer as duas malas, descobri que o aparelho não estava lá. Woods não poderia me ligar. Talvez fosse melhor assim. Dizer que eu não era boa para ele não havia funcionado antes. O pai dele estava me forçando a provar a verdade. Eu não valia a pena.

A ideia de que o próprio pai mentira para Woods para fazê-lo acreditar que eu fora embora voluntariamente ou que eu havia roubado alguma coisa doía. Eu não queria que ele pensasse que eu era capaz de fazer qualquer uma dessas coisas. Eu não tinha conseguido voltar a dormir depois de acordar Braden e Kent gritando. Fiquei acordada pensando no que devia fazer. Para onde precisava ir. Como deveria viver a minha vida. Será que voltaria a ver Woods algum dia? Isso me impediu de voltar a dormir e deixar outro pesadelo me assombrar. Estava tudo muito fresco naquele momento.

Uma batida de leve na porta interrompeu os meus pensamentos. Braden abriu a porta e entrou, trazendo uma xícara de café.

- Achei que você devia estar acordada – disse ela, sorrindo ao me dar a xícara.
- Obrigada – disse, aceitando o café. Depois de um longo gole, olhei para Braden.
- Sinto muito por ontem à noite.

Braden franziu a testa.

– Você não tem por que sentir muito. Eu sinto muito por não conseguir fazer esses pesadelos desaparecerem. Sinto muito que você tenha encontrado alguém para amar, mas não tenha dado certo. Sinto muito por toda a merda que aconteceu com você. Mas você não fez nada de que precise se desculpar, Della Sloane. Jamais.

O fato de Braden existir era minha salvação. Ninguém se importou comigo antes dela. De alguma forma, eu conquistei a lealdade dessa pessoa de coração imenso a quem eu jamais conseguiria agradecer o suficiente.

– Você acha que eu vou acabar como a minha mãe? – perguntei, porque era o meu maior medo. Principalmente agora.

– Não. Não acho. Acho que a sua mãe sofreu um trauma quando tinha uma filha recém-nascida e isso se misturou à depressão pós-parto que ela estava enfrentando na época. Lembre-se de que isso foi encontrado nos registros dela. Sua mãe já tinha problemas antes de perder o marido e o filho de um modo muito trágico. Não havia ninguém para apoiá-la. Nenhuma família. Nada. Ela tinha apenas uma bebezinha e, sim, ela pirou. A maioria dos seres humanos piraria no lugar dela. Se houvesse uma família para cuidar dela e ver que ela estava saindo do controle, eu acredito que teria melhorado. Sua vida teria sido muito diferente. Mas as coisas não aconteceram

desse jeito. Ela estava sozinha e se perdeu. Isso não vai acontecer com você. Porque você tem a mim e eu nunca vou deixar você sozinha. Você tem uma família.

Eu queria acreditar nela. Queria que houvesse um motivo pelo qual a minha mãe não havia conseguido voltar para mim. Que não tinha sido algo simplesmente inevitável.

– E a minha avó? Ela estava em um hospício – lembrei a ela. Esse fato me assombrava.

– Você ao menos sabe por quê? Você já pesquisou isso? Você não sabe por que e nem sabe se é verdade. A sua mãe contou essa história e ela não estava bem da cabeça, Della. Eu acho que você viveu acreditando em certas coisas que não são verdadeiras. E elas apavoram você. Mas, sinceramente, Della, se você fosse perder a cabeça, querida, teria perdido quando nós encontramos a sua mãe com a lâmina de barbear na mão e os pulsos cortados. Você não perdeu a cabeça. Você conseguiu superar e foi corajosa o suficiente para aprender a viver. Você pode fazer isso, Della. Você pode viver uma vida feliz e plena. Uma vida que a sua mãe merecia, mas não pôde ter. Não deixe os seus medos a afastarem dessa vida. Por favor.

Eu queria isso. Eu queria viver. Pelo pai e pelo irmão que eu não tinha conhecido e pela minha mãe, que não pôde ter uma vida feliz. Eu queria viver por eles. E queria viver por mim.

– Por que você não liga para ele?

Não precisei perguntar a ela quem era “ele”. Eu sabia a quem ela estava se referindo. Ela queria que eu ligasse para Woods. Eu queria uma vida com ele. Eu o amava. Mas como eu poderia me colocar entre ele e o pai? O pai dele me odiava. Eu ficaria entre ele e a família. Se Woods me queria mais do que a vida que havia nascido para ter, ele me encontraria. Eu não iria confundi-lo ligando para ele. Ele precisava de tempo para decidir se valeria a pena perder a família para me ter.

– Acho que vou esperar. Ele sabe de onde eu sou e sabe o seu nome. Se ele realmente quiser me encontrar, não será difícil. Tem muita coisa em jogo para ele. Não sei se eu valho isso tudo.

Braden pôs o braço sobre os meus ombros e apoiou a cabeça na minha.

– Quantas vezes eu preciso dizer que você é especial? Qualquer um que a conheça e não queira saber quem você é e fazer parte da sua vida é burro. Eu vi isso quando era apenas uma menina.

Sorri.

– Não. Você achava que eu era uma vampira e queria ser a minha amiga para eu não comer você.

Braden riu.

– Bom, isso também. Mas logo descobri que você não era uma sugadora de sangue e continuei ao seu lado.

Ficamos sentadas em silêncio durante alguns minutos, perdidas nas nossas lembranças.

– Tirei folga do trabalho hoje. Vamos fazer compras – disse Braden, quebrando o silêncio.

– Tudo bem. Parece uma boa.

Qualquer coisa para me tirar de dentro de casa e tirar a minha cabeça de Rosemary... e de Woods.

WOODS

Fiquei acordado a noite toda. Mas me dei conta de algumas coisas. Se Della foi forçada a ir embora sem tempo de pensar a respeito, o único lugar para onde voltaria era Geórgia, para a casa da sua amiga Braden. Era a única pessoa com quem eu sabia que ela tinha ligação.

Telefonei para Josiah às seis da manhã e o obriguei a fazer uma busca por uma Braden, com cerca de 20 anos, em Macon, Geórgia. Era tudo o que eu sabia. Em dez minutos, ele tinha um nome, um telefone e um endereço. Braden Fredrick morava em Macon, na Geórgia, com o marido, Kent.

Liguei para o número que Josiah me dera e caiu duas vezes na caixa postal.

Liguei para Josiah de novo.

– Descubra para mim o número de Kent Fredrick. Ele precisa trabalhar em algum lugar. Deve haver um número comercial.

– Está bem. Um segundo, por favor – respondeu Josiah sem questionar. Ouvi o barulho de teclas. – Ah, aqui está. Ele é advogado. Fredrick & Fredrick. Parece que o pai dele é o outro Fredrick. O número é 478-555-5515.

Anotei o número.

– Obrigado – disse, desligando para digitar o novo número.

– Fredrick e Fredrick, advogados. Com quem deseja falar?

– Preciso falar com Kent Fredrick – respondi.

– Só um instante. Creio que a linha esteja ocupada. Aguarde, que eu vou transferir.

Fiquei esperando na linha ouvindo música clássica. Não conseguia ficar parado. Ficava andando de um lado para outro na varanda dos fundos. Estava perto.

– Kent Fredrick – disse uma voz masculina.

– Kent. Aqui é Woods Kerrington...

– Já estava na hora, Sr. Kerrington. Não gosto de ver a minha mulher chateada, e quando Della fica chateada, minha mulher também fica.

Ele sabia onde ela estava. Parei, quase com medo de ter esperança.

– Você sabe onde Della está?

– Sim, ela está na nossa casa. Chegou ontem em um estado deplorável. Seu pai precisa levar uma surra. E ainda estou me decidindo sobre você.

Ela estava lá. Comecei a me mexer. Atravessei a varanda e saí correndo quando cheguei na escada, em direção à minha caminhonete.

– Ela está bem? Está machucada?

Josiah podia ter me dado o número de Kent, mas, se a houvesse machucado, eu

não daria a mínima para o fato de ter me ajudado.

– Ela está com os pulsos em carne viva porque foi deixada algemada durante cinco horas a caminho daqui. Mas, além disso, só o coração. Ela está muito magoada. Mas Della sempre está um pouco magoada.

Della e magoada na mesma frase me deixava ansioso. Eu precisava encontrá-la.

– Estou a caminho. Não a deixe ir embora.

– Você está vindo buscá-la?

– Estou – respondi.

– Bom, não sei se concordo com a ideia de você levá-la para qualquer lugar perto daquele cretino do seu pai. Quem pode afirmar que ele não vai machucá-la de novo? Della não tem família. A Braden é a família dela. E quando me casei com Braden, Della veio no pacote. Sempre soube disso. As duas são muito próximas. Eu protejo o que é meu.

Agarrei o volante.

– Della é minha. Não se engane quanto a isso. Estarei aí em cinco horas. – Desliguei o telefone e pus o endereço dos Fredrick no GPS.



Depois de três horas de estrada, meu celular tocou e o nome do meu pai apareceu na tela. Pensei em deixar cair na caixa postal, mas mudei de ideia. Estava na hora de eu lidar com ele. Não iria levar Della de volta para Rosemary. Não poderia fazer isso. Ele não iria aceitá-la e eu não ia viver sem ela. Então, não havia um futuro para mim no country club Kerrington.

– O que foi? – perguntei, decidindo que ele não merecia uma saudação adequada.

Eu o deixaria falar e então diria o que havia decidido.

– Onde você está? Recebi uma ligação do clube dizendo que você não apareceu esta manhã. Estão com problemas de falta de pessoal no salão do restaurante e dois dos carrinhos não estão funcionando.

– Então resolva isso. O clube é seu. Eu não me importo com o que acontece lá. Você deu um jeito de me voltar completamente contra você quando mandou Della embora. Eles a machucaram, seu cretino. E agora você me perdeu. Eu não quero ter nada a ver com você, com a minha mãe que o ajudou a fazer essa merda toda ou com aquele clube. Você não pode me controlar. Não vou deixar que me controle. Estou dando o fora de tudo. Tenho o sangue do meu avô nas veias e posso fazer algo por mim mesmo. Não preciso de você. Nunca precisei.

Não esperei pela resposta dele. Encerrei a ligação e sorri para a estrada diante de mim. Estava indo buscar a única pessoa que me fazia querer viver e construir algo. Eu não seria o privilegiado mimado que fora criado para ser, mas seria uma pessoa cheia de amor. Até Della aparecer, isso era algo que eu não tinha na vida.

Meu celular começou a tocar de novo e o código de área de Macon, Geórgia, apareceu na tela, mas era um número diferente dos dois que eu tinha salvado no telefone.

– Alô?

– É o Woods Kerrington? – perguntou uma voz feminina.

– É, sim – respondi.

– Aqui quem fala é Braden Fredrick. Preciso fazer algumas perguntas antes de permitir que você invada novamente a vida de Della. Não estou tão convencida como o meu marido de que a sua vinda seja uma coisa boa.

Sorri ao ouvir o tom protetor da sua voz. Della tinha uma defensora e eu amei aquela mulher desconhecida apenas por querer mantê-la segura. Qualquer um que protegesse a minha Della tinha todo o meu respeito.

– Está bem. Pergunte o que você quiser saber – respondi.

Ela fez uma pausa.

– Por que você está vindo para cá?

– Porque eu não posso viver sem Della. Eu não quero. Ela é o motivo pelo qual acordo todas as manhãs.

Silêncio. Eu me perguntei se ela ia dizer mais alguma coisa. Esperei.

– Está bem. Boa resposta. Talvez eu goste de você. Você acha que a Della é louca ou pode vir a ficar louca?

– Não. Ela é brilhante e cheia de vida. Ela tem problemas para superar, mas vai melhorar. Eu pretendo ajudá-la e acredito que em breve ela não vai mais precisar lidar com essas coisas que a atormentam.

Ouvi um suspiro aliviado do outro lado.

– Última pergunta. Por que você ama Della?

Eu nem precisei pensar na resposta.

– Até Della entrar na minha vida, eu não entendia o que era amor, eu nunca havia me apaixonado e sentira muito pouco amor na minha vida. Mas eu vi o amor uma vez. Meus avós se amaram até o dia em que morreram. Eu achava que era algo que eu jamais poderia ter. Daí conheci Della. Ela me pegou de jeito e despertou emoções em mim que eu não sabia que existiam. Não há como fingir com ela. Ela não faz ideia de que é linda e completamente altruísta. Mas mesmo que não fosse nada disso, sua risada e a expressão dos seus olhos quando ela está realmente feliz são as únicas coisas que importam na vida.

Uma fungada baixinha do outro lado da linha me surpreendeu.

– Está bem. Venha buscá-la. Eu aprovo.

Sorri com o seu pequeno soluço.

– Estou quase chegando.

DELLA

Braden teve que ir a uma reunião na escola. Não falou nada até a hora do almoço. Saiu daqui rapidinho depois de receber uma ligação lembrando-a do compromisso. Pensei em tirar um cochilo ou pelo menos tentar. Também não sabia se ia conseguir dormir bem à noite. Detestava pensar que poderia acordar Braden e Kent com os meus gritos. Olhei para o relógio. Já fazia quase 24 horas que eu havia chegado. Nenhuma ligação do Woods. Ele era um homem inteligente e se quisesse saber se eu estava aqui, já teria feito isso a essa altura.

Isso me magoou. Queria que ele se importasse. Queria que ele me amasse o bastante.

A campainha tocou e eu paralisei na cozinha. Não sabia se devia atender a porta. Os dois não haviam falado nada sobre isso. Além do mais, era meio-dia e normalmente Braden e Kent estavam trabalhando nesse horário. Às vezes, Kent trabalhava de casa, como fizera no dia anterior, mas hoje não estava em casa. Não havia sequer um carro do lado de fora.

A campainha tocou de novo. Quem quer que fosse, não iria desistir. Fui até a entrada da casa. Daquele ponto, conseguiria ver quem era pelas janelas laterais. Fui até lá em silêncio e espiei.

Woods estava parado olhando ansiosamente para a porta com as mãos enfiadas nos bolsos. Ele estava aqui. Como ele estava aqui?

– Vamos lá, Della, eu sei que você está aí dentro. Por favor, abra a porta, gata – implorou, batendo na porta.

Ele estava aqui por mim. Eu me endireitei e segurei a maçaneta. Ele estava aqui. Ele queria me ver. Ele não ligou. Simplesmente veio atrás de mim. Comecei a abrir a porta e Woods entrou apressadamente na casa. Fixou os olhos em mim e me agarrou, me puxando para os seus braços.

– Eu estava ficando maluco... – sussurrou nos meus cabelos. – Não consegui dormir, não consegui comer. Eu sinto muito. Eu sinto muito. Eu juro que nunca vou perdoá-lo. Nunca. – Continuou me abraçando e me fazendo promessas.

Passei os braços pela cintura dele e deitei a cabeça em seu peito. Ele estava aqui. Era tudo o que me importava.

– Eu amo você, Della. Eu não posso perder você. Só você, Della. É tudo o que eu preciso. Só você. Nós vamos construir uma vida juntos. Uma nova vida. A nossa vida. Uma vida que possamos criar.

Ele estava abrindo mão da própria família e do clube. Eu podia permitir que fizesse isso?

– Eu não quero que você desista de tudo pelo que trabalhou – disse, encostada em seu peito.

– Eu desperdicei o meu tempo. Não posso viver uma vida em que outro homem controle cada movimento meu. Ele machucou você, Della. Ele assustou você, gata, e eu não posso esquecer isso. Nunca vou poder superar isso. Ele morreu para mim. Aquela vida está morta para mim. Eu só preciso de você.

Eu queria Woods.

Levantei o braço e passei a mão pelos cabelos dele e pela barba por fazer.

– Senti a sua falta.

– Eu estive no inferno desde que entrei naquela cozinha e me disseram que você tinha ido embora. Nunca mais. Eu juro.

Ele precisava ouvir tudo. Ele viera até aqui pronto para deixar sua antiga vida para trás e começar uma nova comigo. Ele precisava saber no que estava se metendo. Eu não havia sido completamente sincera com ele. Ele precisava saber sobre a minha mãe e sobre como eu a havia encontrado. E saber sobre a minha avó e sobre o fato de que eu poderia ter herdado a loucura da minha mãe.

– Você precisa saber de tudo primeiro. Sobre como a minha mãe morreu. E do fato de que eu posso acabar louca também. Não posso deixar você tomar essa decisão sem saber tudo o que precisa sobre mim. Todas essas coisas que eu mantive em segredo e nunca contei, preciso contar para você agora. Daí você pode decidir se eu valho a pena.

Woods roçou os lábios nos meus várias vezes.

– Gata, eu estou tão maluco que você pode me dizer qualquer coisa que eu vou concordar. Mas, se vai fazer você se sentir melhor, então me conta. Eu quero saber tudo. Quero que você possa me contar tudo e acredite que eu não vou a lugar algum.

Se eu queria que aquilo funcionasse, precisava acreditar nele. Era uma parte minha que ele precisava conhecer. Estava na hora de eu falar a respeito.

– Ia ter uma festa. De um pessoal do ensino médio. Braden passou uma semana planejando a minha fuga para irmos juntas. Eu seria a sua prima do Mississippi. Ela tinha pensado em tudo. Eu estava empolgada. Nunca havia estado com outras pessoas.

Fechei bem os olhos, porque sabia que contar a história a ele poderia facilmente provocar um ataque. Eu queria ser forte o bastante para contar essa história. Pelo menos ao Woods.

– Vá com calma – disse Woods, me segurando perto dele.

– Eu estava nervosa. Minha mãe havia me flagrado fugindo várias vezes nos últimos meses. Sempre terminava mal. A maior parte das vezes ela me dava uma surra com um cinto de couro. Ela ficava apavorada quando eu saía. E estava falando cada vez mais com meu irmão. Dizia que ele sentia a falta dela e que queria que ela

fosse ao encontro dele. Isso me assustava. Eu sabia que a única forma de ela ir se encontrar com ele seria... morrendo. – Parei por um instante e respirei fundo.

“Nós saímos naquela noite sem problemas. Fui à minha primeira festa. Tive o primeiro contato com o sexo. Não meu, mas de outro casal. Eles estavam transando no banheiro quando entrei. Fiquei perplexa. Os dois estavam muito agarrados, e eu queria aquilo. Queria ficar tão próxima assim de alguém. O sexo e a ideia do sexo passaram a me intrigar depois disso.”

Essa era a parte fácil de lembrar. Tinha sido a parte boa da noite. Eu detestava pensar na última parte.

– Voltamos tarde para casa. Era mais ou menos três da manhã. Eu estava muito feliz. Um cara havia me beijado e eu tinha adorado. Aquilo fora real. Eu tinha vivido... Mas, daí, chegamos em casa. Braden nunca entrava comigo. Sempre esperava do lado de fora até eu estar a salvo lá dentro. As luzes estavam acesas em todos os cômodos da casa. Pudemos ver as luzes do meu quarto do jardim da frente. Foi o primeiro sinal de que alguma coisa estava errada. Minha mãe normalmente ficava no escuro me esperando com um cinto quando descobria que eu tinha saído de casa.

Senti meu corpo tremer. Minha respiração estava ficando mais tensa e pesada. Eu não ia deixar o pânico vencer. Eu ia superar isso. Reuni toda a força que pude e olhei para Woods.

– Braden não saiu quando abri a porta. Ela me seguiu para dentro da casa e ficou ali parada. Nós duas sabíamos. O silêncio era revelador. Não fui muito longe. A casa era pequena e eu fui da sala até o corredor. O sangue... o sangue dela. – Respirei fundo. – Estava escorrendo para o carpete por baixo da porta do banheiro. Eu vi aquilo e soube. Eram apenas alguns passos, mas pareceu mais de um quilômetro daquele ponto do corredor até a porta do banheiro. Ela estava deitada imóvel no piso de azulejo. Tinha os dois pulsos cortados e havia uma lâmina de barbear na poça de sangue ao seu redor. Fiquei perdida em mim mesma naquele momento. Comecei a gritar e segurei a mão dela. Eu estava tentando trazê-la de volta. Mas a verdade era que ela queria se encontrar com o meu irmão e... foi.

Woods me apertou contra o seu peito e me segurou com força.

– Ah, querida. Eu sinto muito. Por tudo. Eu sinto tanto.

Eu ainda não havia terminado. Queria ter terminado, mas não. Havia chegado até este ponto e precisava continuar.

– Braden ouviu os meus gritos e entrou. Olhei para ela e disse que a minha mãe estava morta. Foi quando apaguei. Não me lembro dela ligando para a emergência ou dos paramédicos chegando. Eu estava perdida em um mundo em que a minha mãe estava viva e eu não conseguia alcançá-la. Finalmente, quando voltei a mim, Braden estava do meu lado, me limpando. Tirando o sangue das minhas mãos. Então

ela me vestiu com roupas limpas e ficou ao meu lado segurando a minha mão enquanto eu respondia a perguntas. Foram muitas perguntas. Braden se recusou a sair do meu lado. Quando tudo terminou, fui morar com ela e seus pais durante os dois anos seguintes. Ela estava decidida a me fazer morar com eles. Eu sabia que eles se preocupavam com isso. Ela nunca havia contado a eles sobre mim durante todos aqueles anos e eles tinham medo de mim. Eu não os culpava. Eles nunca se apegaram a mim. Posso ver em seus olhos. Eles ainda estão esperando que eu pire. Às vezes, eu os compreendo, porque estou fazendo a mesma coisa. Esperando...

– *Não diga isso.* Está me ouvindo? Não ouse dizer isso. Você não vai pirar. Você é a pessoa mais forte que eu já conheci. Fico espantado com as coisas por que você passou e pelo fato de que ainda é capaz de iluminar um ambiente ao chegar. Quando olho para você, eu vejo vida. Eu vejo alegria. Eu vejo o meu futuro.

Eu era o futuro dele. Ele era o meu. Se eu tivesse uma vida com Woods à minha frente, sabia que poderia combater qualquer escuridão que tentasse me dominar. Antes de Woods, eu não sabia por que estava vivendo. Na minha busca por encontrar a mim mesma, eu havia encontrado muito mais. Eu agora sabia por que queria viver. Eu compreendia o amor. Eu o havia encontrado.



Woods agradeceu mas não aceitou a oferta de Braden para ficarmos. Ela não discutiu com ele, e eu fiquei surpresa. Woods levou as minhas malas. Não fomos muito longe, porque eu ainda não estava pronta para deixar Braden. Ele encontrou um hotel cinco estrelas em Atlanta e fez nosso check-in. No instante em que a porta se fechou atrás dele, Woods largou minhas malas no chão, veio a passos largos até mim e me levou no colo até a cama king-size localizada no meio do quarto.

– Preciso que você faça uma coisa – disse Woods tirando a camisa e a atirando no chão e começando a abrir a calça jeans.

– Está bem – respondi, olhando para as mãos dele em vez de olhar para seu rosto. Adorava vê-lo abaixando as calças e ficando completamente livre.

– Quando eu estiver dentro de você, preciso que diga que me ama.

Aquele pedido vulnerável fez eu me dar conta de que nunca dissera que o amava. Sentei e pus as duas mãos no peito dele enquanto ele se abaixava sobre mim.

– Você sabe eu que am...

– Ainda não. Quando eu estiver dentro de você. Apenas quando eu estiver dentro de você – ordenou ele com o dedo em meus lábios, para que eu não dissesse ainda.

Tirei minha blusa, e ele deu conta rapidamente do resto. Agarrou meu joelho com a mão e afastou minhas pernas para me ter aberta para ele.

– Preciso beijá-la. Acho que ela sentiu a minha falta – sussurrou ele, abaixando a cabeça até se instalar no meio das minhas pernas.

Pulei embaixo dele e agarrei punhados de seus cabelos, gritando seu nome enquanto ele passava a língua por mim e começava a fazer círculos ao redor do clitóris inchado.

– Está vendo? Ela sentiu minha falta – sussurrou ele, sorrindo para mim antes de deslizar dois dedos para dentro, recolhendo parte do líquido que estava fluindo livremente por causa do intenso prazer que ele estava provocando com a boca.

– Sim, muito – concordei, segurando a cabeça dele parada quando ele enfiou meu clitóris na boca e começou a chupar. Eu estava muito perto do orgasmo, mas o queria dentro de mim. – Preciso de você dentro de mim – arfei, puxando-o para cima para me penetrar.

Woods traçou lentamente um caminho de beijos pela minha barriga, meu peito e pescoço até pairar os lábios sobre os meus. Deu vários beijos suaves em minha boca. Abri minhas pernas para que ele encaixasse sua ereção entre elas. A cabeça do pau dele estava roçando na minha boceta e me deixando louca.

Woods se segurou acima de mim e abaixou os quadris lentamente até afundar em mim. A sensação de plenitude me deixou em êxtase. Woods me completava. Ele curava tudo o que havia de errado comigo. Tê-lo tão perto de mim era tudo o que eu jamais iria precisar.

Ele começou a mexer os quadris para dentro e para fora, flexionando os braços ao meu lado. Passei as mãos pelos braços e segurei seus bíceps fortes para senti-los se mexendo sob meu toque. Olhei para cima e fixei os olhos nos dele.

– Eu amo você – eu disse sem reservas, porque nunca disse palavras mais verdadeiras.

Woods fez uma pausa e pude ver sua garganta engolindo em seco. Levantei a mão e passei as unhas gentilmente em seu pescoço. Cada pedacinho dele me fascinava.

– Eu amo você. Eu nunca vou deixá-la. E eu prometo, querida, que você nunca vai ficar sozinha.

As palavras dele estava repletas de emoção. Levantei o olhar de seu pescoço e vi lágrimas represadas brilhando em seus olhos.

Envolvi firmemente seu corpo com as pernas, então passei os braços pelo pescoço e o trouxe para mais perto de mim. Eu não tinha necessidade de explicar a ele o que eu precisava. Ele sabia. Eu tinha certeza naquele momento de que ele também precisava. Nossos corpos se movimentaram. Era como se verdadeiramente tivéssemos nos tornado um só. Foi a conexão mais profunda que eu já vira.

– Isto é fazer amor? – perguntei a ele quando senti meu orgasmo se aproximar.

– Toda vez que eu estou dentro de você é fazer amor, gata. *Toda vez.*

Sorrindo, dei um beijo em seu ombro e me segurei firme com as ondas de prazer começando a explodir em meu corpo.

O corpo de Woods ficou tenso, e então sacudiu, antes de ele soltar um gemido e

me encher com seu gozo. Quando seu corpo relaxou, girou para o lado e me puxou para perto dele. Ficou me encarando com tamanha devoção que senti um aperto na garganta.

Eu não queria que aquele momento acabasse. Nunca. Se eu pudesse estar sempre tão perto assim dele, minha vida seria completa. Woods começou a me beijar de novo quando o celular dele tocou. Ele franziu a testa e olhou para o aparelho ao nosso lado na cama. Pude ver o nome de Jace na tela.

– É o Jace.

Olhei para o horário no celular. Era uma da manhã.

– Por que ele está ligando tão tarde? Atenda. – Woods estendeu o braço por cima de mim, pegou o telefone e atendeu.

– Alô?

Fiquei olhando toda a emoção se esvair do rosto dele. Ele não disse nada. Jace estava evidentemente falando, porque Woods estava escutando, mas não estava respondendo. Não consegui descobrir o assunto pela expressão em seu rosto.

– Eu ainda estou aqui – disse Woods a Jace, mas foi só o que disse. Nada mais.

Então desligou o celular alguns segundos depois. Ficou sentado, olhando fixamente para o aparelho na mão. Eu não conseguia interpretar sua expressão. Mas havia alguma coisa errada. Ele estava agindo de modo estranho.

– O que ele queria? – perguntei.

– Nada. Ele não queria nada. Só precisava me dizer que meu pai morreu de um ataque cardíaco há trinta minutos.

AGRADECIMENTOS

A Keith, meu marido, que tolerou a casa suja, a falta de roupas limpas e as minhas variações de humor enquanto eu escrevia este livro (e todos os outros).

Aos meus três queridos filhos, que comeram muitos cachorros-quentes, pizzas e sucrilhos porque eu estava trancada escrevendo. Juro que preparei muitas comidas saudáveis para eles depois que terminei.

A Colleen Hoover, Tina Reber, Autumn Hull e Liz Reinhardt, por terem lido e criticado *Estranha perfeição*. Obrigada pela ajuda, moças!

A Jane Dystel, a agente mais bacana do mercado editorial. Eu a amo. Simples assim. E um viva para Lauren Abramo, minha agente de direitos internacionais, que está fazendo um trabalho maravilhoso para publicar os meus livros mundo afora. Ela é demais.

E o mais importante: a Deus. Ele me deu a capacidade e a criatividade para escrever. O fato de que consigo fazer o que amo todos os dias é um presente que apenas Ele pode oferecer.

SOBRE A AUTORA

© Keith Glines



ABBI GLINES nasceu em Birmingham, Alabama. Morou na pequena cidade de Sumiton até os 18 anos, quando seguiu o namorado do colégio até a costa. Atualmente os dois moram com seus três filhos em Fairhope, Alabama. Autora de diversos livros da lista de mais vendidos do *The New York Times*, Abbi é viciada no Twitter ([@abbiglines](https://twitter.com/abbiglines)) e escreve regularmente no seu blog.

www.abbiglines.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



Paixão sem limites

Blaire Wynn não teve uma adolescência normal. Ela passou os últimos três anos cuidando da mãe doente. Após a sua morte, Blaire foi obrigada a vender a casa da família no Alabama para arcar com as despesas médicas. Agora, aos 19 anos, está sozinha e sem lugar para ficar. Então não tem outra escolha senão pedir ajuda ao pai que as abandonara.

Ao chegar a Rosemary, na Flórida, ela se depara com uma mansão à beira-mar e um mundo de luxo completamente diferente do seu. Para piorar, o pai viajou com a nova esposa para Paris, deixando Blaire ali sozinha com o filho dela, que não parece nada satisfeito com a chegada da irmã postiça.

Rush Finlay é filho da madrasta de Blaire com um famoso astro do rock. Ele tem 24 anos, é lindo, rico, charmoso e parece ter o mundo inteiro a seus pés. Extremamente sexy, orgulha-se de levar várias garotas para a cama e dispensá-las no dia seguinte. Blaire sabe que deve ficar longe dele, mas não consegue evitar a atração que sente, ainda mais quando ele começa a dar sinais de que sente a mesma coisa.

Convivendo sob o mesmo teto, eles acabam se entregando a uma paixão proibida, sobre a qual não têm nenhum controle. Mas Rush guarda um segredo que Blaire não deve descobrir e que pode mudar para sempre as suas vidas.

Paixão sem limites – primeiro volume da trilogia Sem Limites, que vendeu mais de 500 mil exemplares como publicação independente – é um livro romântico, sexy e

intenso, que vai conquistar os leitores e deixá-los ávidos pela sequência.



Tentação sem limites

A vida de Blaire Wynn não foi nada fácil. Sua irmã gêmea morreu muito cedo, seu ex-namorado e melhor amigo a traiu e ela precisou cuidar da mãe doente até o último dia de sua vida. Depois de tanto sofrimento, o que ainda seria capaz de machucá-la?

O terrível segredo de Rush Finlay.

Depois de se apaixonar perdidamente por ele, Blaire descobriu algo cruel que destruiu para sempre o mundo que conhecia. Agora ela está mais sozinha do que nunca e precisa recomeçar a vida longe de todos que a feriram. O único problema é que não consegue deixar de amá-lo.

Rush Finlay também não sabe o que fazer. Apesar das tentativas dos amigos e da família para animá-lo, o rapaz segue desolado. Ele já não quer saber da vida que levava, regada a festas, bebidas e mulheres. É atormentado pelas lembranças de um sentimento que jamais imaginara que fosse conhecer e que não pôde ser vivido plenamente.

Nem Rush nem Blaire imaginavam que seus universos pudessem se transformar de forma tão radical. Porém, a maior reviravolta das suas vidas ainda está por vir. E ela será tão intensa que obrigará Blaire a engolir o orgulho, voltar a Rosemary, na Flórida, e enfrentar seus inimigos. Rush por sua vez, terá que lutar para consertar seus erros e se provar digno da confiança e do amor dela.

Segundo volume da trilogia Sem Limites, que já vendeu mais de 5 milhões de exemplares no mundo, *Tentação sem limites* é tão viciante e tentador quanto uma paixão proibida.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS
DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e Inverno do mundo, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e Fique comigo, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e À primeira vista, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e Praticamente inofensiva, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br

e curta nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Estranha Perfeição](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da autora](#)

[Conheça os clássicos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)